

Dunshee de Abranches

ORMA

981

D926n

A REVOLTA DA ARMADA

921.6

E A

REVOLUÇÃO RIO GRANDENSE



BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

CORRESPONDENCIA

□ □ □ ENTRE □ □ □

SALDANHA DA GAMA

E SILVEIRA MARTINS

Primeiro volume

Editor — M. Abranches
RIO DE JANEIRO
1914

A Biblioteca Pública
do Estado do Maranhão,
homenageia o

autor

Ric. de Janeiro - 1911

EXEMPLAR N. 109

Reservam-se todos os direitos desta edição, de que
se tirou apenas um numero limitado de exemplares.

PROPRIEDADE DE

Maurina Abrancios

BIBLIOTHECA PUBLICA
do

ESTADO DO MARANHÃO

Q. 158



Ao Admirante

Alexandrino de Alencar



O BENEDMERITO

REORGANIZADOR DA MARI-

NA BRASILEIRA

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

HOMENAGEM DO AUCTOR





PREAMBULO

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO
PREAMBULO



Não é uma narrativa historica o que vamos fazer. E' uma documentação de factos. Para a historia, é cedo ainda. Nem a revolução federalista do Rio Grande do Sul, nem a revolta de 6 de Setembro, nem o periodo agudo e agitado em que ambas se fundiram em uma mesma reacção contra a ordem de coisas estabelecidas, permítte por ora senão simples chronistas.

Episodios e documentos — eis só o que se póde desde já trazer á luz. Os episodios, que irão formando a tradição. Os documentos, que, com a tradição, muito mais tarde hão de vir constituir a historia.

Com effeito, se extinctas já estão as duas grandes figuras da época — o heróe e o martyr, se os vivos, que ahi andam, resfriadas as paixões, que os arrastaram até a discordia civil, de todo se confundiram de novo no mesmo idéal alevantado e patriotico de assegurar a ordem, como a base primordial da prosperidade nacional, se não se procura mais de lado a lado empanar os feitos de uns nem os talentos de outros, falta ainda a acção do tempo, que, parecendo tudo desfigurar ou consumir, é, todavia, o lapidario insigne que lentamente vai simplificando os acontecimentos até a fôrma singela da verdade.

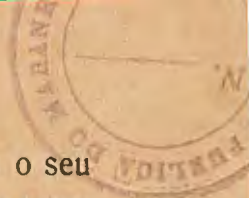
Quanto mais, porém, o desdobrar da vida constitucional da Republica, accidentando-se dia a dia em uma as-

sombrosa progressão geometrica, tira pouco a pouco o character pessoal dos episodios, substituindo os homens pelos factos, tanto mais se caracterizam e se affirmam physionomicamente, dominando todo o vasto scenario do campo revolucionario desse lutuoso periodo, as cabeças proeminentes de SALDANHA DA GAMA e SILVEIRA MARTINS.

Nem o almirante CUSTODIO DE MELLO, com o alto prestigio de seu nome arrastando desordenadamente em poucas horas os seus companheiros de armas á insurreicção e á luta, nem GUMERCINDO SARAIVA, o mais afamado dos caudilhos que, com tanto denodo, ousaram affrontar a bravura dos exércitos de FLORIANO e dos gaúchos de PINHEIRO MACHADO, nenhum delles entre os revolucionarios se avantajará, jámais, na historia áquelle, que se sagrara a si mesmo, em um dos seus impetos de orgulho, o *jequitibá dos pampas*, e áquelle outro, a quem a immortalidade surprehendeu em flagrante nas cochilas ensanguentadas de Campo Osorio.

De Silveira Martins, cuja brilhante intellectualidade se tornára um caso esporadico em meio do atrazo mental do Rio Grande do Sul, quando ainda o indígena se não havia libertado de todo do regimen pastoril, por haver só tardia-mente recebido a corrente civilizadora do Norte, póde dizer-se que foi sempre desde os primeiros dias da Republica a alma de todo o movimento reaccionario contra as novas instituições.

Ainda a nação inteira delirava pela gloriosa conquista de 15 de Novembro, já a fronteira estremecia. Longe da patria, desterrado, ainda contrastava com o platonismo e a



estupefacção dos outros chefes monarchistas. Com o seu influxo, se de lá mesmo trazia em constante agitação a sua terra natal, estendia sorratamente a sua acção de chancellaria em chancellaria da Europa, de circulo em circulo do mundo financeiro, procurando diffcultar o reconhecimento das instituições nascentes e abalar o credito do Governo Provisorio. E, se não fosse o egoismo local que, não sendo só seu, mas geral nos seus patricios, tanto prejudicara já no imperio os estadistas riograndenses e que, na Republica, mais de uma vez os tem reduzido a um papel secundario na politica nacional, se accedesse ás solicitações instantes de imprimir á causa federalista um character mais amplo e mais generico, quando, de convulsão em convulsão, se viu o governo da União, do dia para a noite, quasi um prisioneiro da esquadra, tudo então teria concorrido para que, em pleno coração desta capital, os acontecimentos assumissem as mais graves e temerosas proporções.

A Saldanha da Gama, ao contrario, não foram a fascinação e os azares da politica nem as ambições pessoaes que o lançaram á luta. Espirito disciplinado e disciplinador por excellencia, avesso ás pugnas partidarias e ás exhibições de poderio, só as contingencias do meio, depois de uma luta psychica, acabrunhadora e dolorosa, de tres mezes a fio, o impelliram a desembainhar a espada, jurando solemnemente «sobre o altar da Patria offerecer a sua vida em holocausto á causa que ia defender» e cumprindo nobremente essa promessa, não querendo sobreviver á revolução.

Ha um episodio mesmo, de poucos conhecido, mas por demais significativo e eloquente.

Em uma tarde de dezembro, ia em meio a revolta, na pôpa do *Tamandaré*, depois de fitar longamente o horizonte, o almirante, que pouco expansivo se mostrava então, interpellou bruscamente um dos seus officiaes de maior confiança, perguntando-lhe se sabia verdadeiramente o que o levara a adherir ao movimento da armada.

Republicano intransigente desde a propaganda, o interrogado respondeu-lhe gracejando :

— Foi a restauração...

Saldanha da Gama sorriu-se tristemente e retrucou :

— Está enganado. Não foi a politica ; foi o desespero de ver a nossa farda enlameada.

Seja, porém, como fôr, o certo é que a ambos, ao almirante e ao tribuno rio-grandense, coube incontestavelmente, senão a mesma responsabilidade, ao menos a verdadeira proeminencia nos acontecimentos revolucionarios, desde que a esquadra revoltada e os federalistas se corporificaram de todo em uma só reacção contra o governo constituído. E, nestas condições, o maior serviço, que por ora se poderá prestar á historia, parece estar na publicação que constitue a parte fundamental deste trabalho, da correspondencia entre os dois chefes trocada durante o periodo mais agudo da revolução.

Com effeito, essas cartas, assim como os outros preciosos documentos que as acompanham, se por um lado vêm lançar a luz sobre muitos episodios até hoje ignorados, pelo menos da grande maioria da Nação, por outro esclarecerão pontos controversos ou obscuros e darão a verda-

deira feição a muitos factos, sempre tidos, desde aquella época, como incontrastaveis e reaes.

Além de que, se, na phrase feliz do philosopho grego, as epistolas intimas são o espelho em que se miram as almas, nos autographos que se vão dar á estampa pela primeira vez as individualidades de Saldanha da Gama e Silveira Martins se desenharão taes quaes eram, sem atavios, sem exaggeros e sem preconceitos, na plena espontaneidade de sua natural caracteristica.

Pouco se nos dá, pois, que a fórmula litteraria, que imprimimos a este escorço, procurando concatenar os factos, reconstruir os episodios e velar a monotonia epistolar pelo colorido das situações e pelo encadeamento da narrativa, falhe aos seus fins.

Anima-nos, porém, a convicção sincera de que fizemos um trabalho de que o historiador futuro das revoluções brasileiras neste ultimo decennio não poderá dispensar a leitura, porquanto só nelle poderá encontrar os elementos basicos para a sua critica e para as suas conclusões.

Que ao menos reste aos republicanos o papel de chronicistas, já que para elles se não fez a Republica.

Dezembro — de 1901.

BIBLIOTHECA PUBLICA

do

ESTADO DO MARANHÃO

Duncker de Abreu

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

SUMMARIO — *Adhesão de Saldanha da Gama à revolta de 6 de Setembro — O manifesto de 7 Dezembro e a carta circular aos corpos da guarnição — Relações do Almirante com o exercito — Uma rememoração historica — O gabinete Sinimbu e a Armada — Saldanha suspeito ao imperio — Perseguições do visconde de Ouro Preto e de Laffayette — A questão militar — As conspirações na Republica — Deodoro e a marinha — uma moção.*

Ha tres mezes que a esquadra se rebellára. Ha dois que a acompanhára Willegaignon. E ainda, por sobre a ilha das Enxadas, a insignia da Cruz Vermelha, assignalava a neutralidade de Saldanha da Gama.

Essa neutralidade não fôra um ardil: era um facto.

Por indole e por principios avesso á politica, odiando o governo da espada e sustentando que a espada jámais se deveria levantar contra o poder constituido, o almirante era a 6 de Setembro de 1893, quando rebentou a revolta da Armada, o que fôra a 15 de Novembro de 1889.

Aceitando a Republica contra os seus sentimentos intimos jámais alardeados em parte alguma, não participando uma só vez dos levantamentos, que quasi ininterruptamente se succederam até aquella data, se o governo do marechal Floriano não o encontrou nesse dia, como a 3 de Novembro Deodoro a bordo do «Primeiro de Março», pôde dizer-se, sem medo de errar, que os acontecimentos o apanharam quasi de surpresa.

Saldanha da Gama não entrára na conspiração. (*) Sonhado por um grupo de officiaes, após uma reunião secreta no

(*) Vide nota A no Apendice.

Club Naval, reprovou absolutamente o movimento. E mesmo, quando um dia lhe communicaram que o almirante Custodio de Mello, convidado para assumir a chefia da revolução em preparo, indicara nobremente o seu nome para a direcção suprema das forças, insistiu na primitiva recusa, mais uma vez accentuando a sua obediencia á disciplina e aos deveres militares.

Tambem a neutralidade de Willegaignon não fôra uma cilada nem um embuste de guerra.

Havia na marinha um grupo numeroso de officiaes que eram tidos geralmente por *deodoristas*. Se bem que a cognominação não fosse estrictamente exacta, apesar da grande sympathia de que Deodoro gozava entre muitas patentes da armada, o certo é que quasi tanto quanto o marechal Floriano, o Ministro da Marinha de 23 de Novembro participava das mesmas prevenções de que aquelle era alvo entre muitos dos seus companheiros da esquadra.

Em Willegaignon, pois, predominava a 6 de Setembro aquelle grupo. O pensamento vencedor, tanto mais quanto alli não se contava, como em todos os navios e em toda a parte, que durasse tanto a luta, fôra que se aguardassem retrahidamente os acontecimentos. E só depois de trinta dias de uma resistencia tenaz a todas as solicitações e de uma serie de desgostos, provenientes das manobras postas em pratica pelo governo, quer tentando desfalcas a guarnição, retirando-lhe dia a dia contingentes, que eram enviados para o Realengo, quer negando-lhe medico aos enfermos, quer procurando pela emboscada apoderar-se em uma noite das suas muralhas, foi que essa praça de guerra se decidiu a tomar posição ao lado dos navios rebelados. (1)

Contrariedades semelhantes e ainda mais amargas, sendo talvez das maiores o licenciamento da Escola Naval, a cujos alumnos se dedicara até ao sacrificio, ligadas ao amor proprio

(1) Vide nota B no Apendice.

de classe, fundamente melindrado, foram também a causa principal do pronunciamento, tardio embora, de Saldanha da Gama. (1).

Foi então que, a 7 de Dezembro, o almirante se decidiu a escrever o manifesto que, dois dias depois, tão larga divulgação recebia da imprensa desta Capital e cuja copia authentica, encontrada entre outros papeis no dia 13 de Março seguinte na ilha das Enxadas, reproduzimos abaixo, sem lhe alterar uma só virgula e conservando-lhe antes uns signaes graphicos de que os leitores vão ter immediatamente a explicação.

Eis o importante documento :

«AOS MEUS CONCIDADÃOS — Avesso por principio e por instincto a toda a idéa de revolta, jámais entrei em conluio de qualquer especie.

Hoje, porém, no doloroso momento historico que atravessa a Patria Brasileira, é o proprio governo, são as mesmas circumstancias do paiz que me impellem para a luta.

Aceitando esta situação, que me é imposta pelo patriotismo, reuno-me sem prévios conchavos, em pleno dia e pensando a responsabilidade que tomo, aos meus irmãos que, nas campinas do Rio Grande do Sul e ha tres mezes na bahia desta capital, pugnam valorosamente pela libertação da Patria Brasileira do militarismo, aggravado pela contubernia do sectarismo e do mais infrene jacobinismo.

Official da armada, vou combater com a espada o militarismo, que sempre condemnei toda a minha vida.

Brazileiro, é meu interesse concorrer com os meus esforços para pôr termo a este terrivel periodo, em que lançaram a Patria na anarchia, no descredito, na asphixia de todas as suas liberdades.

«A logica, assim como a justiça dos factos, autorizaria que se procurasse á força das armas repor o governo do Brazil, onde estava a 15 de novembro de 1889, quando, num momento

(1) Vide nota C.

de surpresa e estupefacção nacional, elle foi conquistado por uma sedição militar de que o actual governo não é senão uma continuação.»

O respeito, porem, que se deve á vontade nacional livremente manifestada, aconselha que ella mesma escolha solememente e sob sua responsabilidade a fórma de instituições sob que deseja envolver os seus gloriosos destinos.

Offereço minha vida com a de meus companheiros de luta em holocausto no altar da Patria.

O exercito, que se está batendo com a sua proverbial bravura, não póde mais persistir na defeza de um governo que perdeu o apoio moral da Nação e o credito no estrangeiro. A sua obstinação nesse papel inglorio, ainda quando bem succedida, acabaria por transformal-o, de força nacional que é, numa hoste pretoriana de baixa Republica.

O brado de nossa redempção politica, levantado nas fronteiras meridionaes e que perpassou por Santa Catharina, Paraná e S. Paulo até esta capital, já echoou no extremo norte.

Brazileiros, para apressar a victória, que é certa, cumpre que lhe ponhais o sello, trazendo á luta o concurso de vossa influencia moral. Já é notorio que a causa nacional, em cuja defeza armada vou entrar, tem por si o apoio de todas as classes conservadoras da sociedade brasileira, daquelles que trabalham e produzem e que, aliás, relutam ás sedições, motins e desordens.

E' urgente que sua vontade impere; e é, pois, imprescindivel que a sua sympathia se manifeste clara e positivamente sobre a sua resolução de lançar fóra esse jugo abominavel de escravidão em que o militarismo de 1889 nos quer reter.

Compatriotas! Os povos que abdicam do seu direito não podem queixar-se dos seus oppressores.

O Brazil, cujo passado é curto, mas honroso, tem grande futuro diante de si; só poderá cumpril-o arrancando-se de um

despotismo que o degrada diante de si mesmo e do mundo civilizado.

Mostrae que não somos um povo conquistado, mas um povo livre e conscio dos seus destinos.

Eis a situação.

Espero poder cumprir o meu dever de brasileiro até ao sacrificio.

Cumpri o vosso!— *Luiz Phelippe de Saldanha da Gama, contra-almirante da armada nacional — Ilha das Cobras, 7 de dezembro de 1893.*»

Este manifesto não deixou de produzir, como era natural, grande emoção no espirito publico. E diante da explicação que, em torno d'elle, fez habilmente a imprensa governista, levantando a alma republicana do paiz, não faltou quem logo, pelos jornaes dos Estados, onde a revolta contava entusiasmicos adeptos, procurasse contestar a sua authenticidade, descobrindo as mais perfidas alterações e truncaturas nessa proclamação, em que Saldanha da Gama então assumira tão graves e solemnes compromissos.

Entretanto, o manifesto fôra fielmente reproduzido na integra. E um confronto minucioso do documento, que inserimos acima, com o que publicaram as folhas da época, apenas assignalará como unica differença, umas *aspas* marcando o peragrapho, em que o almirante dizia que *«a logica assim como a justiça dos factos autorizaria a que se procurasse à força das armas repor o governo do Brazil, onde estava, a 15 de novembro de 1889.»*

Aquellas aspás, porém, não foram ali postas pelo punho de Saldanha da Gama.

Após a redacção do manifesto, elle o dera a ler a diversos officiaes; e um delles, o seu bravo secretario, o capitão de fra-

BIBLIOTHECA PUBLICA
do

gata Benjamin de Mello, que lhe era dedicado até o sacrificio da propria vida, assignalando assim graphicamente aquella trecho, para elle chamou a attenção do almirante, perguntando-lhe se não receiava a exploração que aquellas palavras, embora com a resalva do condicional, iriam provocar, e se não seria conveniente supprimil-o.

Saldanha da Gama então respondeu que exactamente nesse periodo estava a justificativa do seu procedimento naquella emergencia, pois que era preciso que ficasse bem claro que sempre fôra infenso a toda e qualquer sedição militar.

Este episodio nos foi relatado por um illustre official, testemunha de vista do dialogo; e, se por um lado nos dá um traço curioso da psychologia do heroe do Campo Osorio, por outro abre á critica historica uma porta para as mais interessantes e meticulosas investigações.

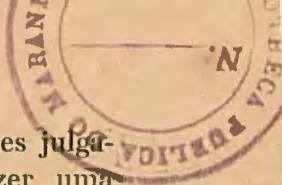
Entrementes, lançado á mais franca publicidade o manifesto de 7 de dezembro, era elle seguido da *carta-circular*, concitando os corpos da guarnição desta capital a adherirem á revolução. (1)

No nosso archivo, não possuímos uma só prova substancial, que nos autorize a affirmar a authenticidade dessa outra peça politica. Mas, se o facto de não ter sido jámais contestada a sua autoria bastasse para admittir-lhe a existencia, precedentes havia que, até certo ponto, justificariam a attitudo de Saldanha da Gama, julgando-se no direito de falar ao exercito.

Assim é que, antes mesmo da phase aguda da questão militar, em cujo curso mais de uma vez o seu conselho preponderou, um acontecimento imprevisto o tornou um dos protagonistas, logo nos seus prodromos.

Em 1879, dirigia o paiz o gabinete Sinimbú, de que eram a alma e o cerebro dirigente os Srs. visconde de Ouro Preto e conselheiro Lafayette. E, tendo o governo de então, sob pretexto de economias, proposto grandes córtes nos orçamentos da

(1) Vide nota D.



guerra e da marinha, os officiaes de ambas as classes julgaram-se fundamente prejudicados e resolveram fazer uma grande reunião para se occupar do assumpto e estudar os melhores meios de defesa dos seus interesses e dos das corporações de que faziam parte.

Effectivamente, reuniram-se; e, depois de longa discussão, nomearam uma commissão da qual fazia parte Saldanha da Gama.

O gabinete, porém, descobriu logo nessa manifestação militar um acto de indisciplina, que convinha evitar-se e mesmo punir-se a todo transe. E o que é mais interessante, a sua má vontade particularmente se estendia ao almirante, ainda official de patente inferior, censiderando-o um elemento perigoso na classe armada.

Complicou-se então a situação; e, só depois de muitas explicações de parte a parte sobre o fim dessa reunião dos officiaes e modo de fazerem a sua reclamação, foi que o governo prometteu ceder, mas *sob a condição* de ser Saldanha da Gama excluido da commissão dos militares.

O illustre marinheiro era, pois, nessa época, um suspeito ao imperio! A sua presença, á frente dos seus camaradas apesar de todas as suas tradições de familia, tornava-se uma ameaça á disciplina e um perigo ás instituições! E assim pensavam no gabinete Sinimbú os ministros Affonso Celso e Lafayette, os mesmos homens que, até ha pouco, não só em seus manifestos, como em todas as occasiões em que exhibiam os seus sentimentos monarchistas, viviam a endeosar-lhe a memoria, procurando fazer delle uma bandeira de combate!

Que grandes ensinamentos nos tem trazido a historia destes ultimos vinte e cinco annos!

Entretanto, mesmo depois de proclamada a Republica, entre aquelles, por cuja defesa naquella ocasião sofferam as

mais injustas perseguições, não diminuira o prestígio de Saldanha.

E, em fins de 1891, a officialidade dos corpos desta capital, reunida solememente, á vista de insistentes e perversos boatos que corriam sobre a sua co-participação em projectado plano subversivo, confiava a sua guarda uma moção de que fazia portador a Deodoro e que, pelo tom significativo em que foi redigida, merece ser sempre lembrada.

Eis o interessante documento :

«No intuito de desfazer os boatos, que infelizmente circulam, de restauração para a qual contam com a força de infantaria a officialidade do 1º, 7º, 10º, 22º, 23º e 24º batalhões de infantaria, reunida, resolve protestar contra taes especulações por isso que foi, é e será pela Republica Federativa, e declara que taes boatos só podem partir de especuladores, que buscam tirar vantagens do estado anarchico que infelizmente parece percorrer as camadas sociaes.

Entretanto, affirma mais uma vez que este ou outro governo qualquer poderá contar com a sua solidariedade para a manutenção da ordem e sustentaculo da Republica.

Capital Federal, 17 de Dezembro de 1891.»

A verdade, porém, é que, dirigindo-se naquelle momento ao exercito, quando assumia de facto o commando da revolta, no espirito do almirante talvez houvesse menos o intuito de captar-lhe a adhesão do que o desejo de apagar o effeito negativo, que o seu manifesto havia produzido no espirito republicano, em parte infenso ao marechal Floriano, pela desconfiança que em muitos se alastrava de que elle pretendia prolongar-se no poder, instituindo a dictadura militar.

A revolução, todavia, tomava novo aspecto e ia entrar na sua phase decisiva.

II

SUMMARIO — *Situação moral da esquadra — Dez dias de vacillações e de incertezas — Explorações dos jornaes — Difficuldades de comunicação — Projecto de um manifesto — Em mãos de Silveira Martins — Um autographo curioso — O secretario do almirante — Carta aberta ao general Cesario Alvim — O Dr. Americo Luz e a imprensa mineira — Documentos enterrados — Mallogro da publicação.*

O manifesto de Saldanha da Gama, falhando aos seus fins, parecera não ter attrahido mais elementos de vida e de combate á causa da revolta.

A reacção, pelo menos aparentemente, fôra nulla nesta capital, de onde o estado de sitio afugentara a maior parte dos chefes mais prestigiosos da opposição. Um só movimento se notara favoravel ao appello vehemente do almirante. E aquelles que, representando no alto commercio e nas finanças, a velha corrente reaccionaria contra as instituições republicanas, mais haviam concitado a armada a atirar-se aos azares da revolução, esses mesmos se recolhiam ao mais inexplicado e condemnavel mutismo, sob todos os pretextos, furtando-se a accudil-a com os auxilios tão solememente promettidos nas vespervas de 6 de setembro.

Por outro lado, apezar do tradicional heroismo e resignação ao soffrimento dos brasileiros combatentes, a situação moral da esquadra não era menos dolorosa. No maior vigor que se notara nos ataques dos dias seguintes aos fortes da barra e aos pontos do littoral, guarnecidos pelas forças legaes, havia antes mais o desespero do que a animação.

A linguagem ardorosa e violenta da imprensa governista, apostrophando dia a dia de *restauradora* a nova phase do movimento e chamando os republicanos a postos, para que

esquecessem quaesquer resentimentos e dissensões, unindo-se todos na defesa commum dos seus idéaes, ainda mais corporificada naquelle momento na pessoa do marechal Floriano; as cartas, endereçadas a *O Paiz*, pelos 1^{os} tenentes Arthur Alvim e Souza Pinto, capeando as cópias dos officios, em que, dando mais força áquellas affirmativas, se dirigiam ao almirante Saldanha, desligando-se da revolução, á vista do *character monarchico* que esta acabava de assumir; e as manifestações, as mais variadas, que de toda a parte começaram a surgir, quer das classes civis, quer das militares, protestando todo o apoio á resistencia contra os que se começaram a chamar *os inimigos da Republica*—tudo isso a mais funda impressão produzira a bordo dos navios insurgidos.

Passaram-se assim dez dias de vacillações e de incertezas. E, durante esse tempo, mais de um alvitre se procurou pôr em pratica para destruir o effeito prodigioso que os jornaes florianistas haviam incontestavelmente tirado das palavras de Saldanha da Gama.

Houve mesmo mais de um official que procurou convencer o almirante de que deveria fazer um novo manifesto, explicando as phrases do primeiro, tão ardentemente exploradas e discutidas pela imprensa governista.

Mas este se recusou formalmente a isso, dizendo que, se assim fizesse, seria um não acabar mais, porquanto a cada nova declaração surgiriam mais mil e um commentarios e interpretações sophisticas da mesma ordem, desde que a suspensão dos jornaes, que lhe eram affectos, o collocara com seus companheiros em posição de não terem na capital quem os defendesse e justificasse.

Infelizmente, espiritos trefegos e levianos, mesmo entre os officiaes combatentes da esquadra, se acharam no direito de usar e abusar do nome do almirante, de modo que diversos outros manifestos, em poucos dias, appareceram, correndo em cópias de mão em mão, todos attribuidos ao novo chefe revolucionario.

Entre estes, um foi enviado para Montividéo a Silveira Martins; e tal era a respeitabilidade do emissário, que o illustre rio-grandense tomou a serio o documento, guardando-o preciosamente até quasi a sua morte, entre os seus papeis de maior importancia.

Eis a curiosa peça, em que a assignatura de Saldanha da Gama está grosseiramente imitada:

«O povo bem orientado, não só desta capital como do Brazil inteiro, sabe perfeitamente que o manifesto e outros documentos a mim attribuidos foram e são indignamente falsificados na sua publicação impressa (apresentem o original), com o perfido e miseravel intuito de deslocar artificialmente o nobre fim da revolução do terreno em que já agonizava este governo dictatorial, que nos envergonha perante o mundo. Sabe mais este povo que a idéa de plebiscito é precisamente a mesma pela qual se bate gloriosamente o Rio Grande do Sul, e vem a ser consultar a Nação sobre qual dos systemas de GOVERNO REPUBLICANO esta prefere envolver os seus gloriosos destinos.

Sendo certo que todas as infamias têm sido empregadas contra a revolução, o povo do Rio de Janeiro, não obstante o regimen do terror, em que vive, aguarda tranquillo a victoria da revolução, convencido de que com esta virá a instituição do governo republicano civil, ficando para sempre banidos e extirpados o militarismo e jacobinismo que avassalam a Nação.

Para esse *desideratum* é que a revolução luta victoriosamente, digam embora o contrario os assalariados pelo Thezouro Nacional, agora pagos e remunerados com a emissão falsa da antiga monarchia, que foi jogada á circulação.

Viva a Republica Civil!

Viva a Revolução!

Morra o Jacobinismo!

Ilha das Cobras, 20 de Dezembro de 1893 — Lutz Phelippe
de Saldanha da Gama,»

Ora, não só por conhecimento de causa, como pelo meticuloso escrupulo com que nos havemos sempre no exame e aquisição dos autographos, em que baseamos os nossos trabalhos e com que pretendemos enriquecer a bibliographia patria, podemos affirmar que o documento que, por simples curiosidade historica, acima transcrevemos, é inteiramente apocrypho.

O estylo que, em poucas pessoas como Saldanha da Gama, trahia tão de perto o homem, não é o delle.

O almirante era na escripta o que se mostrava no trato. E, se a correcção da sua phrase não se eximia muitas vezes dos senões, de que só a pratica a torna escorreita e limada, a delicadeza dos conceitos reflectia sempre a educação aprimorada do seu espirito culto e elevado.

Demais, vivos ahi estão ainda o seu secretario e os officiaes que mais gozavam da sua intimidade. E nenhum delles poderá vir dizer que este tão celebrado e discutido manifesto de 20 de Dezembro fosse de sua lavra.

Saldanha da Gama, podemos affirmar sem receio de contestação, resistiu então firmemente a toda a sorte de solicitações, para que se dirigisse de novo á Nação, desmentindo as intenções de que vehementemente o accusavam, de pretender restaurar o Imperio, se acaso a victoria lhe fosse favoravel.

Consideravá elle essa segunda exhibição uma verdadeira e inutil puerilidade. E, avesso por natureza ás lutas da publicidade, vivia a dizer sempre que a *mania da verbiagem* era uma das principaes causas que mais de perto compromettiam a marcha da revolução.

E' certo que, naquella occasião, o almirante não medira talvez bem o alcance que teria uma declaração sua, categorica e positiva, que diminuísse sensivelmente o immenso ruido

que se fizera em torno do seu manifesto. Para isso, muito concorrera quicá o facto de não ler assiduamente os jornaes. Os seus companheiros, todas as vezes que podiam, subtrahiam-lhe as folhas em que era rudemente atacado, para que se lhe não augmentassem os aborrecimentos e os desgostos. E os multiplos trabalhos, que lhe pesavam sobre os hombros, tambem o absorviam de tal sorte que, dias seguidos, não lhe deixavam um só instante de repouso.

Entretanto, tão intenso se mostrara entre quasi toda a officialidade da esquadra o desejo de que se viesse a publico explicar o verdadeiro espirito e os intuitos do manifesto de 7 de dezembro, que Saldanha, por fim, accedeu a que o seu secretario se incumbisse dessa tarefa.

Redigiu então o illustre capitão de fragata Benjamin de Mello o novo documento e, lido ao almirante, este lançou por baixo a declaração de que com elle estava de pleno accôrdo em todos os seus termos.

Uma difficuldade, porém, surgiu logo. Diante da linguagem franca e positiva em que fôra moldado esse escripto, haveria todo o interesse politico para as folhas desta capital em não publical-o. E, nessas condições, só restaria recorrer á imprensa de um Estado, onde a lei marcial ainda não dominasse, vedando á opposição a livre manifestação de pensamento.

Houve quem lembrasse o Estado de Minas; e resolveu-se então endereçar o artigo em fôrma de uma carta-aberta ao general Cesario Alvim, pedindo-se-lhe em missiva officiosa que a dêsse promptamente á estampa.

Assim se fez; mas, para conseguir burlar a vigilancia do governo do marechal Floriano que, dia a dia, procurava mais obstar as communicações da esquadra com a terra, decidiu-se aproveitar as intimas relações de um dos officiaes com o Dr. Americo Luz, encarregando um parente deste, re-

sidente n'esta cidade e insuspeito á situação dominante, de fazer chegar ás mãos delle o precioso documento.

Infelizmente, ao receber a delicada incumbencia, tal foi o terror que se apoderou do seu primeiro depositario que, naquella mesma noite, eram os papeis enterrados nos fundos da chacara, em que residia, perdendo-se assim para sempre um dos mais importantes documentos historicos da revolta e mallogrando-se inteiramente todas as esperanças que grande parte da esquadra ligava á sua larga divulgação pela imprensa mineira.

III

SUMMARIO — Missão secreta ao Rio da Prata — Primeira carta de Saldanha da Gama a Silveira Martins — O guarda-marinha Burlamaqui — Novo plano strategico — Aquisição de forças de terra — Os federalistas em Nictheroy — Complicações com as esquadras estrangeiras — Dois episodios ignorados — Conflicto com a Divisão Americana.

Se o estado moral da esquadra não era propriamente de abatimento, um mez depois de haver adherido francamente ao movimento o almirante Saldanha, porquanto, com um chefe daquella altura e prestigio, difficeis se tornam os desfallecimentos, todavia a sua situação material era cada vez mais precaria e insustentavel.

A's difficuldades monetarias, ia-se juntando dia a dia a escassez de viveres e, especialmente, de munições de guerra. E se, de um momento para outro não chegassem recursos estranhos, cujas remessas não haviam passado até ali, na maior parte, de simples promessas, se novos elementos de combatividade não viessem dar corpo aos esforços até o momento tão heroica quão inutilmente despendidos, tornar-se-hia inevitavelmente desesperadora a conservação das posições conquistadas na bahia de Guanabara.

E' verdade que, na grande maioria das guarnições, comandantes e praças ignoravam a triste realidade da situação. Um pequeno grupo de officiaes, sabedor apenas do facto, guardava sobre elle o mais absoluto segredo. E Saldanha da Gama, com a sua assombrosa actividade, sobre tudo providenciava e tudo dispunha de tal fórma que as apparencias eram de vida, de pujança, em todos os navios e em todos os fortes.

Entretanto, impossivel se tornava por mais tempo prolongar esse estado de coisas. Cada dia que se passava, o go-

verno do marechal Floriano accumulava novos contingentes, que o iam pouco a pouco apparellhando para transformar a defensiva em offensiva. E, dos progressos da revolução nos Estados do sul e da acção politico-estrategica do governo provisorio estabelecido em Santa Catharina, só chegavam noticias de dissensões intestinas, estereis e inuteis, em que o partidario de companario tudo absorvia de um modo desanimador e desastrado.

Nestas amargas emergencias, entendeu Saldanha da Gama enviar um emissario em commissão secreta ao Rio da Prata, junto a Silveira Martins.

As suas relações, porém, com o eminente tribuno, se bem que sempre cordiaes, não eram ainda tão estreitas que o autorizassem então a usar para com elle de toda a franqueza em um documento escripto.

Além de que, não era pequeno, nessa occasião, o perigo de cair um papel dessa ordem em poder do governo do marechal. E assim resolveu o almirante dar instrucções verbaes a um official de sua inteira confiança, para que este transmitisse, pessoalmente tambem, o seu pensamento e seus planos ao chefe supremo dos federalistas.

Foi, pois, escolhido para essa missão delicadissima o guarda-marinha Armando Burlamaqui que, sem detença, partiu para as aguas do Prata, levando as credenciaes na seguinte carta de recommendação, primeira que escreveu Saldanha da Gama a Silveira Martins:

«Rio de Janeiro, janeiro 5—94—Exmo. e prezado Sr. conselheiro Gaspar da Silveira Martins—Apresento e recommendo a V. Ex. o portador, guarda-marinha Armando Burlamaqui. Póde V. Ex. confiar nelle. Elle dirá a V. Ex. o que vai fazer ao Prata e o que por aqui se passa. Peço a V. Ex. todo o apoio para elle. Além da missão de que vai encarregado, elle poderá ahi prestar á nossa causa valiosos serviços.

Digo apenas mais que convem não perder tempo. A situação da esquadra neste porto torna-se cada dia mais difficil e precaria.

Desejando a V. Ex. toda sorte de prosperidades, subscrevo-me como sempre — De V. Ex. compatriota, admirador, respeitador e grato—*Luiz de Saldanha*».

Ora, nas meias palavras da carta acima, facil será descobrirem-se os embaraços quasi insuperaveis com que arcava o almirante para assegurar as posições tomadas desde 6 de setembro, diante do cerco, cada vez mais apertado, em que se encontrava, pela fortificação crescente de todos os portos do littoral da bahia.

A viagem mesmo do almirante Mello aos Estados do sul não trouxera mais meios de ataque e de defesa á esquadra. Não havia no proprio porto um navio em regulares condições de navegabilidade. E, na imminencia da partida da Bahia da esquadra do Almirante Jeronymo Gonçalves, se não chegassem recursos immediatos e proficuos a resistencia seria impossivel.

Além de que, a missão ao Prata do guarda-marinha Burlamaqui não se limitava sómente ao levantamento urgente de auxilios pecuniarios.

Saldanha da Gama, ao assumir a direcção do movimento, concebera um plano estrategico muito diverso do platonismo inexplicavel de Custodio de Mello, sem duvida um official valoroso e distincto por muitos titulos, mas infeliz nos seus primeiros passos na revolução.

Para o almirante Saldanha, que, além de marinheiro, possuia admiraveis qualidades de general, era imprescindivel necessidade, como se verá em um dos preciosos autographos, que adiante publicaremos pela primeira vez, organizarem-se forças de terra para conquistar Nitheroy e fazer d'alli a principal base das operações.

Sob este pensamento, elle tambem mandara pelo seu joven emissario instar com Silveira Martins para que interviesse com a sua poderosa autoridade, de modo a conseguir que as divisões federalistas que operavam em S. Catharina e Paraná abandonassem ali, no todo ou em parte, o campo de acção e viessem operar na bahia do Rio de Janeiro. E concluia instando para que, ao menos, ás forças do coronel Salgado se entregasse tão importante quão urgente commettimento.

Infelizmente, Silveira Martins obstinou-se a satisfazer essa instante solicitação do almirante, embalado nessa miragem grandiosa em que via então «o seu Napoleão dos Pampas, de serra em serra, de cidade em cidade, vir em marcha triumphal bater ás portas da capital da Republica».

E Saldanha da Gama teve por fim de restringir-se aos seus proprios recursos, jámais podendo, com probabilidades de bom exito, fazer um desembarque e empenhar-se em um combate decisivo.

Além de que, apezar de todas as sympathias que lhe tributavam os navios de guerra estrangeiros, surtos no porto, para garantir os interesses das suas nações, não raras vezes complicações surgiam que vinham distrahir a direcção dos movimentos da esquadra.

Dois episodios, entre os que até hoje não foram revelados, bastam para exemplo.

Tendo o contra-almirante Pinto da Luz, então capitão do porto do Rio de Janeiro, officiado ao almirante francez, communicando-lhe que não podia responsabilizar-se pelo deposito de carvão de pedra da Saude, no qual se costumavam abastecer os vapores de sua nacionalidade, e que, portanto, o entregava á sua guarda, este communicou o facto a Saldanha da Gama, que immediatamente lhe enviou um

officio terminante e vehemente, em que lhe declarava considerar como «inimiga toda e qualquer bandeira estrangeira que fluctuasse sobre o territorio nacional».

Este incidente, que ia tendo lamentaveis consequencias, seriamente preocupou durante dias seguidos a esquadra, que chegou a preparar-se para a luta, caso o commandante francez insistisse no seu intento.

Outro caso que não pequenos trabalhos e sacrificios, estranhos ás operações, deu a Saldanha da Gama, foi o facto de tentar o almirante inglez assumir, por causa da irrupção da febre amarela e de accôrdo ainda com o. mesmo capitão do porto, a policia sanitaria do ancoradouro.

A instituição desse serviço, que mereceu até as honras de um discurso de Gladstone, insinuando a necessidade de reconhecer a Inglaterra a belligerancia aos revoltosos, desde que se apresentavam como uma força perfeitamente organizada, muito deu que fazer ao almirante brasileiro.

Finalmente, o conflicto com o chefe da esquadra americana vinha vibrar um golpe tremendo no brio militar e no coração patriotico de Saldanha, destinado como parecia ser a ferir de morte o prestigio enórme, que, apesar de tantos e tão duros revezes, ainda gozava entre os seus destemidos companheiros de luta.

Bem differente do seu antecessor, que fôra destituído do commando da divisão *Yankee* por haver saudado o pavilhão de Custodio de Mello, o almirante Benham, desde que assumira aquelle posto, primára logo em ostentar as suas sympathias por Floriano. E, poucos dias antes do sangrento combate de 9 de Fevereiro, demonstrava em factos essa sua disposição de animo, e quebrava a neutralidade, até alli guardada. pro-

hibindo a Saldanha que impedisse a atracação ao caes da cidade de tres navios mercantes de seu paiz, suspeitos de conduzirem armas e munições para o governo legal, escoltando-os em seguida por vasos de sua poderosa frota e mobilizando esta em attitude aggressiva ás desmantelladas unidades brasileiras. E tudo isso se fazia quando a esquadra revoltada estava prestes a perecer á mingua ou entregar-se á discrição ao marechal Floriano ! (.)

(.) Vide Nota E.

IV

SUMMARIO — *Posição desesperada — Os monarchistas e os auxilios á revolta — Propostas de recursos — Emissão de duzentos mil contos — Recusa de Saldanha — O combate da Armação — O almirante Custodio — Accentuação de divergencias — A esquadra de fóra e a esquadra do porto — Fracasso da expedição á Bahia — Signaes desattendidos — Rumo do Sul*

Emquanto, ancioso e esperançado, aguardava Saldanha da Gama os auxilios que mandára pedir a Silveira Martins, as condições precarias da esquadra tocavam quasi a um ponto de verdadeiro desespero.

As proprias munições de guerra esgotavam-se rapidamente a olhos vistos. E não tardaria talvez o momento em que as baterias dos fortes e os canhões dos navios seriam forçados a emmudecer por falta absoluta de tiros.

Demais, um mez já se escoara sobre a partida do emissario especial ao Rio da Prata. E, desta capital e mesmo de S. Paulo e Minas, tão miseraveis e excassos haviam sido os récursos recebidos, que tudo parecia cada vez mais prentenciar que a esquadra só deveria continuar a contar com os seus proprios elementos.

Não passavam assim de uma lenda os celebrados milhares de contos, com que os monarchistas do paiz e do estrangeiro arrotavam ter subsidiado as despesas da revolta, depois que assumira de facto o commando da esquadra o almirante Saldanha. E, se algum delles levantou esses fundos, não foi certamente na sustentação das operações que elles se escoaram.

Com effeito, ao deixarem em 18 de Março o almirante e seus companheiros, como se verá mais tarde, o porto desta capital, toda a sua fortuna em caixa não passava de trezentas libras!

E' verdade que, mesmo no momento agudo em que se encontrava a esquadra ao iniciar-se o mez de Fevereiro, teve Saldanha da Gama mais de uma proposta de emprestimo por parte de banqueiros da Inglaterra e dos Estados Unidos; mas eram todas tão ignominiosas e degradantes para a honra do Brazil que elle declarou preferir acabar á mingua a aceitar-las nas condições em que lhe eram offerecidas.

Um desses agentes financeiros mesmo lhe tóra recommendado pelo almirante americano. E, para se avaliar pallidamente o teor das outras propostas, basta dizer-se que essa consistia mais ou menos em fazer-se, sob a responsabilidade do governo de Santa Catharina, uma emissão de duzentos mil contos, dos quaes cem mil seriam entregues desde logo para as despezas da revolução, ficando o resto como commissão ao syndicato que se incumbiria, além de fazer bom esse dinheiro por intervenção diplomatica, de obter a belligerancia para os revolucionarios, pelo menos junto de duas grandes potencias.

E' inutil accrescentar-se que semelhante offerecimento teve logo energica repulsa que felizmente nos livrou da liquidação inevitavel de mais um penoso encargo, que certamente, a esta hora, estaria ainda pesando, como outros muitos, sobre as nossas desgraças financeiras.

O certo, porém, é que, a 5 de Fevereiro, taes eram as difficuldades que antolhavam já os movimentos da esquadra, que Saldanha da Gama, em um momento de desespero, quasi deu nesse dia um desembarque nesta capital, disposto a pôr termo de uma vez a tão dolorosa quão insustentavel situação.

Entretanto, ponderando as consequencias desse acto, que não traria senão novas perdas de vidas preciosas e nenhum resultado pratico, voltou elle as vistas para a Armação, onde poderia ainda abastecer-se de munições bellicas para mais algum tempo.

Foi essa a causa principal do sangrento combate de 9 de fevereiro, no qual, de lado a lado, o heroísmo dos brasileiros se assignalou em rasgos notaveis de bravura, dignos, embora, de melhor applicação na defesa da integridade da Patria.

Saldanha commandara em pessoa o assalto. O encontro foi terrivel, encarniçado e violento. Disputara-se palmo a palmo o terreno. E, apesar da grande superioridade numerica das tropas leaes e dos ferimentos que então recebera na luta, poudes elle medir bem as forças do inimigo e convencer-se ainda mais de quanta razão estava possuido quando tão insistentemente instara com Silveira Martins para que lhe fosse enviada uma das divisões federalistas. Essa teria então operado conjuntamente com a esquadra tomando Nitheroy e d'ahi fazendo a base de todos os movimentos. E estes se irradiariam logo por terra até a fortaleza de Santa Cruz por um lado e, por outro, até a Estrada de Ferro Central, afim de cortar as communicações com os Estados de Minas e S. Paulo, isolando a capital da Republica do resto da federação e nella o marechal Floriano.

Apezar, porém, de haver alcançado em bôa parte o seu fim no ataque á Armação, outros desgostos não pequenos acabrunhavam então a alma profundamente sensivel de Saldanha da Gama.

O resfriamento, até hoje inexplicado, de suas relações com o almirante Custodio de Mello, accentuára-se da parte deste por tal fórma, que uma verdadeira scisão se operara nos proprios navios, desembaraçando-se completamente a chamada *esquadra de fóra da esquadra do porto*, sob o commando immediato de Saldanha.

Assim foi que, tendo-se resolvido fazer atacar por aquella, nas aguas da Bahia, os improvisados vasos de guerra do almirante Jeronymo Gonçalves, não tardava a chegar a este porto a noticia surprehendente de haver o commandante Alexandrino desistido de levar avante a operação, regressando de meio caminho.

Nessa occasião. como se verá ao depois em emocionante documento, tão graves já eram as emergencias em que se achavam Saldanha da Gama e seus companheiros, que resolvera, já que lhe não chegavam os esperados recursos, abandonar esta bahia, transportando-se com toda a sua gente para o sul, onde mais desafogadamente poderia ainda combater com vantagem.

Desgraçadamente, porém, para o almirante e seus valorosos commandados, o *Aquidaban* desattendeu a todos os signaes que lhe foram feitos, ao passar a barra; recusou-se a entrar novamente no porto, e, indifferente e mudo a todas as solicitações que lhe dirigiram, tomava rumo do sul. (1)

Este facto ainda mais veio complicar a situação extrema a que se sentia reduzido naquelle momento o almirante Saldanha.

Pesando a enormissima responsabilidade, que lhe cabia pela vida e pela sorte de tantos e tão abnegados camaradas, imaginara elle um plano salvador. Embarcaria os doentes e feridos naquelle poderoso couraçado, que mais de uma vez impunemente affrontara as fortalezas da barra; e, com um ou dois navios, que pudesse apparellhar, sairia tambem, assim protegido, indo juntar-se aos seus companheiros de armas, disposto a combater ao lado delles, estivessem onde estivessem, até o ultimo momento.

A recusa, porém, da parte do commandante do *Aquidaban* a acceder aos seus instantes chamados, collocava-o outra vez em insuperaveis embaraços, desde que não poderia arriscar-se a transpor a barra com o material fluctuante que possuia, sem uma embarcação sequer em estado regular de manejabilidade, e capaz de por si só tentar a passagem dos fortes legaes e a travessia do oceano.

(1) Vide na importantissima Nota F — do Appendice a defesa cabal do' commandante Alexandrino de Alencar.

Entrou então a revolta nessa phase sombria e amaríssima, em que os silvos das balas e o troar dos canhões já não resuscitavam mais, como dias antes, as ruínas das muralhas destruídas, porque o desânimo matara bruscamente a todos os corações e de todos os corações haviam desaparecido as últimas esperanças.

V

SUMMARY — O dia 11 de março — Rendição imminente — Offertas officiosas — Reunião de officiaes brasileiros — Saldanha da Gama e Benjamin de Mello — Os navios francezes e inglezes — Preferência aos portuguezes — Pedido official de asylo — Uma proposta de capitulação — Um desmentido historico — A acta do asylo — Abandono das posições — Para os mares do Prata.

Lugubrememente despontára para a esquadra o dia 11 de março. A rendição era imminente. Exhaustos os paíões, não havia mais munições para uma hora de combate cerrado. E atravez dos escombros das baterias demolidas, á sombra dos porões dos velhos navios desmantelados e esbatidos por seis mezes de ininterrupta resistencia, só o heroismo legendario do marinheiro nacional vibrava ainda, vivido e pujante, como se essa ardua campanha começara apenas na vespera.

Cedo, todavia, reunira Saldanha da Gama os commandantes e officiaes na ilha das Enxadas. E, uma vez em conselho, expuzera-lhes francamente a gravidade da situação.

Começou o almirante fazendo notar que não era para ninguém mais um mysterio que impossivel se tornara manter por mais tempo as posições occupadas no porto desde 6 de setembro. Todos os sacrificios seriam daquelle momento em diante improficuos e inuteis. As proprias esquadras estrangeiras já haviam presentido a imminencia do desastre. E, primeiro, o commandante francez, e logo depois o inglez, em conversa toda officiosa e intima, já lhe haviam offerecido generoso e seguro asylo a bordo dos seus navios.

Entretanto, accrescentou Saldanha da Gama, se o conselho, ali reunido, deliberasse já ser occasião de tomar-se essa medida extrema, era opinião sua que se escolhessem os vasos

portuguezes, já por uma deferencia a essa nação co-irmã, a que nos ligavam tantos e tão velhos laços de tradições politicas, já pelo fidalgo e hospitaleiro agasalho de que todos certamente ali iriam gosar.

A uma observação do capitão de fragata Benjamin de Mello, lembrando o estado precario desses navios, o almirante replicara ironicamente, dizendo que o seu secretario com certeza prefereria que se escolhessem os couraçados americanos. E terminando declarou que era deliberação sua, maduramente reflectida e tomada, que, uma vez em bom asylo os seus officiaes e commandados, se entregasse elle ao marechal Floriano, como unico e principal responsavel por todos os acontecimentos.

Estas palavras de Saldanha da Gama foram recebidas com vehementes protestos de toda a officialidade, que terminantemente lhe respondeu que, caso persistisse no intento de deixar-se ficar na ilha das Enxadas, todos tambem permaneceriam ao seu lado, desobedecendo-o e com elle morrendo debaixo das baterias do inimigo. E, depois de larga discussão em que diversos alvitres foram suggeridos, resolveu-se consultar amistosa e préviamente o commandante portuguez sobre a immediata concessão do asylo.

Emquanto, pois, desempenhava essa commissão o 1º tenente Retumba, deliberava-se tambem sobre se se devia ou não propor a capitulação ao marechal Floriano. E, decidida esta, já que se tornava quasi humanamente impossivel embarcarem nas duas corvetas portuguezas mais de quinhentas pessoas, assentavam-se os seus termos, de modo que as vidas dos inferiores e praças e dos voluntarios ficassem plenamente garantidas.

Duas horas depois, voltava de novo aquelle official á *Mindello* e entregava com todas as formalidades ao commandante Augusto de Castilho, não só o pedido official de asylo,

como também a proposta de capitulação, pedindo-lhe que a fizesse chegar com toda a urgencia ás mãos do marechal Floriano por intermedio da legação do seu paiz.

Eis os rascunhos desses dois importantes documentos com as ultimas correcções feitas pelo proprio punho de Saldanha da Gama :

« *Exmo. Sr. capitão de fragata conselheiro Augusto de Castilho, commandante da corveta «Mindello» e chefe da divisão naval portugueza surta neste porto.*— Em circumstancias difficeis, após seis mezes de lutas, desejosos de evitar mais derramamento de sangue de irmãos e maiores males materiaes, assim como no intuito de poupar á nossa Patria, maiores vexames da ordem deste que acaba de soffrer, qual a exigencia apresentada pelo Corpo Diplomatico de deposito prévio por parte do marechal Floriano Peixoto de valiosa quantia ou hypotheca do territorio nacional, como garantia dos interesses estrangeiros nesta capital, para lhe ser permitido mandar romper o fogo das baterias, que guarnecem as collinas da frente maritima da cidade; os officiaes da fracção da esquadra libertadora, surta neste porto, resolveram por termo á luta, fazendo depor as armas aos seus bravos e dedicados commandados e confiando-se á generosa hospitalidade da Nação Portugueza na pessoa do commandante superior da sua divisão naval, aqui presente, o Sr. capitão de fragata conselheiro Augusto de Castilho, commandante da corveta *Mindello* — *Luiz Phelippe de Saldanha da Gama.* »

PROPOSTA DE CAPITULAÇÃO

«Aos 11 de março de 1894 — Os officiaes da fracção da esquadra libertadora, surta neste porto, desejosos de pôr termo á luta, que, ha seis mezes, ensanguenta o paiz, estão resolvidos a depôr as armas, sob as seguintes condições :

1º — Retirada para o estrangeiro dos officiaes, assim como dos que com elles privam, sob a garantia e guarda da nação portugueza ;

2º — Garantia de vida para os inferiores e praças, e bem assim para os voluntarios que lhes estão assimilados;

3º — Entrega das fortalezas, navios e mais material no pé em que se acham ;

4º — Restituição dos prisioneiros, excepto aquelles officiaes, que queiram ou prefiram partilhar da sorte dos officiaes da esquadra — *Luiz Phelippe de Saldanha da Gama*».

Por seu lado, o commandante portuguez, dado o extremo da situação e á vista de se achar em Petropolis o conde de Paraty, ministro de seu paiz, telegraphava directamente para Lisboa ao seu governo, communicando-lhe o occorrido e pedindo instrucções urgentes.

Entrementes, já haviam começado a correr as 48 horas marcadas pelo marechal Floriano, para romper o fogo contra a esquadra. E, nestas circumstancias, procurou o conselheiro Castilho o contra-almirante Julio de Noronha, encarregado interinamente da pasta da marinha, afim de que fizesse chegar ás mãos do vice-presidente da Republica a proposta de capitulação de Saldanha da Gama.

Combinaram então ambos ir juntos ao palacio Itamaraty ; e, ás 11 horas da noite, eram recebidos pelo marechal entregando-lhe o commandante da *Mindello* uma cópia da proposta de capitulação, por haver reservado o original, para que lhe fosse transmittido officialmente pelo representante diplomatico da sua nação e communicando-lhe ao mesmo tempo o pedido de asylo, que fôra feito.

Floriano Peixoto nada respondera de positivo ao conselheiro Castilho, allegando ter de consultar sobre o caso os ministros da guerra e da marinha, de modo que, ao voltar aos seus navios, não pôde esta coisa alguma adiantar aos officiaes da esquadra brasileira sobre as intenções do governo federal a seu respeito.

Entretanto, cousa extraordinaria ! emquanto, no dia 12 de março, se dava o exodo da população desta cidade, fugindo quasi todos atemorizados diante da annunciada batalha entre a esquadra, prestes a entrar, do almirante Gonçalves, auxiliada pelos fortes legaes, que guarneciam quasi todo o littoral, e os navios e fortalezas occupados por Saldanha da Gama e seus companheiros de revolta, na secretaria do Exterior, com o respectivo ministro, Cassiano do Nascimento, os plenipotenciarios da Inglaterra, da França, da Italia e de Portugal, em conferencia a que se achava presente o commandante Castilho, calmamente discutiam a questão do asylo, que o representante brasileiro declarava então ser um «direito sacratissimo», quando, na vespera, o marechal Floriano tão calculadamente se abstervera de pronunciar-se a respeito.

Seja, porém, como fôr, o certo é que, na manhã de 13, não havendo chegado á esquadra a resposta do governo, o almirante Saldanha ordenara todas as providencias para o abandono dos fortes e dos navios. Encravavam-se os canhões. Inutilizava-se o pequeno resto de munições, ainda existentes. E, na impossibilidade de conduzir para fóra do paiz todos os combatentes, preparavam-se os meios para facilitar a fuga, pelos reconcavos dos morros do porto, ás praças, inferiores e alguns civis, deixando-se apenas no hospital de sangue e em Paquetá os feridos e doentes, cujo transporte se tornara impraticavel.

Quasi ao mesmo tempo, abarrotavam-se de fugitivos as corvetas portuguezas. E, como uma nota pittoresca, dos outros navios estrangeiros, quasi todos ausentes do porto, sob o pretexto de se refrescarem, apenas a *Beagle*, a pequena canhoneira ingleza, testemunhava de longe essa scena dolorosa, como que ironicamente lastimando que, nas suas estreitas amuradas, não houvesse espaço para mais ninguem.

Não se deu, pois, a tão discutida e celebrada reunião do dia 11 de março dos commandantes das esquadras estran-

geiras a bordo da corveta *Mindello*, para conhecerem do pedido de asylo dos revolucionarios. A acta, que se dizia ter sido então lavrada e cuja cópia correu mundo com fóros de verdade, sendo longamente transcripta, não só pela imprensa brasileira e platina, como até pelos jornaes portuguezes, é de todo apocrypha. E, se não fossem as paixões naturaes da época, cegando de parte a parte todos os espiritos, a simples leitura desse supposto documento, no qual se acabava garantindo até o proximo reconhecimento da belligerencia aos revolucionarios do Rio Grande e da marinha, mostraria logo que não passava elle de uma simples fantasia, tão longe estava a sua linguagem das normas severas do direito maritimo internacional.

E' certo que, além dos navios lusitanos, contava Saldanha da Gama com a hospitalidade das esquadras da França e da Inglaterra. Mas, tão gentil e promptamente o conselheiro Castilho, commandante da *Mindello*, accedeu á sua prévia solicitação, que elle nem um instante pensou mais em consultar os chefes das divisões navaes das outras nacionalidades sobre a deliberação que havia tomado.

Esta é a verdade historica. E, cinco dias depois, partindo para os mares do Prata, carregadas com mais de quinhentos refugiados, as duas corvetas portuguezas emprehendiam essa longa e accidentada viagem, durante a qual o rompimento de relações do Brazil com a sua patria deveria por fim transformar um asylo, tão generosamente concedido, em uma verdadeira detenção de guerra.

Entremettes, a esquadra do almirante Gonçalves se aposava dos navios e fôrtes e os legaes celebravam com salvas festivas a victoria do marechal Floriano.

VI

SUMMARIO — *Chegada ao Rio da Prata — Horrores a bordo — Mortos e moribundos — Reclamações dos medicos — Telegramma de Saldanha da Gama — Resposta do Governo Portuguez — Fuga de asylados — A sabre e a bayoneta — Os emigrados de terra — Dissensões intestinas — Os grupos — Uma carta curiosa — O deputado Seabra — Estado moral do almirante — Retrahimento manifesto — Uma carta de Silveira Martins.*

A 26 de março, aportava a *Affonso de Albuquerque* a Buenos Aires. Vinte e quatro horas depois, fundeava tambem a *Mindello*.

A situação a bordo de ambas as corvetas não poderia ser mais penosa e insupportavel. O beriberi, a febre amarela e as desordens intestinas de toda a sorte dizimavam a tripulação e os asylados. E a falta de hygiene, devida principalmente á tamanha agglomeração de viajantes, ligava-se á escassez quasi completa de mantimentos.

Entretanto, mitigava as privações geraes a lembrança fagueira do proximo desembarque quando as primeiras noticias recebidas vieram dissipar todas as esperanças. O Governo portuguez ordenara a rentenção dos refugiados a bordo dos navios e prohibia toda e qualquer communicação com a terra.

Passaram-se então longos e agitados dias. Os officiaes portuguezes viviam hora a hora sob a pressão das mais acres e indignadas reclamações dos seus collegas brasileiros. Commentava-se a bordo em todos os tons e em todos os pontos o procedimento inesperado do governo de Lisboa. E, a 31 do mesmo mez, o contra-almirante Pereira Guimarães e seus companheiros, tambem asylados, do corpo de saúde da armada, e os medicos da *Mindello* e da *Affonso de Albuquerque* pro-

testavam em officios energicos e em nome da hygiene e da humanidade contra o prolongamento daquelle estado de coisas, maxime quando a morte já victimara um official brasileiro e ameaçava arrebatár mais tres.

Nestas tristes emergencias, dirigiu o almirante Saldanha da Gama, a 2 de Abril seguinte, um telegramma ao snr. Hintze Ribeiro, presidente do conselho de ministros do governo portuguez, telegramma cuja resposta até hoje, que nos conste, não foi publicada aqui ou em Portugal, guardando-se sobre ella então o mais absoluto sigillo, devido ao rompimento imminente de relações entre os dois paizes.

Eis na intrega esses importantes documentos, encontrados entre os papeis do almirante:

«Ao governo de S. M. Fidelissima — Profundamente reconhecidos ao generoso asylo das corvetas *Mindello* e *Affonso Albuquerque*, os emigrados brasileiros impetram, por meu intermedio, devida venia para desembarcarem neste porto, aceitando o espontaneo e franco acolhimento do governo e povo argentino — Contra-almirante *Saldanha da Gama*.»

Esse despacho, passado por intermedio do ministro portuguez em Buenos Aires, teve a seguinte resposta :

«Lisboa, 3 de Abril de 1893 — Contra-almirante Saldanha da Gama — Bordo da corveta *Mindello* — Buenos-Aires — Governo portuguez não pode autorizar o desembarque dos que se refugiaram nos seus navios de guerra. Deveres internacionaes, a que de razão e de direito não póde faltar, só lhe permittem conduzil-os a territorio portuguez — O presidente do conselho, *Hintze Ribeiro*.»

Tão terminante declaração do governo portuguez não poderia deixar de provocar a mais funesta impressão entre os asylados, que começaram então a cognominar-se de *prisioneiros de guerra*.

Saldanha da Gama apressava-se logo em enviar o seu primeiro protesto ao representante de Portugal nas Republicas platinas. E, poucos dias depois, dava-se a escapada de 122 refugiados da *Mindello*. (*)

Na mesma hora, trinta e dois outros se atiravam ao mar da *Affonso de Albuquerque*, procurando apoderar-se do palha-bote *Pipito Donato*, amarrado á pôpa e cortar-lhe as boças.

Sorprehendidos, porém, a tempo, foram á viva força re-embarcados quasi todos na corveta, ficando todavia muitos feridos pelos sabres e bayonetas da marinhagem portugueza.

Estes acontecimentos não poderiam deixar de produzir grande emoção, especialmente em Montevideó e Buenos Aires.

E, ao mesmo tempo que, em um officio energico, capeando uma carta do capitão-tenente Joaquim Franco, um dos emigrados daquella corveta, na qual narrava elle com tintas carregadas essa dolorosa scena, o almirante Saldanha enviava um segundo protesto ao commandante Castilho, por seu lado a imprensa platina levantava violenta grita, que deu em resultado um conflicto diplomatico entre Portugal e a Argentina, accusando esta áquelle de haver violado a sua soberania. (**)

Em terra tambem, entre os emigrados nas duas capitaes do Prata, a indignação não era menor.

Ao fundearem os vasos lusitanos, a anciedade geral se concentrava em ouvir-se a palavra do almirante Saldanha. E, a todos os grupos dos revolucionarios, absorvia a mesma intensa preocupação de disputar-lhe as preferencias.

Effectivamente, as dissensões intestinas, trabalhadas por intrigas de todo o genero, haviam profundamente subdividido os partidarios mais exaltados da reacção contra o governo do marechal Floriano. Em estereis contendias, disputava-se ardentemente a chefia do movimento, querendo uns que cou-

(*) Vide Nota G.

(**) Vide Nota H.

besse ella a Silveira Martins, outros a Custodio de Mello, muitos a Saldanha da Gama e até um pequeno numero ao commandante Lorena. E assim, entre estes e aquelles, distinguiam-se os *gasparistas*, os *custodistas*, os *saldanhistas* e os *positivistas*, como eram tratados os republicanos dissidentes do Rio Grande do Sul.

Para amostra dessas irritantes divergencias, damos a seguir, como curiosidade historica, uma carta do deputado Seabra a Silveira Martins, dentre as que a seu tempo virão á luz.

Por ella verá o leitor a tensão das animosidades da época entre os revolucionarios, maxime sabidas as relações daquelle illustre tribuno com o almirante Custodio de Mello, que certamente o teria feito seu ministro do interior, se acaso a 6 de setembro houvesse tido a mesma ventura que a 23 de novembro.

Dizia o precioso autographo:

«Illustre chefe e caro amigo—Senti ao chegar hontem já não encontral-o para abraçal-o. O nosso bom amigo conselheiro Maciel narrar-lhe-ha o que succedeu em Santa Catharina. Cumpri como devia o meu dever, não esquecendo que o verdadeiro chefe da revolução é quem, ha um anno, a sustenta e defende com sacrificios e coragem inexcediveis. Muito pôdem a vaidade de um Lorena, a *inepcia* e *orgulho* de um Custodio, todos dirigidos pela maldita seita *positiveira*.

Nada tenho que adiantar-lhe, visto já dever estar informado pelo Maciel. Aqui continúo ás suas ordens para o que entender conveniente. Sem outro motivo, sempre o amigo do coração muito obrigado, criado e admirador. —J. J. Seabra.»

Entretanto, ao tocar Saldanha da Gama ás plagas argentinas, como que se haviam apagado subitamente todas essas nefastas dissensões. Na impossibilidade de confabularem logo com elle, houve um verdadeiro prurido de dirigirem-se-lhe telegrammas e cartas, que subiram em poucos dias a centenas.

Tal era, porém, o estado moral do almirante, tão fundas amarguras lhe iam na alma, que, a principio, chegou mesmo a recusar-se a abrir a correspondencia, entregando esse serviço á discreção do seu secretario, mas prohibindo-lhe terminantemente que respondesse a alguem.

Apenas uma vez dirigiu elle uma carta ao seu particular amigo Manoel de Brito, enviando-lhe a cópia de seu primeiro protesto ao governo portuguez sobre a situação dos asylados, para que o dêsse á estampa na *Prensa* e na *Nacion*.

E continuava elle na mesma disposição de espirito, quando, a 13 de abril, lhe chegou ás mãos uma amistosa missiva de Silveira Martins.

Foi então que Saldanha da Gama se dispoz a manifestar-se, ditando ao seu secretario essa extensa e importantissima carta, que occupará inteiramente o capitulo seguinte.

VII

SUMMARIO — *De bordo da «Mindello» — Resposta de Saldanha da Gama a Silveira Martins — Suas opiniões sobre os vasos portuguezes — Historico da viagem — Recusa do desembarque dos doentes e feridos — Máos tratos na «Affonso de Albuquerque» — Fome, sêde e frio — A fuga — Repressão a mão armada — Barbaridades inauditas — Procedimento correcto da guarnição da «Mindello» — A rendição no Rio de Janeiro — Explicação do desastre — Illusão de Silveira Martins — Dois erros fundamentaes — Apoio de Saldanha da Gama aos federalistas — Condições preliminares — O conflictio argentino-lusitano — O «Pedro III» — Novo embuste do governo portuguez — Revelações finaes.*

Sem um commentario sequer, como o exigem as peças de alto valor historico, damos abaixo a resposta com que honrou Saldanha da Gama a carta em que o saudava Silveira Martins, regosijando-se por vêr de novo a revolução concentrar-se no Rio Grande do Sul, de onde, na sua opinião, jamais deveria ter sahido.

Eil-a:

«Bordo da *C. Mindello*, 14 de abril de 1894 — A' vista do pontão do Indio — Exm. e prezado Snr. Gaspar da Silveira Martins — Agradeço cordialmente a V. Ex. a sua prezada carta de 9 do corrente, que hontem me chegou ás mãos pelo gracioso intermedio do Snr. barão de Santos Abreu, que até aqui veio vêr o filho, Dr. Santos Abrêu, um dos meus compa-
nheiros de exilio.

Conforme fiz declarar em carta ao nosso commum e prestimoso amigo Snr. Manoel de Britto, não desejava, e ainda não desejo sahir da minha actual situação pela violencia; mas, desde que o governo de Portugal levou a sua inconsiderada e deshumana exigencia até ao ponto de negar o desembarque

a doentes graves e feridos, desde esse momento colloquei os meus companheiros desobrigados para commigo de qualquer dever de cortezia ou de pessoal dedicação, deixando-os livres para procederem conforme melhor entendessem. O resultado disso V. Ex. o sabe.

Deste navio, a *Mindello*, houve uma escapada de cerca de 122 companheiros, sem accidente desagavel, por isso que o commandante e officiaes tiveram a sabia prudencia de evitar todo e qualquer acto de repressão; outro tanto, porém, não aconteceu a bordo da *Affonso de Albuquerque*. Alli houve repressão á mão armada dentro e fóra do navio, o que deu logar a conflictos bastante desagradaveis. Do que se passou fóra daquelle navio, está V. Ex. informado, porque já se tornou motivo de reclamação diplomatica por parte do governo argentino. Quanto ao que houve a bordo, nem mesmo nós o sabemos ao certo, devido a terem sido para nós prohibidas as communicações entre os dois navios. Não me demorei em lançar o meu protesto, dirigido ao representante diplomatico do governo portuguez nas Republicas platinas.

Desse documento, remetti hontem uma cópia ao nosso amigo Manoel de Britto para o fazer dar a publico pelas columnas da *Prensa* e da *Nacion*. Note V. Ex. que, recorrendo aos navios de guerra portuguezes para salvar a mór parte do pessoal da esquadra de uma morte certa ou das garras do marechal Floriano, o fiz muito de caso pensado, e de preferencia aos vasos de guerra francezes e inglezes, que nos haviam antes feito identico offerecimento. Acreditei com essa preferencia dar uma prova de deferencia a uma nação mais que amiga, a uma nação co-irmã. Foi uma infelicidade, que o governo dessa nação e seus delegados aqui não soubessem se haver em semelhante conjuntura; parece até incrível que nem se aproveitassem do feliz e raro ensejo, que tiveram, de empurrar a responsabilidade do nosso asylo para cima de outra nação, aliás prompta a acceitar tal fardo.

Hontem, completou-se um mez de nossa estadia a bordo destes dois navios. O que temos soffrido nestes 30 dias é indizível, quer no que respeita á vivenda, quer com relação ao passadio de bocca. Ainda a bordo da *Mindello*, o commandante é de natural condescendente e alguns dos officiaes têm procedido do modo o mais lhano e hospitaleiro; mas a bordo da *Affonso de Albuquerque* a situação é inteiramente outra. São verdadeiramente dignos de lastima aquelles a quem coube por sorte o embarque em tal navio.

Bem póde V. Ex. avaliar da minha contrariedade e das minhas tristezas diante do que se passa. A's vezes chego a pensar se não teria sido melhor ficassemos todós sob as baterias do Rio de Janeiro, do que curtir as agruras e dissabores de semelhante situação. Todavia, o que me fez inclinar a este alvitre foi o pensamento de salvar ao menos a parte principal da força, que me esteve confiada, já que não me era dado salvar a todos. Digo apenas isto; não me queixo. Ainda não me é chegado o momento da elucidação dos factos.

Mostra-se V. Ex. agora satisfeito com a concentração das forças da revolução no territorio do Rio Grande do Sul. Não havia outra coisa a fazer, desde que a revolução perdeu o seu eixo ou contrapeso com a dissolução da esquadra, que occupava, havia seis mezes, a bahia do Rio de Janeiro. Não concordo, porém, inteiramente com V. Ex. no que respeita ao que antes se fez. Era indispensavel que a revolução se espraiasse para fóra daquelle Estado, afim de perder o character de movimento local, e tornar-se nacional. E mais ainda: sem esse movimento de expansão, a revolução não teria adquirido o prestigio e nem a provisão de recursos bellicos, com que ora volta armada para o territorio rio-grandense.

A meu vêr e pondo de parte qualquer analyse de influencias pessoases, os erros foram outros e dois especialmente: em primeiro lugar, o não ter-se preferido a uma marcha

enorme e com pretensões estrategicas atravez de regiões sem estradas, o movimento directo por mar sobre o Rio de Janeiro pelo lado de Nictheroy, desde que as columnas Gumersindo e Salgado, reunidas ás forças da esquadra, conseguiram expellir de Santa Catharina os exercitos de Arthur Oscar ao sul e de Pinheiro Machado ao norte; em segundo, o não confiar-se, ao menos essa expedição, á propria columna Salgado, embora com dois mil homens, deixando á de Gumersindo a tarefa gloriosa de conquistar o Paraná, conforme o fez. Com o apoio de uma esquadra fóra e o contrapeso possante de outra esquadra dentro da Bahia do Rio de Janeiro, seria de resultado infallivel a expedição de Salgado contra Nictheroy e teriamos, talvez, derrubado o tourço de modo o mais prompto e mais efficaz, isto é, ferindo-o na cabeça. Tal foi a estrategia dos revolucionarios chilenos, quando abandonaram as provincias do norte do paiz, para desembarcarem com força nas proximidades de Valparaiso. E note ainda V. Ex. que os chilenos não tinham forças em Valparaiso e nós as tínhamos de valor dentro do porto do Rio de Janeiro. O combate da Armação deixou provado á evidencia que, com mais 500 homens, nós nos teriamos assenhoreado da cidade de Nictheroy. O que não se teria feito, pois, com uma força de 2.000 homens aguerridos e commandados por um chefe da ordem de Salgado? (*)

Pondo de parte estes meus planos que, aliás, eram os mais naturalmente indicados, houve ainda outra falta imperdoavel: o não ter-se jamais dito á esquadra, que occupava o Rio de Janeiro, aliás com tanto sacrificio e tanta abnegação, qual a verdadeira situação da columna Gumersindo, seus recursos e o tempo indispensavel para que ella pudesse penetrar pelo Estado de S. Paulo e assenhorear-se da capital deste, e, como corollario, tambem do porto de Santos.

(*) Vide Nota I.

Desconfiado já pela demora, e, além disso, baldo de munições de guerra e de bocca, tinha eu já formado a resolução de deixar o porto do Rio de Janeiro, logo após a famigerada eleição de 1º de março, e nesse sentido havia já feito todos os aprestos, quando se deu a reunião da esquadra florianista na Bahia e ali entrou em reparos. Acreditei propicio o ensejo de bater e destruir aquella esquadra, reunindo o *Aquidaban* aos nossos navios que estavam fóra. A proposta foi aceita, porém não levada ao cabo. Por que? não o sei. O que sei é que, deixando de ir á Bahia a esquadra de fóra virou para o sul e não sómente não deu mais signal de si, mas até ficou surda aos meus reiterados avisos...

Não me era possível forçar a barra do Rio sem o *Aquidaban*. O material da esquadra do Rio, que dentro do porto pôde manter-se durante tres e meio mezes, não podia por si tentar semelhante operação. Accresce que, sem o *Aquidaban*, não tinha como fazer retirar em segurança os officiaes feridos e eu não podia pensar um momento em abandonal-os ás iras do marechal Floriano e de seus sequazes. Esperei, pois, resignado, o desfecho daquelle acto do drama da revolução, que, felizmente, pará a causa que defendemos, não foi o ultimo.

Chegada a occasião, fiz retirar tranquillamente numa noite todo o pessoal de bordo dos navios, das fortalezas e outras posições, deixando a artilheria, armamento de mão e munições, tudo inutilizado. Do pessoal, os officiaes e seus assimilados recolheram-se a bordo das corvetas portuguezas; dos inferiores e praças ainda dei escapada a grande numero pelo reconcavo do porto. Os que não puderam fazel-o, entregaram-se na ilha das Enxadas sem armas. Repito, o momento não é de queixas, nem proprio ainda para elucidação dos factos. Entretanto, V. Ex. bem póde imaginar qual não é o meu desgosto por esse triste desenlace, após tantos sacrificios para dar á revolução o tempo de operar e desenvolver-se cá por fóra.

Está provado que, a despeito dos escassos elementos de que dispunha a esquadra do Rio, o seu grande serviço foi ali reter durante seis mezes entre 7 e 8 mil homens de tropas do dictador, além do effeito moral da occupação das aguas do porto da capital em face da séde do proprio governo. Lamento que assim se não tivesse entendido a situação da revolução cá por fóra, e mais ainda que se me houvesse deixado fazer revolução á parte, conforme tinha por costume dizer o almirante Mello.

Cá por mim, uma vez entrado para a luta, acredito ter feito o que me era humanamente possivel no posto que occupava. Não me nego a novos sacrificios pela causa commum, que é tambem a da Patria. Porém, para o meu concurso, faz-se preciso que a causa continue a ser nacional e não local.

Agora resta saber como sahir dignamente da situação em que me acho collocado com grande numero ainda de companheiros. Não quiz e não quero recorrer a um acto clandestino ou meio violento, a não ser em desespero de melhor solução.

O conflicto diplomatico argentino-portuguez talvez nos proporcione boa saida. Continua-se a affirmar que o governo portuguez está em trato para fretar o vapor argentino *Pedro III*, afim de fazel-o sair commosco d'aqui ao encontro do transporte de guerra *Angola*, que já saiu de Lisboa. Ha duvidas a esse respeito. A crença geral é que o governo portuguez está procurando *embromar-nos* para dar tempo á chegada do tal transporte, e então conduzir-nos para além mar em gaiola segura.

Entrementes, vamos passando por aqui, na boca do Rio da Prata, em condições de dia a dia mais penosas. Custa-me a vêr sobretudo os meus bravos rapazes da escola, condemnados a viver, ha um mez, com a mesma roupa, dormindo sem cama e ao relento, comendo mal ou não comendo

absolutamente nada, numa palavra, submettidos a todos os rigores de um asylo transformado em prisão.

Diz V. Ex. que ha de vir ou mandar procurar-me. Será preferivel que V. Ex. não venha em pessoa; seria escusado e não poderíamos conversar. Muito receio tambem que a vinda de alguma embarcação do lado de Buenos Aires possa dar logar a novas scenas a bordo destes dois navios. Antes deixar isto para recurso ultimo. A melhor solução agora seria por meio do conflicto diplomatico entre a Argentina e Portugal. Se Portugal cede quanto á entrega dos 30 asylados, arrancados á força de bordo do palhabote argentino, tenho motivos para crer que desembarcaremos todos de uma fórma ou de outra.

Agradeço mais uma vez a V. Ex. a sua demonstração de solicitude e prevaleço-me do ensejo para repetir a V. Ex. que continuo a ser com a mesma antiga consideração — De V. Ex. compatriota, respeitador e amigo grato—*Luiz Phelippe de Saldanha da Gama.*»

SUMMARIO — *A esquadra do almirante Mello — Entrada em Buenos Ayres — Grandes festas e acclamações — Impressão entre os asylados — Seu transporte para além-mar — Indecisões do governo portuguez — Situação aguda — Um telegramma inedito — O marquez do Rio Maior e o gabinete de Lisbôa — Preparativos de fuga — Terceiro protesto do almirante Saldanha ao commandante da «Mindello — Ameaça indirecta — No «Pedro III» — Retirada a peito descoberto.*

Não se haviam ainda decorrido vinte e quatro horas depois que tão longa e confidencialmente expuzera Saldanha da Gama as suas amarguras e os seus intentos a Silveira Martins, quando passava pelos navios portuguezes a esquadilha de Custodio de Mello. O *Republica*, o *Uranus*, o *Esperança*, o *Meteoro* e o *Iris* deslizavam, calma e suavemente, buscando o ancoradouro.

No porto e em terra, grande era a animação e o entusiasmo.

Logo que se espalhou a noticia de que aquelle almirante, abandonando a revolução e desembarcando nas costas do Uruguay a divisão do coronel Salgado, se dispozera a vir entregar á guarda da Republica Argentina a sua vida e a de seus camaradas, bem como o material fluctuante com que combatera, de todos os lados se moveu parte da sociedade platina para que lhes fosse feita a mais significativa das recepções. Organizaram-se commissões de senhoras, embandeiraram-se ruas, e centenas de miudas embarcações começaram logo a cruzar a enseada, repletas de curiosos e manifestantes.

Todas essas festas, por um prisma aliás exagerado, não tardaram a chegar ao conhecimento dos refugiados das corvetas portuguezas. E, espontaneamente, a todos os espiritos, occorreu logo o triste paralelo da situação de uns e de outros emigrados.

Demais, até aquelle dia, quando um mez já se escoara sobre a sua partida do Rio de Janeiro, ignoravam todos os asylados, inclusive o proprio Saldanha da Gama, o destino que os aguardava.

De indecisão em indecisão, de difficuldade em difficuldade, o governo portuguez, após ininterruptas vacillações sobre se devia recolhel-os a uma de suas possessões da costa occidental da Africa, ou conduzil-os mesmo para Lisbôa, resolvera afinal fretar um navio mercante argentino, e armal-o em guerra, desde que a *Mindello* e a *Affonso de Albuquerque* não se achavam em condições deprehender a travessia do oceano, assim carregadas como estavam. E, contratado afinal o vapor *Pedro III*, uma nova complicação surgiu sobre a mudança de bandeira nas aguas platinas.

Entrementes, aggravava-se cada vez mais a situação moral e material dos asylados. Impossivel já era conter-lhes os murmurios e as explosões de recalcada indignação. E tal se mostrava nesse momento a tensão dos animos, que Saldanha, receioso de qualquer acontecimento mais grave, se lembrou de telegraphar a um parente seu, prestigiosa influencia na alta politica portugueza, afim de que intercedesse junto ao gabinete de D. Carlos, fazendo cessar aquelle estado de coisas.

Esse telegramma, que tem a data de 22 de abril e que até hoje ficou inedito, fôra redigido nos seguintes termos :

«Marquez do Rio-Maior, Lisbôa — Rogo expresse governo S. M. D. Carlos profunda gratidão minha meus companheiros infortunio pelo asylo *Mindello Affonso Albuquerque* ; mas interceda nosso desembarque aqui Buenos Aires, onde nos offerecem franco agazalho povo governo argentino. Obrigar-nos viagem Portugal, além ser medida deshumana seus effeitos, importaria transformar asylo cruel detenção guerra. Saudades — *Luiz de Saldanha.*»

Por essa ocasião, negociado o caso da mudança de bandeira do *Pedro III*, ficara assentado que esse partiria, entre 25 e 27 do mesmo mez, com os asylados para além mar, comboiado apenas pela *Affonso de Albuquerque*, e entrando a *Mindello* para o dique, afim de soffrer reparos urgentes e inadiaveis. E, por seu lado, os partidarios dos emigrados tambem activavam em terra, de accôrdo com estes, todos os preparativos para uma nova fuga.

Foi, nesse extremo, que, sabedor de tudò, Saldanha da Gama que, desde quinze dias antes, se desobrigára em carta ao commandante Castilho de responsabilizar-se pelo procedimento dos seus companheiros de luta, dirigiu a este o seu terceiro protesto, assim textualmente concebido :

«Bordo da corveta *Mindello*, surta no porto de Montevideó, em 25 de abril de 1894 — Exmo. Sr. capitão de fragata Conselheiro Augusto de Castilho, commandante da corveta *Mindello* e superior da divisão naval portugueza na costa occidental da America.

A virtual terminação da luta civil no Brazil e bem assim a maneira agazalhadora e franca com que acabam de ser acolhidos nas duas Republicas do Prata os numerosos combatentes de terra e mar do lado da revolução vieram tornar mais afflictiva, mais desoladora ainda, a minha posição e a de meus companheiros de infortunio. Ao passo que os primeiros já conhecem a sua nova situação e desfrutam de certa liberdade relativa em suas acções, nós continuamos, ao contrario, no mesmo viver de ha quarenta e dois dias, padecendo as inclemencias do tempo, sem roupa, mal alimentados e coactos como verdadeiros prisioneiros de guerra. Aquelles mesmos dos nossos companheiros, que procuraram numa evasão sem violencia de bordo da *Affonso de Albuquerque* a melhoria de sua sorte, foram retirados á força do convez da embarcação argentina em que já se achavam.

Reclamados pelo governo da Republica Argentina, como justa reparação á offensa feita á sua bandeira, nas suas proprias aguas, esses companheiros ainda não llie foram entregues.

E como se tudo isso não bastasse, hoje se nos offerece ainda a triste perspectiva de uma longa viagem para destino que V. Ex. deve sem duvida ignorar, visto como ainda se não dignou informar-me qual seja ao certo, tendo-se limitado a declarar-me verbalmente hontem, pela primeira vez, suppor não deixar de ser para Lisbôa. Comprehende-se quanto nos importa saber quaes os compromissos de honra que o governo de Portugal diz ter contrahido com o do Brazil; quaesquer que sejam, porém, e acima delles, deve estar o compromisso moral que contrahiui tacitamente para comnosco, desde que nos aceitou como asylados á sombra de sua bandeira. E é sem duvida menosprezar um tal compromisso o occultar-nos, como se tem feito até agora, as condições desse asylo, assim como guardar em reserva nosso destino, que aliás as noticias que circulam na imprensa platina e no Rio de Janeiro indicam como devendo ser algum ponto das possessões portuguezas da costa occidental da Africa.

Fico aguardando, pois, que, antes da nossa partida das aguas do Praça, a bordo do vapor argentino *Pedro III*, arvo-rado em transporte de guerra portuguez, V. Ex. se digne dar-me a conhecer, officialmente por escripto, qual o nosso exacto destino, assim como as condições reaes do nosso asylo; e outrosim, se o governo da Republica Argentina desistiu da entrega aqui dos asylados brasileiros, que foram retirados á força do palhabote *Pepito Donato*, no ancoradouro da Ponta de Quilmes, entrega que, segundo a imprensa platense, ainda é objecto de reclamação entre aquelle governo e o representante diplomatico de Portugal.

A resposta de V. Ex. será uma garantia para mim e para meus companheiros, ou então servirá para JUSTIFICAR QUALQUER RESOLUÇÃO QUE ACREDITEMOS DEVER ADOPTAR EM FACE DA SITUAÇÃO TÃO SINGULAR QUÃO VEXATORIA EM QUE NOS ENCONTRAMOS COLLOCADOS.

Prevaleço-me da ocasião para assegurar a V. Ex. os meus protestos de particular estima e elevada consideração.— *Luiz Phelippe de Saldanha da Gama.*»

Não tardou a realizar-se a ameaça indirecta do almirante nestas ultimas palavras, que de proposito graphicamente accentuamos.

Ao cahir da tarde de 26, começou a fazer-se o transporte dos asylados das corvetas para o *Pedro III*. E, horas depois, protegidos pelas sombras da noite e pela condescendencia da canhoneira oriental *General Artigas*, que ali estava de vigia, escapavam-se a bordo de um lanchão, arrastado por um poderoso rebocador, mais duzentos e quarenta e três emigrados, inclusive o proprio Saldanha da Gama.

Soaram perto dois disparos de canhão. Ouviram-se ao longe vivas ás Republicas platinas e á marinha portugueza. E, ao amanhecer, dos refugiados de 13 de março, só restavam sobre aguas cento e setenta que não quizeram evadir-se ou que foram a tempo detidos pelas guarnições da *Mindello* e da *Affonso de Albuquerque*.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

IX

SUMMARIO — *No lazareto da ilha das Flores — Carta de Saldanha da Gama ao commandante Castilho — Motivos da evasão — Um telegramma ao governo portuguez — Os ultimos asylados — Nova tentatiua de fuga — A tripulação do Pedro III — Marinheiros suspeitos — Embriaguez e suborno — Revolta a bordo — Um telegramma falso — Descoberta da cilada — A partida*

Uma vez no lazareto da ilha das Flores, para onde a canhoneira oriental tinha intimado a seguir a segunda leva de fugitivos, mais um grande desgosto estava reservado a Saldanha da Gama.

Certo de que se haviam escapado de bordo do *Pedro III* todos os aspirantes, cuja sorte fôra sempre a sua principal preocupação durante o periodo revolucionario, dispuzera-se elle tambem a acompanhá-los, afim de poupar-lhes no sólo estrangeiro novas agruras e difficuldades, baldos de recursos de toda a sorte, como estavam.

Infelizmente, a falta de alguns, que se haviam retardado na fuga e que continuavam, sem roupas e commodidades, detidos no improvisado transporte, que os iria conduzir immediatamente para além-mar, impressionou por tal fôrma o almirante, que, não contente de telegraphar logo ao commandante Castilho, no dia seguinte, já de Montevidéo, lhe dirigia uma carta em que procurava justificar a sua subita conducta, quebrando a palavra empenhada.

Eis a cópia de mais esse interessante documento encontrado entre os seus papeis:

«Exmo. e prezadissimo camarada e amigo Snr. conselheiro Augusto de Castilho — Montevidéo 30 de Abril de 1894 — Devo principiar repetindo as ultimas palavras do meu telegramma

expedido do lazareto da ilha das Flores: lamento profundamente ter sido causa das contrariedades e desgostos que V. Ex. possa ter experimentado por motivo do nosso asylo (meu e dos meus companheiros de infortunio) a bordo da *Mindello* e da *Affonso de Albuquerque*.

V. Ex. não inspecionou pessoalmente o vapor *Pedro III*. Se o houvesse feito, teria sem duvida previsto, pelas condições internas do navio, qual não seria a impressão de todos nós ao entrarmos para elle após 44 dias de soffrimento e ainda diante da perspectiva de uma longa viagem.

A scintilla contida produziu o incendio. O desejo de escapada lavrou rapidamente, de sorte que, ao atracar a embarcação ajustada antes por alguns mais impacientes, o movimento de sahida tornou-se geral e irresistivel.

Não encontro expressões para traduzir todas as scenas que então se passaram a bordo. Na onda dos que se precipitavam para fóra do *Pedro III*, eu mesmo vi-me arrastado. Não pude resistir ao pensamento de deixar aqui ao desamparo aquelles de quem sou neste momento o unico arrimo e protector. Refiro-me aos alumnos da Escola Naval. Estava convencido de que todos haviam sahido de bordo. Ao verificar o contrario, aprestei-me em expedir a V. Ex. o telegramma acima referido.. Offerecia-me em refem por elles, empenhando a minha palavra, comtanto que desembarcassem tambem.

Infelizmente, o Snr. consul de Portugal, a quem foi entregue o meu telegramma, logo cedo, guardou-o no bolso, até a tarde de 28, e sómente o passou ás mãos de V. Ex. quando era já tarde para qualquer resolução.

No meio de tanta afflicção, telegraphiei no dia immediato para Lisbôa ao presidente do conselho de ministros, dando minha palavra por empenhada e declarando que para lá seguiria logo que houvesse garantido a situação dos que aqui se acham e constituem o maior numero.

Penso partir por meiado de maio entrante. Se não lograr resgatar os meus companheiros e, sobretudo, os meus rapazes, que ora lá vão mar em fóra no *Pedro III*, ao menos partilharei da sorte delles.

Ah! meu distincto camarada e nobre amigo, porque não lhe coube a direcção e responsabilidade do assumpto até ao fim! Quanto desgosto não se teria prevenido de parte a parte!

Classifique-se embora como peor se queira o nosso proceder; as resoluções adoptadas a nosso respeito foram tambem além do limite do supportavel e do justo.

Mas basta de importunal-o com semelhante assumpto. Li a reproducção da sua entrevista com o reporter do *El Siglo*. Não direi mais palavra em contestação.

Vai inclusa a cópia do meu telegramma ao presidente do conselho de ministros.

Faço aqui ponto final, rogando-lhe apresente minhas respeitosas homenagens á Ex. Sra. D. Maria, sua digna consorte, e tambem que me creia sempre, apezar de tudo e com a maior sinceridade, de V. Ex. camarada e amigo attento, affectuoso e grato. — *Luiz Phelippe de Saldanha da Gama*.

Eis o telegramma a que se refere o almirante;

«Presidente conselho ministros — Lisboa — Representante diplomatico vosso aqui não informou por certo nossa afflictiva situação, más condições vapor *Pedro III* e outras causas que motivaram e justificaram retirada ultima de bordo meus companheiros infortunio. Tambem desembarquei para não deixar companheiros desamparo aqui; mas fica minha palavra empenhada pelos que seguiram, e, logo haja garantido situação primeiros, partirei immediatamente Lisboa. Não será preciso custodiar-me.

Acceitai segurança respeitoso apreço — Contra-almirante *Saldanha da Gama*.

Emquanto, porém, assim se expressava o almirante, em Buenos-Aires, a sorte dos ultimos asylados que ainda restavam a bordo do *Pedro III* continuava a interessar vivamente a opinião. E, entre os emigrados, procurava-se aproveitar as poucas horas que faltavam para a partida, empregando-se todos os ardis para que uma nova fuga dêsse liberdade a esses seus infortunados companheiros.

Foi assim que, no dia seguinte á evasão de Saldanha da Gama, precisando o *Pedro III* engajar tripulantes, pois a guarinição das corvetas portuguezas, escassa como era, não podia fornecer senão um pequeno contingente de marinheiros, apresentaram-se a bordo, entre outros individuos, enviados pelo contratante do vapor, certas caras, que o commandante, que não era outro senão o immediato da *Affonso de Albuquerque*, reconheceu logo como de alguns dos asylados, que tinham vindo em sua companhia do Rio de Janeiro e que se haviam escapado na vespera.

Communicado o facto ao commandante da *Mindello*, ordenou elle o prompto desembarque dessa gente suspeita e o afastamento urgente do improvisado transporte das aguas platinas.

Um desarranjo subito, porém, nas machinas fez com que o navio não pudesse logo suspender o ferro nesse mesmo dia 27; e, á noite, quando a officialidade deu por si, encontrou-se em meio de uma verdadeira revolta. A maior parte da tripulação havia sido embriagada e soltava gritos sediciosos. E, se não fosse a presteza com que, das duas corvetas, acudiram reforços, e se se aproximasse áquella hora qualquer embarcação de terra, o resto dos detidos se evadiria tambem sem quasi a menor difficuldade.

Finalmente, no dia seguinte, ás 3 horas da tarde, deixavam o ancoradouro o *Pedro III* e a *Affonso de Albuquerque*.

E navegavam rumo da Ilha das Flores, quando o telegraphista desse posto recebeu o seguinte despacho, com a assignatura do consul portuguez:

«Peço-lhe faça signal *Pedro III e Albuquerque*, para que se demorem e esperem ordens minhas».

Esse funcionario, porém, teve naturaes escrupulos de cumprir esse pedido, porquanto as suas attribuições não o autorizavam a tanto, e respondeu ao consul, expondo-lhe o facto e communicando-lhe que elle deveria para isso dirigir-se ao coronel Mario que, como capitão do porto, era o unico competente para transmittir uma tal ordem.

Sorprehendido o representante portuguez, correu logo a declarar que esse telegramma era apocrypho e a tomar todas as providencias, para que a nova cilada se mallograsse, não alcançando o seu alvo. E assim seguiram, sem mais tropeço, para a Africa e d'ali para Portugal, os ultimos emigrados que, nas praças fortes de Peniche e de Elvas, iriam aguardar a sua libertação definitiva.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

X

SUMMARIO — *Em terras platinas — Situação precária dos officiaes e alumnos — Escassez de recursos — As finanças da revolução — As familias dos aspirantes — Recusas de auxilios — Carta de Silveira Martins — Offerta de fundos — Despezas imprevistas — Novos desastres — Em Santa Catharina e no Paraná — A revolução rio-grandense — Gumerindo e Pinheiro Machado.*

Passados os enthusiasmos dos primeiros momentos, cessadas as festivas demonstrações da sociedade platina aos seus novos hospedes, encontraram-se os emigrados da esquadra na mais triste e precaria das situações.

As primeiras despesas de estabelecimento tinham absorvido logo todos os parcos recursos de que ainda dispunham. E, insensivelmente, todas as vistas dos companheiros de Sal-danha da Gama para elle se voltaram, como a cabeça pensante de todos os seus movimentos, fiados inteiramente na prodigiosa actividade de seu espirito providente e inquebrantavel.

Com effeito, para o almirante não era de menos responsabilidades nem de menores fadigas a nova phase que se abria ali á sua atormentada existencia desses ultimos mezes. Exhausto de meios pecuniarios, sem fortuna de que pudesse dispor, doia-lhe fundamente na alma a lembrança dos soffrimentos e privações que, principalmente por sua causa, estavam passando muitos camaradas seus e, com especialidade, os alumnos da Escola Naval, que tão abnegada e corajosamente o tinham acompanhado nos dias mais difficeis e incertos da revolução. E ajudado valiosamente pela dedicação e intelligencia inexcediveis de Benjamim de Mello, não descansava um só instante, procurando os meios mais efficaes de sair-se dignamente de tão sérias conjuncturas.

E' verdade que a maior parte dos aspirantes, pela posição social e posses de suas familias, poderia dentro de poucos dias achar-se a coberto de qualquer necessidade.

Infelizmente, porém, o preconceito falso que se formara sobre os fabulosos auxilios que os monarchistas haviam despejado á farta nas mãos dos revolucionarios, desde que Saldanha da Gama se dispuzera a entrar na luta, não se limitara sómente á convicção dos partidarios do marechal Floriano. A viagem do conselheiro Andrade Figueira, de fazenda em fazenda pelo interior dos grandes Estados centraes, levantando centenas e centenas de contos, ao espirito de certos pais maravilhara tambem como um conto das *Mil e uma noites*, e muitos eram aquelles a que se afigurava ver os filhos nadando em ouro pelas capitaes do Prata.

Tudo isso concorria para que as instantes solicitações de muitos dos ex-asylados não fossem tão prompta e prodigamente acudidas pelos seus parentes como a urgencia das suas embaraçosas condições reclamava. E o resultado foi que Saldanha da Gama, durante algum tempo, se encontrou quasi a sós, na penosa e estafante tarefa de amparar a grande numero de companheiros, para que não perecessem á mingua em terra estranha.

Entretanto, se, entre os emigrados, alguns havia que apparentavam um luxo verdadeiramente oriental, fruto de assaltos indecorosos aos erarios de um dos Estados, que estiveram em poder dos revolucionarios, e se outros abusaram da fidalga hospitalidade de generosos cavalheiros da sociedade uruguaya, não passaram elles felizmente de odiosas excepções, não tardaram a ser isolados e banidos do convivio dos seus outros companheiros de infortunio.

O certo, porém, é que, sendo uma das principaes causas do desastre da esquadra no Rio de Janeiro a penuria financeira

com que sempre lutou, ao chegarem os emigrados ao Prata, os escassos fundos, que restavam, rapidamente se consumiram. O almirante viu-se forçado assim a utilizar-se do credito de seu nome, compromettendo-se em empréstimos sobre emprestimos e firmando titulos não pequenos de divida. E houve mesmo um dia em que não sabia como attender a despezas urgentes de hospedagem, alimentação e vestuario de tantos companheiros, quando lhe chegou ás mãos a seguinte carta de Silveira Martins:

«Exmo. e prezado amigo Sr. almirante Saldanha da Gama —Apresentando a V. Ex. os meus cordiaes cumprimentos, peço permissão para enviar-lhe 400 pesos.

Que ao menos possa esse pequeno auxilio minorar as difficuldades presentes dos seus bravos rapazes, são os desejos do amigo grato e compatriota—*G. da Silveira Martins*».

Além de que, ainda talvez sob a influencia da mesma lenda fantastica do ouro dos monarchistas, os mais imprevistos dispendios começaram a apparecer. E até pelos jornaes contas avultadas foram apresentadas de publicações de telegrammas, cartas e outros communicados que, entre nós, jámais constituiriam materia paga, maxime em momentos como aquelles quando os acontecimentos das corvetas portuguezas eram a nota sensacional do dia.

Por outro lado, acerba magua causara a Saldanha da Gama a demissão do conselheiro Castilho do commando da *Mindello*, que ficara em Montevideó soffrendo reparos e o seu embarque immediato para Portugal, onde devia ser em seguida submettido a conselho de guerra. O almirante tributava áquelle seu camarada uma sincera admiração, julgando-o por todos os motivos o unico e verdadeiro salvador dos seus companheiros no dia 13 de março. E, á vista do rompimento de relações do Brazil com o governo portuguez e da exacerbação dos animos além-mar, onde aquelle facto causara ao commercio incalculaveis prejuizos, previa com grande pezar os aborrecimentos que lhe estariam reservados ao aportar a Lisboa.

Tambem as noticias, que chegavam de S. Catharina e do Paraná, eram tristemente desanimadoras. Ignorava-se o destino de Lorena, de Alexandrino e de outros bravos officiaes, que haviam permanecido em terra. E boatos de prisões e fuzilamentos corriam de bocca em bocca nos mais exagerados e imaginosos commentarios.

A guerra civil voltava assim de novo a concentrar-se no Rio Grande do Sul. Das fronteiras de S. Paulo ás primeiras serranias, que se desdobram para os pampas, o rastro do sangue, do incendio e do saque assignalavam apenas a marcha regressiva dos bandos contendores. E, diante dessa retirada, em que, de quebrada em quebrada, de valle em valle, escreviam-se de momento a momento epopéas de heroismo e de bravura, só o bairrismo de Silveira Martins exultava, cioso de vêr de novo todas as forças vivas da revolução dentro do seu Estado e a sua terra natal a ameaçar sosinha o resto da Federação!

Nesse instante, pois, entre os emigrados, todas as vistas e esperanças se voltavam para as cochillas rio-grandenses. Um encontro decisivo entre Pinheiro Machado e Gumercindo Saraiva se mostrava imminente. E, desse embate encarniçado e terrivel, bem poderia depender a sorte immediata da sua causa.

Certamente, se o nome de Gumercindo já se tornara por toda a parte uma legenda de intrepidez e de valor guerreiro, na heroica divisão do norte, na bravura e nos talentos militares de seu chefe, encontravam sempre as forças federaes as suas poderosas avançadas atravez de todos os perigos, e bem assim no maior ardor das pelejas. Como o inexcédível caudilho, tinha Pinheiro Machado um culto em cada coração de seus destemidos commandados. E é esse fetichismo do soldado que sagra os generaes na victoria e torna invenciveis os exercitos.

XI

SUMMARIO — *Vesania revolucionaria — Um episodio curioso — Conspiração de generaes uruguayos — Um exercito de quatro mil homens — Convite a Saldanha da Gama — O commando em chefe — Recusa do almirante — Sua attitude ante a nova phase da revolução federalista — Uma divisa.*

No temperamento meridional, ardoroso e sentimentalista dos povos platinos, não poderia deixar de reflectir-se a influencia irresistivel da vesania revolucionaria que naquelle momento convulsionava o Brasil. Fôrma attenuada dessa megalomania epidemica, que muitas vezes se apossa das multidões, arrastando-as aos grandes lances tragicos da historia, como Canudos ainda foi ultimamente um caso caracteristico, esse delirio mixto de perseguição e de grandeza é de tal modo contagioso que, quando se alastra por uma nação, não tarda a transpor-lhe as fronteiras, agitando os povos vizinhos.

E vai mais longe, e, em não raras occasiões, faz com que entre elles os acontecimentos se repitam, senão com a mesma intensidade, ao menos com igual tendencia para as reacções violentas, visando semelhantes idéaes politicos.

No Uruguay, especialmente, onde as maiores estancias quasi que todas são de brasileiros e em cuja campanha se haviam organizado as successivas invasões do Rio Grande do Sul, ali, tão predispostos já se mostravam os espiritos para a sublevação, de tal fôrma arrebatava as imaginações o influxo revolucionario, que não precisaria talvez senão uma leve scintilha para que a explosão se fizesse. E, dadas as paixões extremadas então entre *blancos* e *colorados*, tudo parecia concorrer para que toda a região cisplatina não tardasse a convulsionar-se em nova discordia civil, rapida

embora, mas profundamente nefasta em seus effeitos para a propria integridade do territorio oriental.

Por esse tempo, tornara-se Saldanha da Gama em Montevideo o homem do dia. Nos artigos dos jornaes, nas entrevistas com que o aborreciam de momento a momento os reporters, nas descripções que se faziam dos combates em que se empenhara, romantizavam-lhe ainda mais o bello typo de guerreiro, tão affeito aos embates do oceano como ás pugnas de terra. E, por toda a parte, eram extraordinarias a curiosidade e o enthusiasmo que a sua individualidade despertava.

Entretanto, não era apenas no grande publico, na alma singela da população, que essa espontanea admiração pelo almirante irrompera tão intensamente. Nos circulos militares, entre os proprios generaes, era que mais abertamente se accentuara por elle, esse subito enthusiasmo, que começou logo a traduzir-se em manifestações de toda a sorte e acabou, finalmente, por um curioso episodio.

Effectivamente, no meio das suas multiplas preoccupações e aborrecimentos de espirito, na faina em que vivia de garantir quanto antes a subsistencia nas duas capitaes platinas dos asylados, que com elle haviam desembarcado, para depois seguir para a Europa, afim de cumprir a sua palavra empenhada ao governo de Portugal e procurar libertar os compa-nheiros, que ali se achavam detidos nas praças fortes de Peniche e de Elvas, ainda tinha Saldanha da Gama de attender a um sem numero de visitas que lhe faziam, especialmente militares e altas personalidades da politica oriental.

Entre estes e aquelles, principalmente, um determinado grupo mais assiduamente o procurava; e, não raras vezes, lhe tomava um tempo precioso, narrando-lhe as suas lutas ingratas de campanario e informando-o de todas as baixas intrigas que tão fundas dissensões haviam produzido entre os diversos grupos dos partidos nacionaes.

Avesso á politica, abominando-lhe os processos e os seus intrincados labyrinthos, ouvia tudo aquillo resignadamente o almirante, a quem a polidez e a fidalguia do trato não permit-tiam qualquer movimento de enfado que o livrasse de tão insupportaveis confabulações. E já para o fim empregava todos os ardis para evitar tão importunas entrevistas, quando, uma noite, uma commissão de generaes lhe pediu uma confe-rencia reservada.

Foi então que Saldanha da Gama pôde atinar com os intentos de todas aquellas assiduas visitas, com que o tinham honrado até ali. Expuzeram-lhe aquelles officiaes, e de- pois lhe repetiram em carta, a situação aguda a que chegara a politica uruguaya. Desfiaram uma serie interminavel de accusações ao presidente em exercicio. Descreveram-lhe, ci- tando nomes e factos, os poderosos elementos opposicionistas, com que contavam em todo o Estado. E acabaram por con- vidual-o a assumir a direcção de um movimento revolucionario, que projectavam e que inevitavelmente lançaria por terra o governo dominante.

Para isso, diziam elles, contavam á primeira voz com um exercito de 4.000 homens, dispostos e aguerridos; e, com um commandante em chefe, do valor, talento e intrepidez militares do almirante, a victoria seria infallivel. E teria então elle no Uruguay uma posição, que certamente lhe compensaria o infortunio, de que acabava de ser victima em sua patria.

E' facil de imaginar-se a surpresa de Saldanha da Gama ao receber tão inesperada quão estranha proposta; e, recusan- do-a delicadamente, penoso se lhe tornou o trabalho de con- vencer a tão extravagante commissão de que nada o afastaria do proposito em que se achava, occultando ao mesmo tempo a contrariedade que lhe causara essa falsa idéa que de si faziam.

Effectivamente, nada exasperava tanto o almirante quanto o facto de o accusarem de revoltoso ou de verem nelle um caudilho, com aspirações a dictador ou a assaltar o poder, que jámais ambicionara ou pretendia. E eram esses sentimentos intimos, que o detinham até ali em constantes vacillações, sem se decidir definitivamente a continuar a pelear em terra contra o governo do marechal Floriano ou a retirar-se de uma vez da luta, como fizera Custodio de Mello.

Receiava Saldanha da Gama que, restringida de novo a revolução ao territorio rio-grandense, se satisfizesse Silveira Martins com a destituição dos *castilhistas* do poder. Seria isso transformar toda essa reacção, quetantas vidas e sacrificios já havia custado, em mais um acto indigno e aviltante da nefasta politica das deposições. E, nesse caso, não deveriam contar mais com o concurso de um braço, jámais posto ao serviço das baixas ambições e dos interesses inconfessaveis do partidarismo pessoal.

Para que permanecesse a batalhar, não cessava elle de repetir, era preciso que a causa continuasse a ser nacional. E, se assim fosse, estava disposto a derramar até a ultima gota de sangue, desde que a sua divisa sempre fôra: *Nada por mim, para mim nada; tudo pela patria*».

XII

SUMMARIO — *Reunião solemne dos caudilhos federalistas — A direcção das forças — Convite de Silveira Martins a Saldanha da Gama — Terceira carta do almirante — Aceitação da proposta—Condições—Um dever de honra — Viagem a Portugal — Resgate dos ultimos asylados — Nova phase da revolução — Um unico plano — Indiscreções e leviandades perigosas — Um artigo do Siglo — Reservas necessarias — A partida de Saldanha.*

Prender de todo Saldanha da Gama á causa federalista, ligal-o a Gumercindo e fazer de ambos o pensamento e a alma da revolução — tal o sonho dourado de Silveira Martins.

O typo do almirante o impressionara intensamente desde os primeiros momentos, em que se decidira a entrar na luta. Aquella energia inquebrantavel e stoico desprendimento individual, aquelle mixto de valor guerreiro e de talento militar, que o sagrara logo um general de terra, tão illustre quanto o fôra sempre na estrategia naval, tudo isso concorrera para o extraordinario enthusiasmo que o grande tribuno lhe votava. E d'ahi não cessar de proclamar que, no espirito superior do heroe de Campo Osorio, se encontrava essa trilogia rara — a bravura, a lealdade e a abnegação.

Não eram semelhantes as sympathias do estadista riograndense em relação ao outro chefe e seu grupo de officiaes, que também haviam combatido durante a revolta da esquadra. Procurava mesmo afastal-os da luta. Evitava-os quanto podia. E accusava-os até de unicos responsaveis pelo desastre no porto do Rio de Janeiro.

Todas essas preferencias de Silveira Martins por Saldanha da Gama explicavam aßsim o seu empenho em não o deixar partir para a Europa, procurando por todos os meios retel-o

ao seu lado. E, quando se convenceu de que a unica consideração que ainda pesava no espirito do almirante, impedindo-o de decidir-se a continuar na campanha, era o receio de que os federalistas restringissem a revolução de novo ao Rio Grande do Sul, transformando-a de causa nacional em uma questão local, appressou-se em desvanecer-lhe essa persuasão, por uma demonstração solemne e decisiva.

Entendeu-se então Silveira Martins com os principaes sub-chefes da sua facção. Mandou emissarios especiaes a cada um dos caudilhos que se achavam á frente dos bandos armados. Fez-lhes vêr a conveniencia de entregar-se a Saldanha da Gama a direcção suprema da campanha federalista. E obtidos o consenso quasi unanime dos chefes combatentes e a segurança de que o proprio Silva Tavares, o velho e popular general, em vez de melindrar-se, exultava até com semelhante escolha, preparava-se para conferir essa alta e honrosa investidura ao almirante, que em pessoa a deveria receber em solemniissima reunião, quando lhe chegou a noticia de que este partia naquelles dois dias para o estrangeiro.

Silveira Martins resolveu, pois, não perder um minuto. Procurou entre os officiaes de mais confiança do almirante um portador seguro e influente no animo de seu chefe. E dirigiu-lhe officialmente o convite para assumir o commando supremo das forças revolucionarias, como resultado do suffragio geral de todos os chefes e generaes federalistas.

Infelizmente, essa carta do eminente rio-grandense extraviou-se. Têm sido até hoje infructiferas todas as nossas perti-nazes pesquisas para encontral-a. Nem o original nem a copia de tão importante documento existe em mãos daquelles que mais justa e cuidadosamente poderiam guardal-o antes de offerecel-o á historia. E pena é que, entre nós, a incuria de uns e o mal entendido egoismo de outros, façam com que desapareçam, como estes, muitos dados preciosos, sobre que se vão firmando os mais notaveis acontecimentos da evolução politica da nossa Patria.

Salvamos, entretanto, de um desaparecimento talvez semelhante, a resposta de Saldanha da Gama. Substitue ella, em grande parte, aquella perda desastrada. Das suas phrases, singelas, mas expressivas, infere-se a summa das palavras encomiasticas e vibrantes com que Silveira Martins appellara para o seu patriotismo, incitando-o a proseguir na campanha. E, através do seu estylo tão sobrio e tão modesto como o seu character nobre e desprendido, percebe-se a emoção causada pela eloquencia retumbante do tribuno que, se não valia na escripta o que era na oratoria, tivera certamente nessa epistola trechos de verdadeira inspiração.

Eis a carta de Saldanha da Gama, na qual desgraçadamente assumiu o grave e solemne compromisso que mais tarde o arrastava a uma morte desastrada nos campos de batalha:

«Montevideo, maio, 19-94 — Exm. e prezado amigo Snr. conselheiro Gaspar da Silveira Martins — Agradeço muito a V. Ex. a carta de que foi portador o commandante Retumba, e mais os conceitos, que na mesma se contém. Nada haveria de mais honroso e lisonjeiro para mim do que a posição, que se me aponta como resultado de suffragio geral dos amigos e combatentes da causa da revolução. Não recuso essa posição, não obstante todas as suas difficuldades; o que não posso apenas é acceital-a agora. Ha um dever de honra que me dicta a minha viagem a Portugal, dever a que se reune outro não so-
menos, qual o da defesa e resgate dos companheiros de infortunio levados a bordo do vapor *Pedro III*. Preciso antes de tudo dar cumprimento a esse duplo dever para considerar-me livre e readquirir toda a minha tranquillidade e lucidez de espirito.

Nestas condições, acceito o posto e virei occupal-o tão depressa quanto possivel. A revolução não está agora em condições de ferir grandes golpes. Acredito mesmo que conviria que, salvo os movimentos paliativos nas campinas do Rio Grande, a revolução parecesse dormir por algum tempo. A vigilancia é grande neste momento e a acção difficil. O meu

afastamento momentaneo póde mesmo ser de grande vantagem, fazendo adormecer as suspeitas do nosso adversario. Mas, o que se faz preciso, é que cessem as *indiscreções* e *leviandades* tão costumeiras entre nós. Ainda hoje, o *Siglo dá* a entender a minha *acclamação* para chefe da revolução.

Não podia haver maior inconveniencia do que essa neste momento. Sejamos mais cautelosos !

E' mister deixar adormecer por um momento a vigilancia dos adversarios, que ainda estão de armas empunhadas e com os elementos de guerra aprestados.

Affastem quaesquer suspeitas de cima de meu nome, afim de que eu possa cumprir em breve tempo o meu dever de honra em Portugal, e prestar emquanto lá todos os serviços possiveis á causa da revolução.

Eis o meu parecer.

Se o aceita V. Ex. e o aceitam todas as influencias e mais companheiros da causa da revolução, estou prompto a completar por esta os meus sacrificios.

A luta ainda prosegue no sólo riograndense, é certo; mas o momento é sobre tudo de prudencia, em consequencia da grandeza dos grandes desastres soffridos.

No momento de V. Ex. receber essa missiva, já terei partido. Resolvi tomar o caminho da Hespanha por maior precaução.

Aqui envio, pois, a V. Ex. os meus adeuses, acompanhados da reiteração dos meus protestos de mais distincta estima e elevada consideração — De V. Ex., compatriota att.º e am.º grato — *Luiz Phelippe de Saldanha da Gama*».

Entretanto, apesar da franqueza, destas declarações de Saldanha da Gama e do tom decisivo em que aceitara o convite de Silveira Martins, não faltou quem visse na sua partida para a Europa um afastamento completo da luta. Não acha-

vam justificativa satisfactoria nos motivos, que dera, quando se referira ao dever de honra, que o levava até Portugal afim de trabalhar pela libertação dos companheiros de asylo, ainda detidos nas praças fortes de Elvas e Peniche, quando para ali seguira com esse fim o seu secretario. E houve até quem, injusta e indignamente, o accusasse de abandonar por uma questão de simples vaidade pessoal os altos interesses da causa revolucionaria.

Esqueciam-se, porém, de que o almirante, ao deixar os navios portuguezes, empenhara a sua palavra, em solemne documento dirigido ao governo de D. Carlos, e que, naquelle momento, procurava cumpril-a á custa, embora, dos maiores e mais dolorosos sacrificios. E assim o fez, tomando a 20 de maio passagem em direcção á Hespanha.

XIII

SUMMARYO — *A perda do Paraná — Um documento curioso — Publica-fôrma do termo de verificação e inhumação dos fuzilados do Pico do Diabo — Autographos de Silveira Martins Uma publicação mallograda.*

No mesmo dia em que deixava Saldanha da Gama as aguas do Prata, desenrolava-se a ultima scena da guerra civil no Paraná.

Na verdade, só a 24 de março chegara ali a nova da rendição da esquadra no porto do Rio de Janeiro. O acontecimento, esperado embora, causara a mais desanimadora impressão. Horas se passaram de verdadeiras amarguras e vacilações. E sómente depois de largas e accidentadas conferencias, ficou assentado que o almirante Custodio de Mello seguisse com os seus navios para o sul afim de atacar o Rio Grande, emquanto Gumerindo, á frente de sua columna, continuaria a manter as posições conquistadas. Neste sentido, concentrou elle a sua gente em Ponta Grossa, ao passo que permaneceram na Restinga Secca as tropas de Apparicio e, em Curitiba, o coronel Amaral com uma guarnição de duzentos homens.

Entrementes, ameaçavam as forças legaes a cidade de Castro, procurando transpor o rio Iapó, defendido por um contingente de federalistas.

Apezar disso, vinte e nove dias aguardou Gumerindo os successos da esquadra do sul, quando a 24 de abril lhe chegou a noticia de que, não havendo realizado a operação projectada, o almirante Mello aportara a Buenos Aires com os seus navios, depois de ter dado desembarque, na costa oriental, ás tropas do coronel Salgado.

Na imminencia assim de se ver de todo cercado pela valorosa divisão do Norte sob o commando de Pinheiro Machado, dividiu elle o seu exercito em tres columnas e resolveu a retirada.

A 5 de maio, era reposto o governo do Estado; faziam-se numerosas prisões e, em menos de quinze dias, estava o Paraná inteiramente evacuado.

Entretanto, só em fins de junho chegava ás mãos de Silveira Martins o documento, que abaixo publicamos, sobre os tristes successos alli após occorridos, e pelo qual tão vivamente se interessava elle, a ponto de mandar um emissario especial para alcançal-o, como adiante se verá :

«Termo de verificação e inhumação — Aos vinte e cinco dias do mez de maio de mil oitocentos e noventa e quatro, nesta villa de Piraquara, na platafórma da estação da estrada de ferro, pelas oito horas da manhã, presentes o major reformado Praxedes Gonçalves Pereira, capitão Luiz Victorino Ordini, tenente Agnello Carmeliano Pereira, cidadão Alberto Munhóz da Rocha, Domingos Leal Nunes, Manoel Simões e Simão Marques, os tres ultimos como trabalhadores, reuniram-se ao major Mauricio Sinke chegado nessa manhã á villa para com elle, como iniciador da idéa, irem verificar a existencia de cadaveres de amigos e conhecidos que constava acharem-se abandonados e insepultos á margem da estrada de ferro, por terem sido fuzilados naquelle lugar, no domingo 20 do corrente, entre as 10 e 12 horas da noite, por ordem do governo legal, em consequencia de serem julgados cúmplices da revolta federalista que invadiu este Estado e nelle permaneceu desde 17 de janeiro até 24 de abril do corrente anno; tomaram os sobreditos cidadãos o comboio da estrada de ferro e foram desembarcar na estação do Cadeado, kilometro 64 da dita estrada. Ahi chegados e depois de pouca demora, voltaram a pé pelo leito da linha ferrea até ao talude que demora entre

os kilometros 64 e 65. Nesse talude, no kilometro 64 aproximadamente, a estrada de ferro fraldea uma montanha rochosa, tendo do lado opposto um despenhadeiro accessivel e foi d'ahi que, olhando para o oriente, descobriram perto da matta um grupo de cadaveres. Approximando-se delle, cerca de 20 metros distante do talude, deparou-se á esquerda com um monte de cadaveres que foram reconhecidos distinctamente pelos do barão do Serro Azul, Presciliano da Silva Correia, José Lourenço Schleder, José Joaquim Ferreira de Moura e Balbino Carneiro de Mendonça.

Os cadaveres, taes quaes foram encontrados, denotavam que haviam sido despojados, porquanto, removidos do talude aonde fôra a execução, não podiam ser aquellas as suas posições primitivas; não se acharam os chapéos de quatro delles, estando alguns descalços e todos sem joias nem objectos de valor. Apenas pequenos botões de punhos sem valor intrinseco foram retirados para serem entregues ás suas familias. Alguns papeis, cartões de visita de Presciliano e Moura, viam-se espalhados nas proximidades dos cadaveres; o do barão do Serro Azul apresentava vestigios de ter recebido dois tiros: um, que attingiu pela frente a coxa direita, meio palmo abaixo da articulação, e outro, um dos olhos, parecendo que recebera a descarga de joelhos, visto como foram encontrados no leito da estrada vestigios de perfuração de balas; o de Balbino de Mendonça apresentava um orificio de tamanho regular em uma das fronte, vinte e cinco millimetros. Mais abaixo, como trinta metros, foi encontrado e reconhecido o cadaver de Lourenço Rodrigues de Mattos Guedes, em attitude supina, sem chapéo e com falta de um calçado. Este, supõe-se que, na occasião da execução, procurou fugir a ella saltando o talude, depois de cuja tentativa recebeu a descarga que o victimou.

Concluido o reconhecimento e buscados cadaveres e deprehendendo-se que foram effectivamente executados, como

XIV

SUMMARY : — *Em Portugal — Chegada do secretario de Saldanha — Os ultimos asylados — Nas prisões de Elvas e Peniche — Violencias e perseguições — Um manifesto — Estado dos espiritos — Attitude aggressiva da imprensa — Benjamin de Mello e o presidente do conselho — Declarações importantes — O governo portuguez e o marechal Floriano — Desenganos e desillusões.*

Antes que Saldanha da Gama tocasse a terras de Hespanha, já se achava em Lisboa o seu dedicado secretario, o capitão de fragata Benjamin de Mello.

O almirante o fizera seguir primeiro. Impressionado pela sorte dos seus desditosos companheiros, que não haviam podido escapar de bordo do *Pedro III*, imaginava elle os soffrimentos e privações porque deveriam ter passado até aportar ao reino. E essas tristes supposições ainda mais augmentaram quando chegara a Buenos Ayres a noticia de que taes tinham sido os máos tratos infligidos aos refugiados durante a travessia do Atlantico, que tres delles, ao fundear o transporte no porto de seu destino, preferiram esconder-se durante tres dias nas carvoeiras, arriscando-se a morrer de fome e de asphyxia, a continuar a supportar tão estranho quão cruel asylo.

Na verdade, só depois de levantar ferro para regressar ao Prata aquelle improvisado transporte, foi que esses infelizes saíram do seu esconderijo. E as suas narrativas de viagem inspiraram aos jornaes argentinos emocionantes artigos, taes foram as torturas e necessidades que haviam soffrido em tão penosa e accidentada digressão.

Por esse tempo, não era menos afflictiva a situação dos asylados restantes nas praças fortes de Peniche e de Elvas,

para onde haviam sido levados como verdadeiros prisioneiros de guerra. Mal alimentados e enfraquecidos por uma longa detenção, sem roupas e sem recursos, encontravam-se ali desde as mais altas patentes, como o contra-almirante Pereira Guimarães, até simples praças de pret. E a falta de verba com que lutavam os respectivos governadores era tal que as mais simples e mais humanas providencias muitas vezes não podiam ser tomadas no sentido de minorar as condições miserandas de muitos, que se achavam no mais agudo estado de miseria physiologica.

Demais, o receio de que alguns ainda tentassem fugir, buscando a fronteira hespanhola, fazia com que não gozassem todos da mesma liberdade de movimentos.

Vigiados de perto, prohibidos de tudo e não podendo sahir de uma determinada área das praças, ainda tinham de submetter-se resignadamente ás mais extravagantes e oppressivas imposições. E não raras vezes essas medidas vexatorias eram acompanhadas de um tratamento brusco e improprio das fidalgas tradições da hospitalidade portugueza.

Estes factos não deixaram de levantar queixas e recriminações, talvez em bôa parte exageradas e injustas; mas o certo é que não tardaram em traduzir-se, a 25 de junho, pela imprensa de Elvas, em um pequeno e incisivo manifesto, de que enviaram a Saldanha da Gama a seguinte copia, assignada por uma commissão de doze entre os principaes dos asylados;

«Os abaixo-assignados, não reconhecendo no governo portuguez o direito, a não ser o da força, de transformar o asylo em detenção de guerra, protestam do alto da imprensa, por não poderem fazel-o de outra fórma, contra a extorsão de que estão sendo victimas em sua liberdade».

Por outro lado, não menos irritada se mostrava em todo o reino a opinião contra os vencidos de 13 de março. As sympathias, que tão emphaticamente se proclamavam como exis-

tentes entre o povo portuguez pela causa dos revolucionarios, se haviam subitamente transformado em um clamor geral de indignação. E a imprensa toda, sem distincção de partidos, procurava exceder a linguagem vehemente dos jornaes republicanos, exaltando os actos do marechal Floriano e lastimando o desastre de Portugal, assumindo a grave responsabilidade de asylar os *insurrectos*, como ali eram tratados Saldanha da Gama e seus companheiros, quando as outras nações a isto se haviam calculadamente recusado.

Com effeito, o rompimento de relações com o Brazil trouxera os mais graves e incalculaveis prejuizos ao commercio portuguez. As libras haviam tido ascensão assustadora. E a vida se tornava cada dia mais cara e difficil.

Tal era o estado das coisas e dos espiritos ao saltar o secretario de Saldanha da Gama em terras lisbonenses.

Antes que, porém, se fizesse annunciar oficialmente, como o emissario pelo almirante escolhido para annunciar ao governo de D. Carlos a sua proxima chegada ao reino, afim de entregar-se a este, como promettera em solèmne documento, ao evadir-se de bordo da *Mindello*, um facto inesperado sobreveiu provocando um grande alarma em toda a imprensa da capital.

Ao desembarcar Benjamin de Mello, um funcionario da Alfandega, encarregado de examinar as bagagens dos passageiros, lendo os rotulos das malas, perguntou-lhe bruscamente

— Então, o senhor é que é o secretario de Saldanha da Gama ?

E, diante da resposta affirmativa daquelle illustre official, accrescentou:

— Pois saiba que, por causa dos senhores, o conselheiro Castilho está soffrendo um conselho de guerra.

— E' pena, replicou Benjamin.

— Porque ?

— Porque elle se mostrou no Brazil o mais digno de todos os portuguezes.

Mal podia advinhar o secretario de Saldanha da Gama que tinha diante de si um parente proximo do commandante da *Mindello*; e, dentro de poucas horas, espalhada a noticia da sua chegada, não tardou que os jornaes, em sua grande maioria, comessem a bradar que a permanencia daquelle official em territorio portuguez, além de ser uma affronta aos brios da nação, era um perigo constante, que se deveria a todo o transe remover.

Fantaziaram-se então os mais ridiculos e inverosimeis romances. Affirmou-se que, com Benjamin de Mello, haviam desembarcado outros revolucionarios que traziam o plano assentado de preparar a fuga aos presos de Elvas e Peniche. E inventaram-se até entrevistas sensacionais, em que tudo isso fôra sem rebuço confessado.

Entretanto, sem perder um momento e habilmente fur-tando-se a todo e qualquer encontro com os reporters das folhas lisboetas, o secretario de Saldanha procurava instantemente obter uma audiencia do presidente do conselho de ministros.

Tudo foi debalde. Dias seguidos, andou elle das secretarias de Estado para a residencia do Sr. Hintze Ribeiro, E, quando se convenceu de que este buscava a todo transe evital-o, escreveu-lhe uma carta em termos tão energicos e incisivos que o primeiro ministro não teve remedio senão enviar-lhe um longo recado pelo seu secretario, explicando-lhe reservadamente as tristes contingencias em que se acharia diante do governo do marechal Floriano, com o qual pretendia ardentemente reatar as relações, se acaso a imprensa, especialmente a opposicionista, noticiasse uma tal conferencia, inventando detalhes e cobrindo-o ainda de maiores recriminações.

Nestas contingencias, reconheceu Benjamin de Mello que a sua missão nem ao menos poderia ser tentada com algum proveito. Os interesses internacionaes em jogo tinham profundamente alterado a situação. E a libertação dos seus companheiros não se daria tão cedo, nem mesmo se Saldanha da Gama se apresentasse em pessoa, como estava prestes a fazer, entregando-se em refem como o chefe da revolução.

SUMMARIO — No hotel Matta — Encontro com Ruy Barbosa — Um documento notavel — Novo protesto ao governo portuguez — Vigilancia da policia — Ataques da imprensa — Insultos a Saldanha da Gama — Benjamin de Mello e o redactor d'A Vanguarda — Carta inedita — Um desafio — A honra da marinha brasileira.

Benjamin de Mello hospedara-se no Hotel Matta situado na Avenida da Liberdade, E ahi, entre alguns emigrados e suas illustres familias, encontrara-se com o conselheiro Ruy Barbosa.

A presenca do eminente publicista e jurisconsulto foi para elle um precioso arrimo. Mallogradas, como vimos, todas as suas tentativas para alcançar uma audiencia do presidente do conselho de ministros, representante directo do governo portuguez, a quem ia pedir justica para os seus companheiros, retidos ainda em praças fortes, como se fossem prisioneiros de guerra, sem meios de fazer chegar aos ouvidos de el-rei seus reclamos, fechados os jornaes ás suas queixas e impossibilitado de justificar-se e os seus perante a opiniao de além-mar, só mesmo o conselho de um homem da estura moral do grande constitucionalista da Republica poderia guial-o com seguranca em tão tristes e delicadas emergencias.

Recebendo as instrucções de Saldanha da Gama, havia Benjamin de Mello, durante a viagem para a Europa, concatenado todos os seus aponlamentos sobre as occurrencias do Prata, por occasião da fuga dos seus companheiros das corvetas portuguezas, e estudado detidamente a questáo do asylo sobre todos os seus aspectos. E, assim aparelhado, acreditara piamente que a sua missáo fosse, sem delongas irritantes, coroada de excellente exito.

A' vista, porém, da posição melindrosa, em que o collocaram os acontecimentos, forçoso se lhe tornava sair della de um modo honroso e na altura das circumstancias.

Recorrendo, pois, a Ruy Barbosa, o secretario do almirante achou o patrono illustre e capaz de amparal-o naquelle instante, redigindo em seu nome o protesto que sem demora enviou ao Snr. Hintze Ribeiro. (*)

Essa longa e brilhante exposição, documento de alto valor juridico, notavel pela logica da argumentação como pela superabundancia da erudição historica que revelava, infelizmente nunca foi publicada pelo governo portuguez, guardando-se mesmo sobre ella o mais absoluto sigilo. E, a não ser talvez o seu autor, parece-nos que mais ninguem possuirá hoje a sua cópia, perdendo-se assim uma das peças mais memoraveis da historia do periodo revolucionario de 1893.

Emquanto, porém, dessa fôrma procedia Benjamin de Mello, empregando todos os recursos legais que o momento lhe permittia, o hotel de sua residencia se mantinha sempre rodeado noite e dia de agentes secretos que o seguiam por todos os pontos e em toda parte o vigiavam de perto.

A ballela do novo plano de escapula aos presos de Peniche e de Elvas pegara déveras. E alguns jornaes continuaram a agitar essa campanha cada vez mais violenta contra o secretario de Saldanha, clamando emphaticamente contra a sua permanencia no reino e censurando até acremente o primeiro ministro por consentir em tão grave affronta á honra e aos mais caros e legitimos interesses do paiz.

Entre esses ataques, que mais de uma vez resvalaram tambem para Ruy Barbosa, sobresaíam os d' *A Vanguarda*, folha redigida pelo jornalista Alves Corrêa. Em linguagem

(*) Vide Nota J.

violenta, os artigos desse diário, semeados sempre de elogios rasgados ao marechal Floriano, raras vezes discutiam os factos sem visar as pessoas, ferindo-as desabridamente com as mais injuriosas e deprimentes referencias. E se o *Seculo*, o *Novidades*, o *Economista* e outros se mostravam dia a dia mais apaixonados contra os revolucionarios, no empenho ardente de lisonjear o governo do Brazil e vêr quanto antes reatadas com elle as relações da sua patria, aquelle órgão republicano excedia a todos pela aspereza atrabiliaria dos conceitos.

Resultou d'ahi que um dos seus editoriaes, em que era rudemente ultrajado Saldanha da Gama, chegou ao conhecimento de Benjamin de Mello.

Official brioso e altivo, espirito educado e nobre, sentiu-se elle profundamente melindrado na sua dupla qualidade de amigo dedicado e de secretario do almirante.

Demais, entre outros insultos, o epitheto de *cobarde* assim atirado a tão alta patente da marinha brasileira, na sua opinião, se reflectia sobre a sua classe inteira. E, neste pensamento, julgando-se tambem offendido, dirigiu-se ao Sr. Fernando Dobert, seu distincto e estimado patricio, residente então no mesmo hotel, e a um seu illustre collega da armada portugueza, cujo nome nos escapa, mas que era nessa occasião deputado ás Côrtes, e pediu-lhes que, como suas testemunhas, levassem pessoalmente ao redactor d'A *Van-guarda* uma carta em que era exigida prompta satisfacção pelas injurias lançadas ao seu chefe,

Foram debalde todos os esforços para que desistisse Benjamin de Mello desse intento. Expuzeram-lhe inutilmente a necessidade de evitar maiores desgostos aos seus camaradas ainda detidos. E só depois de se convencerem de que seria peor dar-se o escandalo de uma aggressão em plena rua, foi que aquelles dois cavalheiros se decidiram a entregar pessoal-

mente ao jornalista Alves Correia a seguinte carta de que o seu autor não poudé sequer obter naquella época a publicação nas outras folhas :

«Hotel Matta — Avenida, Lisbôa, 14 de Junho de 1894 — Exmo. Sr. Alves Correia, director d'A *Vanguarda* — Acabo de ler n'A *Vanguarda* de hoje o seguinte trecho, referindo-se ao contra-almirante Saldanha da Gama :

« Depois das provas de cobardia que este contra-almirante deu no Rio e depois do procedimento torpe que adoptou quando estava a bordo da *Mindello*, só faltava que o Sr. Saldanha da Gama viesse ainda abusar da hospitalidade que lhe fosse concedida.»

Ora, o contra-almirante Saldanha da Gama está ausente, e eu me orgulho de tel-o acompanhado em todos os actos da revolução brasileira, aos quaes se faz referencia. Reivindico, pois, para mim a honra de devolver intactos os grosseiros insultos, que estou acostumado a ler com desprezo na imprensa assalariada pelo dictador de minha patria, mas que jámais consentirei que passem despercebidos nesta nobre terra portugueza, a cuja hospitalidade me acolhi respeitoso de suas leis e convencido de que não seria insultado impunemente.

A' espera da reparação devida, pela injustiça de proceder e qualificativos a um homem de tal valor, tenho a honra de subscrever-me — *Benjamin de Mello.*»

Não contava, de certo, o director d'A *Vanguarda* com semelhante missiva. E, ao recebê-la, ficou tão visivelmente embaraçado que pediu aos seus portadores o obsequio de voltarem no dia seguinte para dar-lhes a conveniente resposta que lhes prometteu ser cabal e satisfactoria.

Vintê e quatro horas depois, nessa persuasão, tornaram as testemunhas ; e foram então com surpresa informadas de

que o jornalista se havia ausentado subitamente de Lisboa, constando-lhes apenas mais tarde que se retirara para Ericeira.

Entretanto, este incidente, noticiado embora pelas folhas diarias, que todavia receberam ordem de não publicar a carta de desafio para não provocar mais uma reclamação da diplomacia brasileira, não teve maiores consequencias, porque, horas depois, era obrigado o official offendido a afastar-se do reino, seguindo o caminho da Hespanha.

O hotel da Avenida ia assim ser theatro de mais um episodio interessante dessa época de tristes desvarios.

BIBLIOTHECA PUBLICA
ESTADO DO
ESTADO DO MARANHÃO

SUMMARIO — *Ainda em Portugal — Expulsão de Benjamin de Mello — Partida para a Hespanha — Ameaças a Ruy Barbosa — Carta deste ao almirante Saldanha — Sua opinião sobre a imprensa e o governo de Portugal — Specimens de jornaes — Notas á margem — Retirada de Ruy Barbosa de Lisboa.*

Eram 6 horas da manhã do dia 17 de junho. A avenida da Liberdade estava pouco movimentada. E mal se abriam ainda as portas das casas de negocio quando o Hotel Matia foi invadido pelos agentes de policia.

Um inspector, catadura typica dos representantes genuinos de sua classe, acompanhado de tres ajudantes, indagava anxiosamente pelos aposentos do secretario de Saldanha da Gama. E, indicados estes, no meio do panico geral da criadagem, para lá se dirigiram todos.

Benjamin de Mello dormia ainda socegadoamente. E, apezar de despertado por essa inesperada visita em hora tão impropria, recebeu com a sua habitual fidalguia os representantes do governo portuguez, declarando estar prompto a cumprir immediatamente a intimação, que lhe mostraram, para sair do reino, e apenas pedindo o tempo necessario para pagar a conta do hotel e mandar buscar uma roupa no seu alfaiate.

Isto mesmo lhe foi negado, declarando o inspector da policia administrativa que o poderia fazer mesino do estrangeiro, porquanto as instrucções, que tinha recebido, eram terminantes, e não havia um minuto a perder para apanhar na estação de Santa Apollonia o trem que o deveria conduzir até Badajoz.

A esse tempo, a maior parte dos hospedes havia despertado; e, entre outros, o conselheiro Ruy Barbosa, que assistira ao final da scena, apostrophava indignado aquella violencia que não sabia como classificar.

Tambem, na alta sociedade portugueza, em que gozava o secretario do almirante de innumeradas amizades, o desgosto não fôra menor. E, ao chegar a Madrid, não poucos telegrammas recebeu aquelle official, lastimando o incidente e fazendo-lhe mil e um offerecimentos.

Entretanto, a ninguem mais do que a Ruy Barbosa irritara a extravagante expulsão de Benjamin de Mello.

O eminente brasileiro não havia sido acolhido em Portugal com a consideração e o carinho de que era merecedor, quer pelos seus altos meritos intellectuaes, sem duvida os mais afamados em sua patria, quer pela elevada posição que occupara no Governo Provisorio e na organização da Republica, como a cabeça proeminente entre os seus pares.

A propria imprensa, que o deveria ter com orgulho como um de seus astros de primeira grandeza, não lhe tributara as homenagens merecidas. Houve até uma folha, que parecia ignorar-lhe a individualidade emerita fundindo-o em uma só pessoa com Benjamin de Mello, a quem pittorescamente denominou de *Ruy de Mello*. E, se é verdade que encontrara um acolhimento, embora cheio de reservas, no *Correto da Manhã*, que lhe publicara diversas cartas, explicando a sua attitude perante a revolução e rebatendo accusações que lhe faziam de cumplicidade na revolta de 6 de setembro, por outro lado constantemente soffria de alguns jornaes as mais desrespeitosas e ferinas aggressões, o que muito o maguava.

No proprio dia da retirada de Benjamin de Mello, houve mesmo alguns jornalistas que abertamente insinuaram tambem a sua expulsão de Lisboa; e isso o impressionou de tal forma que logo se apressou a escrever a Saldanha da Gama a seguinte carta, que dá a medida dos desgostos que lhe conturbavam a alma :

«Lisboa, junho 1894 — Exm^o. Sr. almirante — Continuo a enviar a V. Ex., á medida que ellas me apparecem, as mais

curiosas amostras do estado moral desta terra. Agora já não é o Sr. Benjamin de Mello o accusado pelos vilões. Também eu conspirava a evasão dos *presos* (!) de Elvas e Peniche !! E o governo ainda é censurado por não nos recolher á cadeia e permittir-me a faculdade de deixar o paiz.

Leia V. Ex. o retalho, que lhe remetto, do *Economista* de 17! E' incrivel a ignominia a que isto chegou. Elles bem sabem que têm absoluta licença de arguir-nos de tudo e nós não temos o direito de defender-nos de nada. Bem vê V. Ex. que carradas de razão me assistiam para lhe telegraphar que não pensasse em vir aqui.

A's 11 1/2 da noite de hoje, veio um secreta indagar se eu ainda me achava no paiz, ou se já partira. Estou ameaçado, a cada momento, de um desacato igual ao que soffreu o secretario de V. Ex. E tudo isso a troco de morar num paiz, onde a vida, presentemente, é mais cara do que em Paris, ou Londres — De V. Ex., admirador e criado obrigado — *Ruy Barbosa.*»

Acompanhavam esta carta os seguintes retalhos de jornaes, devidamente anotados á margem e sublinhados pelo eminente brasileiro.

* * *

O Economista, domingo, 17 de junho de 1894, Lisbôa.

EXPULSÃO DO SR. BENJAMIN DE MELLO

«O Sr. Benjamin de Mello, secretario do almirante Saldaña da Gama, e um dos *insurrectos* brasileiros que fugiram de bordo do vapor *Pedro III* em Montevidéo, foi hoje mandado sair do reino.

A's 6 da manhã, o Snr. Moraes Sarmento, inspector da policia administrativa. acompanhado pelo Snr. Amorim, sub-inspector, cabo Morgado, servindo de escrivão, e pelo guarda n. 544, apresentou-se no Hotel Malta, da Avenida da Liber-

dade, onde estava hospedado o Snr. Benjamin de Mello, e intimou este senhor a sahir immediatamente de Portugal, porque o governo tinha julgado conveniente a sua expulsão do reino.

O secretario de Saldanha da Gama pediu autorização para partir á noite afim de ter tempo de arranjar as suas coisas, sendo-lhe respondido que a ordem era terminante — *saida immediatamente do reino.*

O Snr. Mello assignou então a intimação.

Nesta occasião, o Snr. inspector disse-lhe que sabia ter o Snr. Mello, como companheiro de hotel, UM SEU COMPATRIOTA E AMIGO O SNR. RUY BARBOSA, e que, caso quizesse, para evitar demoras, podia encarregal-o de lhe mandar depois as bagagens para o estrangeiro, para o ponto que escolhesse.

— Não é necessario, respondeu o secretario do chefe revoltoso. Isto arranja-se depressa. E começou a arranjar as malas,

O Sr. Moraes Sarmiento deu ordem ao agente n. 544, Silva, da policia administrativa, para se metter num trem de praça com o Sr. Benjamin de Mello e acompanhal-o até á estação de Santa Apolonia e d'ahi até Badajoz.

O nosso collega do *Novidades* dá ácerca desta noticia as seguintes informações mais:

«A curiosidade de todos os que tinham conhecimento desta noticia levava-os a formular a seguinte pergunta:

— Mas o que é que o homem fazia ou tentava fazer que obrigou o governo a expusal-o?

Ouvimos esta *resposta*:

— *O homem tratava activamente de preparar a fuga ao resto dos brasileiros que se não tinham escapado em Buenos Aires!*

Por esta fórma, se o governo não intervem a tempo, teriamos *uma nova carrapata.*

SI O MARECHAL FLORIANO SÓ ACCEITA COM DIFFICULDADE A DESCULPA JUSTIFICATIVA DA FUGA DOS OUTROS, CALCULE-SE A IMPRESSÃO QUE DEVEIA PRODUZIR-LHE A FUGA DESTES, nas condições em que se preparava?!...»

NÓS ENTÃO SE TIVÉSSEMOS VOZ NO CASO, arranjávamos as coisas de fôrma que, nem o snr. Ruy Barbosa nem o snr. Benjamin de Mello, preparasse a fuga d'outrem, mas NEM PODESEM REALIZAR A PROPRIA FUGA.

*
* *

O Seculo — primeiro jornal portuguez!!! (Nota de Ruy Barbosa).

O CONFLICTO COM O BRAZIL

Escrevem-nos de Peniche dizendo que o *rancho abonado* aos *insurrectos* brasileiros é igual ao *rancho servido* aos *soldados do exercito portuguez*. Tambem nos dizem que a *pouca liberdade* concedida aos *presos* será modificada segundo o seu *comportamento*. Quanto aos factos, é verdade que algumas praças brasileiras se encontram *miseravelmente vestidas*, devido isto á falta de verba. O commandante do deposito tem procurado remediar as maiores faltas dentro dos acanhados recursos de que dispõe a maioria dos emigrados:

*
* *

A Vanguarda — Lisboa, junho 19, 1894,

OS EMIGRADOS E A POLICIA

Hontem estive o hotel da Avenida vigiado por dois policias da judiciaria, que mollemente recostados num banco em frente á porta do hotel, espreitavam as entradas e as saidas. Esses guardas tinham por fim indagar o *procedimento de um dos chefes da revolução*, que tencionava deixar Lisboa.

*
* *

Esse *chefe* era, nada mais nada menos, o proprio conselheiro Ruy Barbosa. E tudo isso, accrescentado ao receio de soffrer a qualquer hora um desacato por parte das autoridades portuguezas, o entristeceu de tal modo que não tardava a deixar Lisboa, tomando o expresso de Paris.

Ao menos ahi, poderia o illustre publicista viver mais tranquillo e realizar o seu grande desejo de privar com Saldanha da Gama, a quem não conhecia pessoalmente, apesar da grande e fervorosa admiração que lhe votava.

Por seu lado, o gabinete de Lisboa tambem continuaria mais socegradamente a negociar com o governo do marechal Floriano o reatamento de relações que era naquelle instante a grande aspiração do povo portuguez. (*)

(*) — Vide Nota K.

SUMARIO — *O almirante Saldanha da Gama na Europa*
Chegada a Barcelona — Cartas de aviso — Telegrammas de Ruy
Barbosa — Alarmas da imprensa — Medidas do governo por-
tuguez — Expulsão preparada — Queixas dos asylados — Estado
dos feridos — A familia portugueza — Um coração magnanimo
— A colonia brasileira e os emigrados — Vacillação do almi-
rante — Desistencia da viagem a Lisbôa — Um documento im-
portante — Para Paris.

A 12 de junho, cinco dias antes da expulsão de Benjamin de Mello de Portugal, chagava a Barcelona o almirante Saldanha.

A noticia não tardara a echoar em Lisbôa. Telegrammas e, mais tarde, longos editoriaes das folhas daquelle porto hespanhol, com interessantes entrevistas, vieram logo confirmal-a. E terminavam essas narrativas, accrescentando que os intuitos do chefe reylucionario, buscando o continente, se resumiam em cumprir a sua palavra empenhada, vindo entregar-se ao governo portuguez, para partilhar da sorte dos seus companheiros de asylo, ora reduzidos á triste condição de prisioneiros de guerra.

Bem se póde imaginar o ruido que taes novas produziram em todo o reino; e, principalmente em Lisbôa, os jornaes opposicionistas, com especialidade os republicanos, começaram a interpellar o governo, indagando acremente se levaria a sua longanimidade e fraqueza a ponto de consentir que «o primaz dos insurrectos transpuzesse impunemente a fronteira». E, nos circulos officiaes, tal foi a impressão causada, que o conselho de ministros se reuniu para reservadamente discutir o assumpto, assentando sobre o melhor meio de se conduzir nessa nova emergencia que surgia no curso do conflicto luso-brasileiro até o momento tão mal encaminhado e com poucas probabilidades de uma proxima solução satisfactoria.

Deliberou-se então tudo preparar para que Saldanha da Gama, logo ao pisar o territorio portuguez, fosse intimado a retirar-se immediatamente, de modo que não pudesse vir até á capital, evitando-se assim mais um escandalo ou uma complicação mais na pendencia diplomatica, ainda em franca incandecencia.

Mandaram-se, pois, agentes de policia de toda a confiança para diversos pontos da fronteira, assim como se reforçaram as instrucções dadas aos governadores de Elvas e de Peniche para que redobrassem de vigilancia sobre os presos á sua guarda, porquanto havia sérios motivos para desconfiar-se de que uma nova evasão estava sendo preparada.

Por seu turno, não só os companheiros de Saldanha, re-tidos naquellas praças fortes, como Benjamin de Mello e outros brasileiros, residentes em Lisbôa, sabedores de tudo apressaram-se em communicar-lhe o que se preparava para obstar a sua entrada em Portugal, rogando-lhe que não intentasse tal viagem que, além de inutil, lhe traria inevitavelmente ainda maiores desgostos,

O almirante, porém, achava tudo aquillo exagerações de seus amigos; e já se preparava para seguir viagem no dia seguinte, quando um telegramma do conselheiro Ruy Barbosa o abalou profundamente, tal o tom alarmante de seus termos.

Horas depois, recebia correspondencia do seu secretario; e este, além da extensa exposição que fazia do mallogro das suas tentativas junto ao governo de D. Carlos, enviava-lhe todos os jornaes lisbonenses, para que pudesse avaliar precisamente a tensão dos espiritos em todo o reino e a completa revira-volta da opinião quanto ás sympathias que mezes antes tanto demonstrara pela causa da revolta de 6 de setembro.

Além de que, não tardava tambem a chegar-lhe a triste nova da expulsão de Benjamin de Mello com todos os seus lamentaveis pormenores. E, como se tudo isso não bastasse,

cada carta que lhe enviavam os seus companheiros retidos em Elvas e Peniche, sangrava-lhe fundo na alma, tão tristes eram ellas e cheias de queixumes.

A penuria era geral entre os prisioneiros. Officiaes e praças se confundiam na mesma promiscuidade da miseria. E, se não fosse a compaixão de algumas generosas familias portuguezas, muitos não teriam o que vestir e andariam descalços.

Benjamin de Mello, é verdade, muito fizera. Em terra estranha, sem abundancia de recursos, lutando até com o receio dos membros da propria colonia brasileira em se tornarem suspeitos, felizmente encontrara o coração magnanimo de um velho e prestimoso negociante, fornecedor da marinha portugueza, o qual, muito occultamente, lhe emprestou 400 libras, que mais tarde não quiz receber e que até certo ponto muito lhe valeram para attender aos pedidos instantes dos seus companheiros, reduzidos a tal extremo de necessidades.

Demais, não eram de modo algum satisfactorias as communicações, que recebera Saldanha da Gama, sobre o estado dos feridos, que haviam resistido a toda essa verdadeira odysséa, em que se transformara a viagem dos asylados do Rio de Janeiro ao Prata, do Prata á Costa d'Africa e d'ahi a Portugal. E a ultima operação soffrida por um dos seus discipulos mais estimados, um distincto sobrinho do contra-almirante Pereira Guimarães, fundamente o penalizara.

Nestas condições, deliberou elle ir ao encontro de seu secretario em Madrid, ouvil-o verbalmente e, então, resolver o que deveria fazer.

Apezar de tudo, muito custou ao almirante dissuadir-se da sua viagem a Lisboa.

Por mais que Benjamin de Mello, em pessoa, e Ruy Barbosa, por nova carta, lhe expozessem a inutilidade de tão penoso sacrificio, exposto, como estava, a soffrer um desacato

inevitavel, não se conformava elle com a situação, tal e qual lhe era apresentada, na idéa fixa em que estava de cumprir a sua palavra solemnemente empenhada, quer em uma de suas notas ao commandante Castilho, quer em terminante despacho telegraphico ao conselheiro Hintze Ribeiro, presidente do gabinete de ministros.

Nesse sentido, escreveu ainda a alguns amigos seus de prestigio reconhecido na politica portugueza, instando para que se entendessem com aquelle homem de Estado, afim de que o recebesse prisioneiro em troca da libertação de seus companheiros. E as respostas não se demoravam a vir, confirmando o proposito em que ali se achavam de o não deixar pisar um só instante o territorio nacional.

Foi então que Saldanha da Gama se resolveu a redigir o seu ultimo protesto ao governo portuguez, importantissimo documento, cujo rascunho original, com todas as correcções por elle escriptas, faz parte desta collecção de peças originaes que ora publicamos, e occupará todo o capitulo seguinte.

Nessa longa exposição de motivos, mais uma vez o almirante detidamente explicou a sua conducta, desde o momento em que lhe foi concedido asylo no Rio de Janeiro até a transformação deste no Rio da Prata em inesperada detenção de guerra. E só depois de ter a certeza de que fôra entregue ao conselheiro Hintze Ribeiro essa representação, foi que seguiu viagem para Paris, onde esperava levantar fortes sommas, com que pudesse voltar aparelhado para a fronteira riograndense e intentar nova e decisiva campanha contra o governo do marechal Floriano.

XVIII

SUMMARIO — *De Madrid — Ultimo protesto de Saldanha da Gama ao governo portuguez — Recapitulação de factos — O direito de asylo e o gabinete de Lisboa — O conflicto luso-brazileiro — As ameaças do marechal Floriano — Transviamento da opinião — Os apodos da imprensa — Medidas vexatorias — A volta da razão e da justiça — Considerações finais.*

Era assim concebido o ultimo protesto que, de Madrid, dirigiu Saldanha da Gama ao governo portuguez:

«Madrid, 24 de junho de 1894 — A S. Ex. o Sr. conselheiro Hintze Ribeiro, presidente do conselho de Ministros de sua Magestade Fidelissima — Exmo. Sr. — Em cumprimento á declaração contida no telegramma que, em 28 de abril, tive a honra de dirigir a V. Ex., de Montevidéo, acho-me desde hontem nesta capital a poucas horas da fronteira de Portugal. Era meu firme proposito proseguir sem mais detença na rota até Lisboa e apresentar-me ahi ao governo de sua Magestade Fidelissima collocando-me inteiramente á sua disposição. Deteve-me, porém, o passo a quasi certeza, que vim aqui adquirir, de me estar interdicta a entrada no territorio portuguez, pelo menos tanto quanto possa deprehender de informações fidedignas, das noticias propaladas pela mesma imprensa diaria lisbonense, e até pelo recente facto da brusca expulsão imposta ao meu secretario, capitão de fragata Benjamin de Mello.

Longe do meu pensamento a pratica de qualquer acto, que venha melindrar ainda mais o resentimento, aliás sem razão de ser, do governo e do povo portuguez. Na minha resolução de enviar primeiramente meu secretario e vir eu mesmo em seguida a Lisboa, creia V. Ex., outra intenção se não continha, que não fosse offerecer, antes de tudo, plena e publica explicação pelo meu desembarque e da maior parte

de meus companheiros de exilio de bordo dos vasos de guerra portuguezes no Rio da Prata, e depois velar tambem de mais perto por aquelles companheiros, que ali tendo permanecido nos referidos navios, foram conduzidos para Portugal, onde de presente se encontram, recolhidos ás praças fortes de Elvas e de Peniche.

E digne-se V. Ex. conceder-me que não são difficeis de avaliar os sacrificios que a mim mesmo tive de impôr para cumprir com essa resolução. Entretanto, nem o estado precario de meus ferimentos, nem a longa viagem transoceanica e seu oneroso custo, nem o abandono de interesses e responsabilidades momentosas, nem a mesma perspectiva de amargos ultrajes, inflingidos por uma opinião publica transviada—nada me foi obstaculo; e, accrescento, tudo supportaria de bom grado até ao cabo, sómente para ter a dupla e gratissima satisfação de, a par do meu acto de espontanea abnegação, poder explicar-me directa e pessoalmente, a respeito desses factos que tanto parece haverem susceptibilizado a nação portugueza.

Não, que eu reconheça ao governo de Portugal direito ou razão fundamentada para se haver commigo e com os meus companheiros de exilio, do modo por que se houve e se está ainda conduzindo, em virtude de resolução espontanea ou sob a pressão de exigencias descabidas e injustificaveis. Ao contrario, jámais aceitei em principio que lhe fosse licito reter-nos conforme nos reteve *a fortiori*, a bordo de seus navios, em aguas de duas outras nações, que aliás nos abriram de par em par as portas de sua franca e agasalhadora hospitalidade, assim como não posso admittir que lhe seja permittido deter agora os que se acham em Portugal, encerrados em praças de guerra por tempo indeterminado.

O que me impulsionava e ditava o meu proceder, era sobretudo o desejo de patentear ainda assim, juntamente com a expressão do reconhecimento de todos pelo acto tão cavalhei-

roso do asylo, verificado em 13 de março na bahia do Rio de Janeiro, o meu proprio e respeitoso apreço por esse povo portuguez, ao qual me ligam estreitos laços de sangue e os laços não menos affectivos das relações adquiridas no decurso da minha existencia.

Tambem, por isso, não é sem pezar, e pezar profundo, confesso, que me vejo forçado a desistir deste meu sincero empenho.

Mas o assumpto desse asylo carece de ser esclarecido por parte dos emigrados brasileiros afim de que se possa apreciar-o devidamente e julgar das occurrencias supervenientes.

E' pelo menos o que, na situação em que me acho e attenta a responsabilidade, que me incumbe, vou procurar fazer n'algumas palavras.

O asylo foi, sem duvida, cavalheiresco a mais não poder ser, porém incondicional. Não assumi compromisso algum por mim e por meus companheiros, que nos obrigasse moralmente a não desembarcarmos senão em territorio portuguez; ao contrario, apenas pude perceber ser tal a resolução, mas resolução que nunca me foi communicada, do governo a que V. Ex. preside, apressei-me em protestar contra ella por documento dado a publico, no qual declarava ao mesmo tempo deixar os meus companheiros livres de procederem como melhor fosse para se libertarem de tão vexatoria situação. Se, no mesmo documento, consignei fazer acto de abnegação da minha personalidade, logo depois, em tres cartas subsequentes, todas de character official, deixei claramente entendido que não me era licito levar o sacrificio até ao ponto de comprometter por minha causa os meus companheiros, que por dedicação não queriam libertar-se, abandonando-me.

O facto de havermos permanecido por espaço de 40 dias a bordo dos vasos de guerra portuguezes no Rio da Prata, a despeito de toda a sorte de privações e soffrimentos, não

podia igualmente significar que reconhecessemos a obrigação de respeitar a todo transe o asylo, transformado numa verdadeira detenção de guerra, em virtude de compromissos tomados sem sciencia nossa e contra nós; porém tão sómente que nos detinha o acatamento devido aos que nos haviam cavalheirosamente acolhido em um momento de difficuldade.

Da nossa saída em massa de bordo do vapor *Pedro III*, arvorado em transporte de guerra portuguez, tampouco será licito dizer que não fosse o acto justificado de quem, indevidamente coagido, recobra por si a liberdade, fazendo esforço para não recorrer á mais ligeira medida de violencia.

E o que se passou depois na viagem desse navio até a ilha d'Ascenção, pela fome e pela sêde que padeceram os seus passageiros, permite-nos avaliar quanto teriamos todos soffrido se, em vez de 160 apenas, houvessemos permanecido a bordo em numero de 509, que tantos eramos após o passamento de quatro dos companheiros.

Entrementes, o governo do marechal Floriano Peixoto rompe as relações diplomaticas, acto em cujo fundo, como que se deixou divisar adrede, sob tenue disfarce, possibilidade de adopção de medidas, que visam consideraveis interesses da nação portugueza. A opinião publica transviada desafoga-se contra os pretensos culpados, isto é, contra nós, que nem se quer podemos defender-nos, em apodos, cada qual mais pungente, e que a imprensa jornalistica se encarrega de espalhar, accusando-nos cada vez mais. Finalmente, o mesmo governo, do qual tem V. Ex. a superior responsabilidade e direcção, persiste encarando o asylo concedido a refugiados politicos sob essa differente face, segundo a qual parece licito exercer sobre elles direitos anormaes, assim como sujeital-os ás maiores vexações, além do constrangimento, inherentes á propria situação.

Já antes, em Buenos Aires, por exemplo, tentara o representante diplomatico do governo portuguez obter do governo argentino a entrega dos primeiros asylados, que saíram de bordo da *Mindello* e da *Affonso de Albuquerque*; hoje, é o proprio governo que mostra querer tratar a seu bello talante os que ainda se acham retidos em seu poder, usando delles como objecto de compromissos diplomaticos ou conservando-os encerrados em praças fortes, peor do que prisioneiros de guerra, sem determinação de tempo, e ainda depois da notificação official do governo do marechal Floriano Peixoto, que deu como debellada e extincta a revolução no Brazil.

Até o direito de legitima defesa ficou tolhido a esses asylados que vieram para Portugal, pois que se lhes negou resposta, prosecução e publicidade á reclamação que, fundados em principios de direito, universalmente reconhecidos, elevaram á presença do governo de sua Magestade Fidelissima, logo ao desembarcar em Lisboa.

Força é, pois, aguardar para mais tarde a volta do predomínio da justiça e da razão. Esperarei por essa volta com a calma e a confiança que me incutem de um lado a consciencia da acção do meu proceder e, de outro, a fé na tradicional nobreza de sentimentos do povo portuguez.

Na situação difficil em que me encontrei no porto do Rio de Janeiro, podia ter procurado outro asylo ou mais asylos, para mim e para os meus companheiros de causa.

Acolhendo-me, porém, á sombra da bandeira da nação co-irmã, acreditei dar-lhe com isso, e sem partilha, a par do pesado encargo, é certo, prova tambem não equivoca de preferencia e sympathia. E, apezar das desagradaveis occurrencias supervenientes, que de coração lamento, diz-me a razão que não podia, nem devia ter adoptado differente alvitre — *Luiz Phelippe de Saldanha da Gama*».

Este manuscrito parece que foi um tanto alterado, ao ser passado a limpo afim de seguir o seu destino; e somos levado a crer que o almirante ainda lhe accrescentasse alguns periodos como fecho.

Suggestiram-nos esta desconfiança algumas notas, encontradas em uma tira de papel á parte, demonstrando que mais alguns trechos foram intercalados ao texto primitivo, como novos elementos de argumentação.

Entretanto, o rascunho que possuímos e que, pela sua authenticidade, não desperta duvida, passará de certo como prova documental á historia, dada a difficuldade de obter-se talvez uma cópia do original, caso exista ainda nos archivos dos ministerios portuguezes.

Póde ser mesmo que fosse elle então inutilizado, desde que, sobre a sua existencia, tanta reserva guardou o gabinete Hintze Ribeiro, embora satisfeito de se vêr livre de maiores incommodos, não tendo que fechar, por mais um acto violento, as portas do reino ao almirante brasileiro.

Por essa época, chegava este a Paris e celebrava as suas primeiras conferencias com os outros emigrados que, na Europa, representavam os revolucionarios perante o mundo financeiro.

BIBLIOTHECA PÚBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

APPENDICE

NOTA A

O Almirante Custodio de Mello

Tendo nós encetado a publicação dos primeiros capitulos deste livro pelo jornal *O Paiz*, em fins de 1901, firmando-os com as iniciaes A. Z., despertaram as nossas narrativas o mais vivo interesse em todos os círculos sociaes e, muito especialmente, entre officiaes de marinha. Não faltou assim quem procurasse trazer-nos valiosos subsidios para a historia desse período agitado da vida politica do Brazil em cartas e documentos que, sem duvida, constituem a parte mais importante deste trabalho, tornando o appendice da obra, mais precioso talvez do que o seu proprio texto. E, neste sentido, foi o illustre almirante Custodio José de Mello, um dos primeiros a romper o debate na seguinte carta á redacção d'*O Paiz*:

«*Sr. Redactor* — Peço-vos a fineza de dar publicidade em o vosso conceituado jornal ao artigo que, em seguida a esta carta, vai por nós assignado. Por tal fineza grato se confessa o de V. attento venerador e criado — *Custodio de Mello*».

AO PUBLICO

Alguem, que se diz bem informado e possuidor de valiosos documentos a respeito da revolução de 5 de setembro, tem publicado neste jornal uma série de escriptos sob a epigraphe «A revolta da armada e a revolução riograndense».

Desde os primeiros desses escriptos, notámos que esse *alguem*, que se assigna com as iniciaes A. Z., não está, como se inculca, a par dos factos occorridos antes e durante a revolução da armada. E, para que o nosso silencio não seja tomado como acquiescencia ás inexactidões nesses mesmos escriptos contidas, desde já contra ellas protestamos; e, se a isso nos limitamos, é porque isoladamente não pódem ser explicados, e muito menos comprehendidos, factos que se acham intimamente presos a outros, formando, por assim dizer, uma só cadeia, cujos élos, uma vez dispersos, perderiam a força que antes lhes dava sua intima ligação.

Entretanto, cumpre-nos, por se referirem directamente á nossa individualidade, restabelecer a verdade sobre alguns dos factos já publicados.

No primeiro dos referidos escriptos, o Sr. A. Z. disse que arrastamos a nossa corporação para o movimento de 5 de setembro e deu claramente a entender que a isso fomos levado pela ambição do poder. Felizmente o Sr. A. Z. dispensou-nos do trabalho de contraditar estas suas asserções, porque elle proprio disto se encarregou, quando, no segundo escripto, referiu: «Saldanha não entrara na conspiração. Sondado por um grupo de officiaes, após uma reunião secreta no Club Naval, reprovou o movimento. E mesmo, quando um dia lhe communicaram que o almirante Custodio de Mello, *convidado* para assumir a chefia da revolução em preparo, indicara nobremente o seu nome para a direcção suprema das forças, insistiu na primitiva recusa, mais uma vez accentuando a sua obediencia á disciplina e aos deveres militares».

Ora, sendo convidado por nossa corporação para o supra mencionado movimento, é claro que para elle a não arrastamos; e, se foi a ambição do poder o movel que nos levou a realizal-o, não se comprehende como quizessemos entregar a outrem o bastão do commando.

Esse facto, porém, não se passou assim, mas do modo como o narramos no 6º de uma série de artigos que, em 1899, publicamos na extincta folha *A Imprensa*, com o fim justamente de provar que não foi a ambição do poder o movel que nos fez levantar a bandeira da revolução (e não revolta) de 5 de setembro.

Vamos reproduzir aqui o que a respeito dissemos no referido artigo que, como os demais, não soffreu nem soffrerá a minima contestação em nenhum de seus pontos.

«Depois de uma reunião solemne e um tanto tumultuosa no Club Naval, na qual assentado ficou levantar-se a marinha nacional, alguns officiaes dirigiram-se ao almirante Saldanha, afim de pedir-lhe que tomasse a direcção do movimento; e, como este illustre chefe não accedesse a tal pedido, para o mesmo fim recorreram a nós, que, aceitando tão honrosa, quão difficil e arriscada missão, impuzemos a condição de se encarregarem elles de reunir os elementos precisos, quer quanto ao pessoal, quer quanto ao material, reservando-nos o plano de campanha e indicar a occasião de encetal-a.

Depois de, naquella sentido, haver-se feito muito trabalho e pouco antes de 5 de setembro, um amigo nosso veio ter connosco para dizer-nos, da parte do almirante Saldanha, que este decidira, afinal, aceitar a incumbencia acima alludida, e mandava convidar-nos a uma conferencia no dia seguinte, á noite, na casa de seu irmão, o Dr. Sebastião, na rua do Hospicio.

Em resposta áquelle amigo, dissemos: «Se minha corporação entender que tem meu collega mais competencia e mais no caso está, do que eu, para dirigi-la no patriotico commettimento, que vai emprender, immediatamente passarei ao almirante Saldanha a missão que ella me confiou, porquanto não faço questão de ser chefe; do que, porém, faço questão, e séria, é de ter na luta um posto de combate. A circumstancia, continuamos nós, de ser eu mais antigo no posto desaparece completamente diante da grandeza e alcance do objectivo que leva minha corporação a sublevar-se».

Na manhã do dia seguinte, em que devia ter lugar o a conferencia para que fôramos convidado, de novo procurou-nos o mesmo amigo com o fim de communicar-nos que o almirante Saldanha havia resolvido, por causas que sobrevieram, abrir mão de seu compromisso».

Não foi, pois, por amor á disciplina e aos deveres militares, que o almirante Saldanha, de gloriosa memoria, não aceitou a chefia do movimento de 5 de Setembro, a que elle mais tarde adheriu; e nosso procedimento naquella emergencia para com o mesmo almirante é por certo a mais eloquente prova de que não somos ambicioso do poder, prova que tambem haviamos dado, conforme se vê de nosso trabalho «Apontamentos para a revolta de 23 de novembro de 1891», quando convidamos o almirante Wandenkolk para assumir a direcção desse movimento, promettendo servir sob suas ordens, convite a que S. Ex. não annuiu.

CUSTODIO DE MELLO

*
**

No dia immediato, replicavamos:

«Sr. redactor — Que se me permittam alguns palavras em resposta á carta do Sr. almirante Custodio de Mello.

Declara S. Ex. que vem rebater «as inexactidões nestes escriptos contidas» e começa por duas grandes inverdades: primeiro, dizendo que «nos inculcamos bem informados e a par dos factos occorridos.

antes e durante a revolução da armada; segundo, affirmando que «demos a entender que foi levado pela AMBIÇÃO DO PODER, que S. Ex. entrou no movimento, que insiste em chamar de 5 de setembro».

Desafiamos o honrado Sr. almirante Mello a apontar e transcrever os trechos em que, em suas palavras, taes affirmativas fizemos.

Replicando, ainda ha dias, ao illustre Sr. commandante Alexandrino, começámos recordando a declaração solemne com que abrimos este trabalho.

Lembráramos então o que escreveramos, e hoje pela ultima vez repetimos que «não era uma NARRATIVA HISTORICA, o que iamós fazer, mas uma DOCUMENTAÇÃO DE FACTOS».

E accrescentáramos: «Para a historia é cedo ainda. Nem a revolução federalista do Rio Grande do Sul, nem a revolta de 6 de setembro, nem o periodo agudo e agitado em que ambas se fundiram em uma mesma reacção contra a ordem de coisas estabelecida, permite por ora senão simples chronistas. Episodios e documentos — eis o que se pôde desde já trazer á luz. Os episodios, que irão formando a tradição. Os documentos que, com a tradição, MUITO MAIS TARDE hão de vir constituir a historia».

Quem assim falava, de certo não se inculcava, como adianta o Sr. almirante, com pretensões a historiador da «Revolta de 6 de setembro e da Revolução riograndense».

Quanto á ambição de poder, só escrevemos taes vocabulos, quando, fazendo o paralelo entre os papeis de Silveira Martins e de Saldanha da Gama nos acontecimentos, mostramos que, se ao primeiro dominavam as paixões partidarias, ao segundo não foram as «fascinações e os azares da politica nem as ambições pessoases que o lançaram á luta».

Uma só allusão fizemos então a qualquer outro seu companheiro de classe ou articulámos sequer uma phrase que se pudesse tomar como uma *carapuça*.

Rebatidas assim essas duas inexactidões do Snr. Custodio de Mello antes de apontar os pontos em que fomos menos verdadeiros, mais infeliz foi S. Ex. quando nos quiz pegar em flagrante contradição. Firmado ainda sobre a tal falsa premissa de «ambição de poder», diz o nobre almirante que nos mostramos incoherente quando, depois de escrever que «com o alto prestigio de seu nome arrastara os seus companheiros de armas em poucas horas á insurreição e á luta», mais adiante narrámos que «convidado por um grupo de officiaes, após uma reunião secreta no Club Naval, para assumir a chefia da revolução em preparo, indicara S. Ex. o nome de Saldanha da Gama».

Ora, exclama triumphante o nosso illustre contendor, transformando o grupo de officiaes, ao qual alludiramos, na armada inteira, «sendo convidado por nossa *corporação* para o supra mencionado movimento é claro que para elle não a arrastamos».

A conclusão não poderia ser mais logica, se não falhasse *exatamente* ao sillogismo a logica das premissas.

Com effeito, a 6 de setembro, uma boa parte dos nossos officiaes de marinha ignorava o movimento dessa manhã; e foi só então que, sabendo que se achava á sua frente o triumphador de 23 de novembro, correu em grande numero a juntar-se aos seus companheiros, que haviam levantado a esquadra contra o governo do marechal Floriano.

Passemos agora ao ultimo ponto da carta-protesto do honrado almirante, referente á recusa de Saldanha da Gama a entrar na conspiração.

No fundo, isto é, nos factos capitaes, S. Ex. confirma linha por linha as nossas asserções. Fica assim fóra de debate e de duvida :

1º — Que houve uma reunião secreta no Club Naval, assentando-se levantar a marinha nacional ;

2º — Que, logo após essa reunião, alguns officiaes dirigiram-se a Saldanha da Gama, convidando-o para assumir a chefia do movimento ;

3º — Que, recusando-se este, para o mesmo fim procuraram o Snr. Custodio de Mello.

Vejamos agora os pontos, em que a nossa narrativa diverge da versão do nosso illustrado contradictor.

Ora nós disseramos :

«Saldanha da Gama não entrara na conspiração. Sondado por um grupo de officiaes, após uma reunião secreta no Club Naval, reprovou absolutamente o movimento. E mesmo, quando um dia lhe communicaram que o almirante Custodio de Mello, convidado para assumir a chefia da revolução em preparo, indicara nobremente o seu nome para a direcção suprema das forças, insistiu na primitiva recusa, mais uma vez accentuando a sua obediencia á disciplina e aos deveres militares.

— O Snr. Custodio de Mello escreve :

«Depois de uma reunião solemne e um tanto tumultuosa no Club Naval, na qual assentado ficou levantar-se a marinha nacional, alguns officiaes dirigiram-se ao almirante Saldanha, afim de pedir-lhe que tomasse a direcção do movimento, e, como este illustre chefe não acce-

desse a tal pedido, para o mesmo fim reccorreram a nós, que, accetando tão honrosa, quão difficil e arriscada missão, impuzemos a condição de se encarregarem elles de reunir os elementos precisos, quer quanto ao pessoal, quer quanto ao material, reservando-nos o plano de campanha e indicar a occasião de encetar-a.

«Depois de, naquelle sentido, haver-se feito muito trabalho e pouco antes de 5 de setembro, um amigo nosso veio ter connosco para dizer-nos, da parte do almirante Saldanha, que este decidira, afinal, aceitar a incumbencia acima alludida, e mandava convidar-nos a uma conferencia no dia seguinte, á noite, na casa de seu irmão, o Dr. Sebastião, na rua do Hospicio.

«Em resposta áquelle amigo dissemos: se minha corporação entender que tem meu collega mais competencia e mais no caso está, do que eu, para dirigi-la no patriotico commettimento, que vai emprender, immediatamente passarei ao almirante Saldanha a missão que ella confiou-me, porquanto não faço questão de ser chefe; do que, porém, faço questão e séria, é de ter na luta um posto de combate. A circumstancia, continuamos nós, de ser eu mais antigo no posto desaparece completamente, diante da grandeza e alcance do objectivo que leva minha corporação a sublevar-se.

«Na manhã do dia seguinte, em que devia ter logar a conferencia para que fomos convidado, de novo procurou-nos o mesmo amigo com o fim de communicar-nos que o almirante Saldanha havia resolvido, por causas que sobrevieram, abrir mão de seu compromisso».

Logo, em que divergem as nossas descripções?

Simplemente em dois detalhes. Em primeiro logar, no ponto em que contámos que «COMMUNICARAM (attente bem o Sr. almirante) COMMUNICARAM a Saldanha que S. Ex., convidado para assumir a chefia do movimento, indicara nobremente o nome d'elle para a direcção suprema das forças», quando S. Ex. afirma que aceitara, ao contrario, logo essa missão. Em segundo logar, quando diz que só desistira d'aquelle posto ao ser «procurado por um *amigo seu* da parte de Saldanha, para informal-o de que este se decidira, afinal, a aceitar a alludida incumbencia, convidando-o até para uma conferencia que se não realizou, por lhe haver o *mesmo amigo* communicado que, novamente, aquelle seu camarada, por motivos que infelizmente não revela, abriu mão de tal compromisso».

Em summa, porém, o que ficou de pé para nós ambos e passará incontestavelmente a historia, é que Saldanha da Gama DUAS VEZES SE RECUSOU A ASSUMIR A DIRECÇÃO DO MOVIMENTO DE 6 DE SETEMBRO

A questão, pois, só está em descobrir os motivos que a isto o levaram.

Nós affirmamos, baseados em documentos e em testemunhos insuspeitos, que o movel desse procedimento do heróe de Campo Osorio, fôra o seu entranhado amôr á disciplina e obediencia aos deveres militares. O Sr. Custodio de Mello nos contesta, declarando que outras foram as causas, mas desgraçadamente não as revela, como o exigia a importancia de uma semelhante contradicta.

Argumentemos, entretanto, para concluir. Que elementos de provas trouxe o honrado Snr. Almirante para tão cruamente taxar os nossos escriptos de *inexactidões*? O nosso trabalho, sem pretensões á obra de historiador, está sendo, todavia, moldado sobre documentos, na maior parte ignorados, cartas de Saldanha da Gama e Silveira Martins, até hoje ineditas, e outros autographos preciosos, sobre os quaes o investigador futuro forçosamente ha de basear as suas pesquizas e as suas conclusões.

No caso da reccusa de Saldanha em tomar parte na conspiração como nos contrariou S. Ex.? Falou em *motivos*, que não nos disse quaes foram. Referiu-se a communicações de leva e traz de um *amigo*, cujo nome guardou religiosamente. E terminou declarando que, da parte de Saldanha, o *procuraram* para dizer-lhe que afinal accedera elle a pôr-se á frente do movimento, quando nós continuamos a affirmar que, o que COMMUNICARAM a este, foi que S. Ex. declinara dessa honra, indicando-lhe nobremente o nome.

Entretanto, quem nos dirá que ambos, o Sr. Custodio e o seu infelizmente companheiro, não eram naquelle momento victimas do mesmo embuste? Porventura, se Saldanha da Gama, na manhã de 6 de setembro, arvorasse a sua insignia no *Aquidaban*, teriamos tido a neutralidade de Villegaignon? Muitos dos officiaes, que mais tarde ficaram ao lado de Floriano, não se achariam naquelle dia a bordo? As illas das Cobras e das Enxadas não despejariam forças de desembarque? E, finalmente, não haveria por baixo de tudo isso quem desejasse afastar da direcção suprema das forças o ministro da marinha de 23 de novembro?

Que nos respondam a estas interrogações com a mesma firmeza com que replicámos ás arguições, que nos têm sido feitas, são os nossos mais caros desejos e justos carinhos pela verdade historica. Esperemos».

O Sr. Custodio de Mello, assim nos respondeu :

«Sr. redactor d'*O Paiz* — Mais uma vez, ainda que a contragosto, vimos importunar-vos, afim de dardes publicidade ás poucas linhas que, em seguida, traçamos ainda sobre o nosso protesto contra as inexactidões, que notámos em alguns dos escriptos do Sr. A. Z., publicados em vosso conceituado jornal.

O amigo, a quem então nos referimos quanto á resolução do illustre almirante Saldanha de assumir a chefia da revolução da armada, é o distincto engenheiro Dr. Manoel Maria de Carvalho, cuja palavra a ninguem é licito pôr em duvida. E quanto á causa, que levou o mesmo almirante, a abrir mão de sua resolução e que, sob os termos vagos — causas que sobrevieram — declaramos que assim procedemos por considerações, que nos impedem de discutir, na actualidade, os factos occorridos antes e durante o movimento de 5 de setembro. Na conjunctura, porém, que nos collocou a nossa resposta ao Sr. A. Z., somos obrigados a romper, neste incidente, com aquellas considerações, tornando publico o motivo, que fez o almirante Saldanha desistir daquella sua resolução, o qual foi ter sabido elle havel-a revelado a alguns alliados nossos, no escriptorio do Lloyd Brasileiro, o inditoso capitão de mar e guerra Lorena, um dos mais importantes conspiradores, segundo nos scientificou o mesmo Dr. Maria de Carvalho. 12 de dezembro de 1901 — *Custodio de Mello*».

NOTA B

Adhesão de Villegaignon á Revolta

«Corpo de Marinheiros Nacionaes, em 8 de outubro de 1893.

Srs. Commandante e Officiaes das Fortalezas da Lage, Santa Cruz e S. João.

Cabe-nos o dever de communicar-vos, que o procedimento do governo e das actuaes autoridades superiores da marinha nos compelle a assumir attitude differente da que com sacrificios e difficuldades procuramos manter, em face dos acontecimentos que tiveram começo a 6 do passado e se desenvolvem ainda nesta capital e Estados.

Esta attitude francamente neutra, ainda que incomprehensivel e injustificada para aquelles que só teem em mira interesses politicos de actualidade, se nos impunha como arduo e estricto dever, na contingencia de continuar a manter a disciplina militar, indispensavel em um corpo de mais de oitocentas praças aquarteladas, incluindo cento e tantos presos revoltosos e cujo espirito era manifestamente favoravel ao movimento de toda a esquadra, no porto do Rio de Janeiro ; era demais a attitude, que melhor correspondia aos interesses da propria capital e ainda mesmo, aos de um governo forte e prestigiado. Foi essa a declaração que fizemos ao proprio sr. chefe do Estado Maior General da Armada, quando a 6 do mez passado, veio a esta fortaleza, depois mesmo de ter solicitado prévia e officialmente a intervenção dos navios estrangeiros para impedir as hostilidades da esquadra revoltada.

Sempre fomos infensos aos pronunciamentos militares, mas acceita pelo governo a attitude que francamente manifestámos e mantivemos, nas relações officiaes, enche-nos de indignação e revolta-nos, os meios que teem sido postos em pratica para se apoderarem d'esta fortaleza e que não podem ser dictados, por um governo que se diz prestigiado e forte, nem acceito por militar algum que tenha exacta comprehensão dos seus deveres.

O suborno de praças com offertas de tres mezes de soldo, e gratificações extraordinarias de quinhentos mil réis offerecidos aos inferiores deste corpo, para hostilisarem a esquadra; as ciladas feitas a esta guarnição; as propostas indecorosas formuladas em nome do sr. Vice-presidente da Republica de encravarem a artilheria, repellidas com digni-

dade, por aquelles a quem se dirigiram ; o offerecimento dos galões de alferes a um sargento, quando em serviço no Realengo, como commandante de uma guarda que alli fôra no dia 16 do mez passado ; a prisão de marinheiros innocentes, licenciados em terra e obrigados a trocar a sua gola de marinheiros, pela farda de policia ; a proposta feita ao commissario deste corpo, de amarrar e prender os officiaes nos xadrezes desta fortaleza a troco dos galões de segundo tenente para os de capitão tenente ; a prisão em terra de officiaes, nossos companheiros de serviço, a pretexto de suspeitos de conspiração, e ainda a criminosa ideia aventada, mais felizmente repellida, do envenenamento do pão que se remette de terra, pôdem ser facilmente comprovadas e justificarão em qualquer tempo, a nossa maneira de proceder.

Não é, pois, o receio de lucta, que nos tem contido, nem nos move o espirito de classe que não pôde ser invocado, quando officiaes do exercito servem nos navios da esquadra e em terra prestam serviços officiaes da marinha de guerra. Não é a ambição do poder, que ora nos move a mudar de proceder, pois o almirante, commandante da esquadra, assegurou-nos clara e positivamente não almejar, nem aceitar cargo algum na alta administração do paiz, ao contrario do que diariamente e em termos indecorosos, publicam os jornaes manifestamente partidarios desta capital.

Os factos já expostos e, ainda mais, a intervenção estrangeira solicitada pelo proprio governo, na actual emergencia, constituem só por si, o acto menos patriotico que tem sido praticado no nosso paiz, e do qual não caberá certamente á marinha de guerra, a responsabilidade das futuras consequencias, que d'ahi provirão ; razão esta bem forte, e que tambem determina esta nossa nova norma de conducta, mormente quando o espirito do povo de quem tambem fazemos parte, apesar de peado por medidas de energia, tem contudo de se manifestar infenso ao proceder resistente e administrativo do governo, desde as primeiras manifestações do Estado do Rio Grande do Sul onde têm sido sacrificados, como se fossem estrangeiros, milhares de bons patriotas, até a época actual.

São, pois, estas as causas que actuarão em nossa mente e das quaes, em resumo, vos relatamos algumas que nos obrigam por dever de lealdade a declarar-vos esta nossa resolução. — Sylvio Pellico Belchior, commandante, Dyonisio de Lessa Bastos, 2º commandante ; Alipio Dias Colona, Ajudante, A. de Magalhães Castro, primeiro tenente, Calixto G. de Abreu, 2º tenente commissario, guarda-marinhas Manoel Marques de Faria, Jorge Marques Dubuchet, Francisco Alberto Barreto, José Mariano de Farias Dias.»

NOTA C

Saldanha da Gama e os alumnos da Escola Naval

Foi este o officio em que Saldanha da Gama replicou ao aviso do Ministro da Marinha determinando-lhe o licenciamento dos aspirantes sob sua direcção:

Ilha das Enxadas — 25 de Setembro de 1893:

Snr. Ministro da Marinha

Em aviso n. 1.806, datado de ante-hontem, renovado hontem em segunda via, e hoje com terceira, me auctorisastes a licenciar os aspirantes a guardas-marinhas, afim de tranquillisar as respectivas familias. Por falta absoluta de pessoal da secretaria d'esta escola, e até de material correspondente, por estarem fechados os archivos e armarios, não pude dar logo a devida resposta a este aviso vosso, o que vos fiz explicar verbalmente.

Snr. ministro, ao rebentar a presente revolta da armada, respondendo a uma pergunta do sr. chefe do estado-maior general, disse eu que, na presente conjuntura nada mais, nem nada de melhor poderia fazer, do que salvaguardar dos effeitos e consequencias da revolta a escola e seus alumnos, que são n'este momento a esperanza unica da marinha e da patria. Posso repetir ainda agora o mesmo conceito e com a mesma convicção do papel de director d'esta escola.

Ninguem na armada zela mais do que eu os brios e a honra d'esta instituição, que é o berço da marinha, e tenho a intima satisfação de saber que este meu sentimento é geralmente reconhecido pelo Brazil inteiro. O sr. contra-almirante Custodio de Mello, actual chefe da esquadra revoltada, e que, quando membro do governo, por duas vezes suspeitou da correcção de minha conducta, mais tarde veio dar publico e solemne testemunho do contrario n'esta propria escola, e em presença de todo o seu pessoal reunido, e vós mesmo o confirmastes egualmente em alta voz ha bem pouco tempo.

Não tenho, pois, outro empenho n'este triste momento senão conservar os alumnos d'esta escola illesos e puros de immiscuição n'esta

lucta fraticida e sangrenta, que amargura o paiz inteiro; mas tambem quero acreditar que não haverá melhor meio de conseguir esse fim, do que mantendo os mesmos alumnos reunidos e aquartelados sob minha pessoal vigilancia, até completa ultimação do conflicto.

Accresce ser a Escola Naval uma instituição militar de ensino superior, d'onde saem promptas as novas gerações de officiaes para nossa marinha de guerra. Os seus alumnos, que são da mesma procedencia e da mesma estirpe que os das escolas militares do exercito de terra, estão nas mesmas condições d'estes e apresentam ter mais ou menos a mesma idade; e se estes podem estar em activo serviço n'este momento, assim nos campos do Rio Grande do Sul como n'esta capital, a despeito das preocupações de suas familias, não pôde haver motivo, sem offensa aos brios da instituição, para afastar os alumnos da Escola Naval do unico papel que lhes pôde caber n'esta lamentavel conjunctura, qual seja a de amortecedor dos terriveis effeitos da contenda, servindo de garantia á importante porção do nosso estabelecimento naval, e guardando os companheiros de armas de todos as classes que estão cahindo na lucta, atacados por molestia ou feridos pelas armas.

O contrario será tirar a esses alumnos uma missão sacrosanta, que elles já estão cumprindo ha quinze dias com o vosso mesmo consento; será impedir até á marinha do futuro de recolher ao menos os despojos da marinha do presente, tão fundamente turbada e minada, quanto o exercito de terra, pela paixão politica inoculada nas veias das classes militares do Brazil, desde a revolução de 15 de novembro de 1889.

Finalmente, sr. ministro, da auctorisação de licenciamento tal como concedestes, não desejam os alumnos aproveitar-se senão com rarissimas excepções; quanto ao licenciamento obrigatorio, permitti dizer-vol-o já, importaria talvez em arremessar irresistivelmente para a pugna uma parte notavel, a maior parte do corpo, e eu não creio que esteja no vosso espirito, nem no pensamento do governo, longe de applacar os animos, ainda mais atear com tal elemento a fogueira em que ora se consomem tantas vidas preciosas, tantas vidas de irmãos; e se por acaso duvidaes da veracidade do que avanço, vinde vós mesmo verificar da exacção do meu asserto, ou mandae por vós auctoridade de vossa confiança. Repito, sr. ministro, no doloroso momento que atravessamos, a melhor garantia do corpo de alumnos da escola naval, está no seu aquartelamento na escola, sob a minha guarda e sob o bem direito influxo.

Não ha n'isto nenhuma jactancia; ha tão somente a verificação de um facto resultante da confiança reciproca estabelecida entre o director e os alumnos em quasi dois annos de constante convivio.

Ouso esperar que, em vista d'estas considerações, dignar-vos-heis retirar vossa auctorisação; no caso contrario, eu terei resalvado ao menos, em face do governo e do paiz inteiro, a minha pessoal responsabilidade em relação a quasquer consequencias que possam vir a ter a execução de semelhante medida.

Saude e fraternidade.

Luiz Phelippe de Saldanha da Gama.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

O pronunciamento de Saldanha

CIRCULAR AOS CORPOS DO EXERCITO AQUARTELADOS NA
CAPITAL FEDERAL

Prezados camaradas! — A chamada revolução incruenta de 15 de novembro de 1889 produziu seus inevitaveis corollarios.

Ha quatro annos vive o Brazil em constante desassocego e sob a pressão de lutosos acontecimentos. Hoje, a luta aggravou-se e o sangue corre com abundancia nesta Capital, assim como em muitos outros pontos do paiz. E a quem cabe a responsabilidade de tudo isto? A nós, militares de terra e mar, sem duvida que encabeçamos, ou acompanhamos, ou, em summa, que não combatemos o esboroamento do que existia, constituindo a fórmula nova na historia de um governo provisorio montado pelo exercito e pela armada em nome da nação.

Os graves acontecimentos, que tem agitado e continuam a agitar o nosso paiz, provam á evidencia que é tempo de pôr termo a um estado de coisas, que nos desacredita aos olhos do mundo civilizado e atrophia nossas forças vitaes.

Eis o que explica a attitude, que acredito dever assumir no presente momento historico, attitude para a qual não pouco concorreu o proceder do proprio governo para commigo.

E' insensato attribuir ou emprestar á presente luta o character de uma luta de classes. A mesma revolta da armada não representa senão méro factor na agitação revolucionaria, que avança da periphéria para o centro.

O que está em jogo são os nossos fóros de povo livre e civilizado. Por mais illustradas que sejam as classes militares de qualquer paiz e elevado o seu effectivo numerico, não está na essencia do seu papel a direcção politica dos destinos da patria.

Acredito poder-me considerar como o official da Armada pessoalmente mais relacionado com os nossos camaradas do exercito de terra.

Portanto, o ser forçado a cruzar armas com elles constitue naturalmente para mim a mais acerba das contingencias.

O que vos posso affirmar é que nenhuma ambição perturba o meu espirito, assim como que nenhum rancor guardarei da lucta, quaesquer que venha a ser suas consequencias e o seu resultado final.

Acreditai-me sempre com verdadeira sympathia e estima, vosso camarada attento e gratissimo — *Luiz Phelippe de Saldanha da Gama.*

*
**

Nota ás esquadras estrangeiras surtas no porto do Rio de Janeiro

A S. Ex. o Sr. Commandante...

Tenho a honra de communicar a V. Ex. que n'este data assumo n'este porto o commando em chefe das forças navaes da revolução contra o Governo do Marechal Floriano Peixoto.

Nesta posição, e bem que resolvido a empenhar os mais ingentes esforços para deitar por terra uma situação que opprime e degrada o meu paiz, o meu maior desejo é ao mesmo tempo salvaguardar tanto quanto possivel a cidade do Rio de Janeiro com seus innumerados interesses commerciaes dos effeitos e contingencias da lucta. Por minha parte, pois, não ha de ser quebrada a convenção acceita pelo meu antecessor, de não fazer fogo sobre a cidade com os grossos canhões da esquadra, salvo circumstancias muito imperiosas, ou a não ser que parta das baterias de terra a provocação.

Rogando a V. Ex. a fineza de dar conhecimento do conteudo d'esta communicação ao Representante diplomatico de seu Governo n'este paiz, prevaleço-me do ensejo para offerecer a V. Ex. a segurança de minha pessoal estima e distincta consideração.

O contra-almirante

Luiz Phelippe de Saldanha da Gama

Decreto do Marechal Floriano declarando Saldanha da Gama desertor e traidor á patria

O vice-presidente da Republica dos Estados-Unidos do Brazil:

Considerando que o contra-almirante Luiz Phelippe de Saldanha da Gama, director da Escola Naval, cargo da maior confiança, d'ella abusou, em proveito da revolta capitaneada pelo contra-almirante Custodio José Mello, á qual em documento publico declarou adherir;

Considerando que aquelle contra-almirante, incumbido de educar a mocidade destinada á honrosa vida do mar, em vez de ensinar os principios de ordem e disciplina, alliciou-a para a revolta, em franca opposição ás instituições republicanas, incutindo doutrinas subversivas e contrarias a todos os principios da moral civica e honra militar;

Considerando que illudiu, durante tres mezes, a confiança n'elle depositada pelo governo, que o suppunha em leal desempenho da sua missão, por sollicitar quasi diariamente todos os recursos que lhe eram necessarios para a manutenção da escola naval;

Considerando que, quando apresentou-se no hospital de marinha em nome da humanidade, para manter a ordem e a segurança, não teve outro intuito senão arregimentar os marinheiros nacionaes que tivessem obtido alta e os empregados d'aquelle estabelecimento para os fins da revolta, do mesmo modo porque o havia feito com os alumnos navaes;

Considerando que accumulou clandestinamente elementos de guerra e poz mão criminosa em objectos da fazenda nacional existentes no commissariado geral da armada;

Considerando que, na noite de 9 para 10 do corrente, rompeu vi-vissimo fogo de artilheria e fuzilaria sobre as forças que guarnecem estabelecimentos publicos e defendem o littoral, vindo os seus projectis attingir muitos pontos centraes d'esta cidade;

Resolve incluir o contra-almirante Luiz Phelippe de Saldanha da Gama no numero dos revoltosos da armada nacional, já considerados desertores, declarar-o traidor á patria por intentar pelas armas destruir em seus fundamentos a Republica, e por taes crimes sujeital-o ás penas da lei militar.

O contra-almirante Phelippe Firmino Rodrigues Chaves, ministro de Estado dos negocios da marinha, assim o faça executar.

Capital Federal, 10 de dezembro de 1893, 6º da Republica.

Floriano Peixoto

Firmino Chaves

BLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

NOTA E

Conflicto com o almirante norte-americano

Testemunha de vista, assim descrevia o capitão de fragata Augusto de Castilho, commandante da corveta portugueza *Mindello*, tão grave incidente em officio de principios de Fevereiro de 1894, dirigido ao governo do seu paiz :

« Tres navios mercantes de vela, americanos, carregados, pretendiam em 28 de Janeiro atracar aos trapiches da cidade para operarem a sua descarga. O almirante Saldanha, comtudo, que parece tinha denuncia de que um dos referidos navios pelo menos trazia munições de guerra para o governo, tomou as suas precauções para evitar tal manobra, mandando fazer fogo sobre um dos referidos navios mercantes, que teve por isso de fundear perto do cruzador *Trajano*, depois de ter tido a sua bandeira atravessada por um projectil de arma de mão.

Constando isto ao almirante Benham, pelo capitão do navio aggreddido, mandou elle intimar o chefe das forças navaes revoltadas, de que no dia seguinte mandaria seguir as tres barcas da sua nacionalidade para os trapiches onde ellas queriam atracar, e que, se tal manobra fosse de qualquer modo embaraçada, teria que empregar a força. Ao mesmo tempo, mandava o almirante Benham prevenir ao general ministro da guerra, que teria talvez necessidade de atacar a ilha das Cobras, e que nessa eventualidade bom seria que a população da cidade, proxima a dita ilha, fosse prevenida a tempo.

No dia 29 de manhã, toda a esquadra americana appareceu em movimento, tomando os diversos navios posições préviamente determinadas. O cruzador *Detroit* seguiu por entre as ilhas das Enxadas e das Cobras, com a guarnição a postos de combate, passou junto ao cruzador *Trajano*, deu um tiro de polvora secca, que foi respondido por outro do navio brasileiro, ao mesmo tempo que duas das barcas americanas eram levadas a reboque para o trapiche, indo a terceira no dia seguinte sem mais opposição.

Este acto de força causou, como era natural, uma extraordinaria impressão no mar e em terra. Os jornaes governamentais, unicos que

teem licença de fallar, exultaram de contentamento e louvaram o procedimento da esquadra americana, que assim havia abatido as orgulhosas pretensões da esquadra revoltada brasileira. Estavam no seu direito, e tinham razão para isso os jornalistas da cidade. O que é torpe, porém, é que recorressem a architectar phantasticas e inverosímeis. mentiras para exaggerarem ainda mais a victoria americana, e amesquinharem o almirante Saldanha da Gama.

Nesta ordem de idéas, o *Tempo* de 30 dava conta do occorrido, e transcrevia um longo trecho de um officio, que elle dizia ter sido dirigido pelo almirante Benham ao ministro da guerra, contando o episodio, e dizendo ter o couraçado *New-York* disparado onze tiros contra o *Trajano* dos quaes sete haviam acertado no alvo! Esta longa transcrição vinha impressa entre aspas como se fosse *ipsis verbis* o que o almirante Benham havia escripto. A verdade, porém, é que este official não havia escripto tal documento, como no dia immediato mandava declarar no mesmo periodico, e que os factos se passaram como acima ficaram narrados. Parece incrivel que o governo brasileiro do marechal Floriano Peixoto, porque é só elle quem inspira o *Tempo*, se atreva á impudencia de publicar semelhantes falsidades, para se vêr forçado a desmentil-as no dia seguinte!

Esta grave occurrencia deu logar a que o almirante Saldanha da Gama mandasse a todos os commandantes superiores de forças navaes estrangeiras, incluindo o americano, a sua nota de protesto na qual elle allude a um *modus vivendi* para o serviço commercial do porto, o qual nunca existiu auctorisado por elle, mas sim estabelecido por nós, sem mesmo termos de o consultar ou pedir a sua sancção. Nessa nota, diz elle que não poderá de futuro impedir que atraquem ao caes da cidade navios de qualquer nacionalidade, mas que está no seu direito de obstar pela captura, a que circulem na bahia lanchas rebocadoras com bandeiras estrangeiras.

A esta nota, respondeu o almirante americano com a sua de 3 do corrente, na qual me parece que elle corrige bem as asserções inexactas do almirante Saldanha sem todavia alludir sequer ao acto de força praticado. Esperei eu que o protesto do almirante Saldanha teria motivado convocação da conferencia de commandantes, para que lhe fosse respondido collectivamente, e de modo a estabelecer para o futuro normas bem precisas para garantir o trafego commercial da bahia. O almirante Benham não o entendeu assim, e portanto pensei que não era necessario dirigir eu por minha parte ao almirante brasileiro revoltado, qualquer officio meu sobre o assumpto ».

E commentava depois:

«Seja, porém, como fôr, o almirante Saldanha soffreu uma grave affronta no seu brio militar e ficou desautorizado e amesquinhado aos olhos de todas as esquadras estrangeiras e de toda a população do paiz.

Affirma-se mesmo que, já nessa occasião, quiz o almirante abandonar a luta entregando a sua espada ao commandante americano, mas que a isso se oppuzeram os seus officiaes. Teria talvez feito bem e teria com certeza poupado grandes desgostos a muita gente. Entretanto, ficou d'ahi em diante vizivelmente nervoso, sem grande esperança de exito, e quasi desmoralizado e anniquilado de todo».

A esquadra americana compunha-se então de cinco grandes e poderosos navios *S. Francisco, New-York, New-Yark, Charleston e Delroit*.

Diante, todavia, da affronta soffrida, dirigio Saldanha da Gama o seguinte protesto aos diversos commandantes dos vasos de guerra estrangeiros, então ancorados na bahia de Guanabara:

PROTESTO

Todos os navios surtos neste porto, assim de guerra como mercantes, foram testemunhas da opposição tão grave quão apparatosa, que a esquadra, sob o meu commando, soffreu hontem de manhã das forças navaes ao mando de S. Exa. o Snr. contra-almirante Benham, da marinha dos Estados Unidos da America do Norte.

Partindo do principio de que o elemento revolucionario no Brazil do qual a esquadra que opera n'este porto é apenas um factor, não foi ainda reconhecido belligerante, e baseando-se no dever de proteger *quand même* o commercio marítimo sob a bandeira do seu paiz, S. Ex. acreditou licito empregar com ostentação a imponente força naval sob seu commando para obrigar a esquadra revolucionaria a consentir que tres navios mercantes norte-americanos, em vez de executarem sua descarga sobre ancora, o fizessem amarrados ao longo dos trapiches da cidade.

As medidas adoptadas pelas forças sob meu commando jámais foram de natureza a offender os interesses do commercio marítimo estrangeiro; ao contrario, chegamos até a constituir um *modus vivendi*, segundo o qual, em troca da não atracação dos navios mercantes aos trapiches da cidade, o que embaraçaria as nossas operações militares, concordamos em deixar circular nas aguas do porto, sob a protecção de

bandeiras estrangeiras, rebocadores, lanchas e barcos de descarga, por sua natureza brasileiros e, portanto, sujeitos a serem por nós apprehendidos.

Estas medidas foram até agora acceitas e respeitadas pelos chefes das forças navaes estrangeiras, surtas n'este porto, inclusive os da marinha de guerra dos Estados Unidos da America do Norte, que aqui se acha representada desde os prodromos da actual situação. O nosso demorado reconhecimento como belligerantes pelas nações estrangeiras, que se interessam nos negocios do Brazil, se não nos tem dado certas faculdades de direito consuetudinario e escripto, comtudo não nos pode inhibir de exercer certa vigilancia em prol de nossa propria defesa e conservação.

Se não temos existencia legal, no rigoroso sentido d'essa expressão internacional, nem assim se nos pode negar a nossa existencia de facto como combatentes, por espaço de quasi meio anno no porto da capital do paiz, em face do centro do poder de nosso adversario. O caso é inteiramente novo.

Pela primeira vez, assim se mantem uma força revolucionaria por tão longo espaço de tempo dentro de um porto em posição de impedir todo o seu movimento.

A novidade do caso explica, se não justifica, a novidade das medidas adoptadas e acceitas até agora.

Não entende, porém, assim S. Ex. o snr. contra-almirante Benham.

No empenho, segundo affirma, de proteger a todo o transe o commercio maritimo norte-americano, como, quando e do modo que a este convier, S. Ex. pela sua desabrida attitude de hontem, nos collocou perante o dilemma de ou entrar em guerra com a nação que elle representa, o que não pode ser nossa intenção nem nosso desejo, quando estamos combatendo para libertar nossa patria de um governo dictatorial, ou então a desfazer por nossa parte, e unico interesse dos seus nacionaes, o *modus vivendi* acceito até esta data.

Pondo de parte a offensa moral resultante do acto, contra o qual já hontem lavrei o meu protesto pela voz do canhão e pela penna, resta a saber agora se essa alteração do *modus vivendi* acceito não vem modifical-o completamente. Deante de um acto de força contra o qual não posso pretender reagir tambem pela força n'este momento, tenho que consentir d'ora em diante na atracação ao longo dos trapiches da cidade, dos navios mercantes norte-americanos, o que importa pelo principio

da imparcialidade, em reconhecer a mesma vantagem a todos os mais navios mercantes estrangeiros que frequentam este porto.

Portanto, ficam assim annulladas e contra nós, as concessões que, em relação ás embarcações do trafego do porto acreditamos dever fazer em proveito do commercio maritimo estrangeiro, por intervenção dos mesmos chefes das respectivas forças navaes.

Deixando a V. Ex. julgar do que ha de injusto e desvantajoso em semelhante situação para nós, que acreditamos estar-nos batendo por uma causa nobre e nacional, pedimos a V. Ex. que se digne áceitar a segurança da nossa maior consideração e respeito.

O contra-almirante

Luiz Phelippe de Saldanha da Gama

RESPOSTA DO ALMIRANTE BENHAM

«U. S. Flagship San Francisco, 2^d Rate. Rio de Janeiro, Brazil, February 3, 1894.

Sir :

In your circular of the 30th ultimo, the statement is made that I had, by my action of the 29th, broken the *modus vivendi* under which neutral merchant ships were allowed to discharge cargo in the stream and, under the protection of foreign flags, lighter it, without molestation, to the shore. Permit me to say that neither I nor the Senior Officer who preceded me, have had any knowledge of this *modus vivendi*, and the United States Squadron was certainly not a party to any such arrangement.

Your method of observing the *modus vivendi*, if it existed, has been most singular, as these tugs and lighters have been frequently fired upon by the forces under your command and in several instances lighters containing cargoes have been seized. I am not aware that you have, at any time, conceded the right to use foreign flags in the manner indicated in your circular.

Permit me to add further, that the statement of the situation as expressed in your circular would have been more complete if the fact had been set forth therein that American merchant vessels had been repeatedly fired upon while moving about the harbor on their lawful

business and that you had declined to accede to my demand for the immediate cessation of these acts of violence. In one case since my arrival here an American vessel was fired upon from Cobras Island before you could have possibly known wheter it was her intention to go to a wharf or to anchor.

Very respectfully

(Signed) *A. E. K. Benham*, Rear Admiral, U. S. Navy, Comd'g U. S. Naval Force on South Atlantic Station.

To Admiral Saldanha da Gama, Commander-in-Chief Insurgent Forces in the Harbor of Rio de Janeiro».

NOTA F

O Commandante Alexandrino

A proposito do episodio, muito discutido, de não haver o *Aquidaban*, de que era então commandante, o capitão de mar e guerra Alexandrino de Alencar, attendido aos pedidos de auxilio de Saldanha da Gama, escreveu aquelle digno official á redacção d'*O Paiz*, jornal em que estava sendo publicado este nosso trabalho, sob o pseudonymo de A. Z. a seguinte carta :

« Ao Sr. A. Z., na redacção d'*O Paiz* — Muitos cumprimentos. Sou forçado a protestar contra as inverdades escriptas hontem n'*O Paiz* em relação á revolta da armada, na parte que me diz respeito.

O *Aquidaban*, quando sahiu do porto do Rio de Janeiro para se unir ao *Republica* que estava fóra da barra á sua espera, cumpriu com o seu dever chegando á fala do mesmo cruzador, e, depois de ter combinado instrucções, seguiu nas aguas do mesmo navio, destino á Bahia.

Depois de poucas horas de navegação, o *Republica* assignalou grossa avaria na machina, e chamou á fala o commandante do *Aquidaban*.

Transportando-me para bordo, ahi tive sciencia de que era impossivel realizar-se a commissão á Bahia, visto que o *Republica* não podia navegar, e era obrigado a ir ao Paraná concertar a machina, devendo o *Aquidaban* ficar na ilha dos Porcos dois ou tres dias á sua espera para juntos desempenharem a commissão combinada.

Estive na ilha dos Porcos, não tres dias, mas seis, á espera do *Republica*, e, como elle não viesse, resolvi regressar ao porto do Rio de Janeiro para me reunir aos companheiros, afim de resolvermos outro plano.

No dia 1º de março, deixei a ilha dos Porcos em rota batida para o Rio, quando, á 1 hora da madrugada, foi avistado um vapor pela pôpa, na altura da Redonda, ou entre a Raza e a Redonda. Suppondo ser o *Nictheroy*, nos preparamos para combate, na supposição de que a esquadra do governo se approximava.

Mais perto o navio, reconhecemos ser o *Iris* e por signaes chegámos á fala.

Passando-se o commandante para bordo do *Aquidaban*, fez-me sciente das instrucções da que era portador.

Que vinha especialmente da parte do governo de Santa Catharina em minha procura, tendo já tocado na ilha dos Porcos, e lá sabendo que eu tinha vindo para o Rio de Janeiro, seguira na mesma derrota forçando a marcha, tendo tido a felicidade de me alcançar para comunicar-me as seguinte instrucções :

«O governo revolucionario mandava chamar-me a toda pressa para que eu fosse a Paranaguá juntar-me ao *Republica* e seguir para Santa Catharina a dar combate á esquadra do governo federal, que já tinha seguido para alli, conforme telegramma do almirante Saldanha, que instava por esse novo plano. Relutei durante tres horas se devia seguir semelhantes instrucções ou entrar a barra como tinha resolvido e já communicado aos meus commandados».

Infelizmente obedeci ás instrucções recebidas pelo commandante Costa Mendes, que veio especialmente de Santa Catharina chamar o *Aquidaban* ao combate — Se não fosse, os meus camaradas podiam fazer mau juizo do commandante do *Aquidaban*, apesar das provas dadas em factos anteriores, porque desobedecia ás instrucções do governo revolucionario e dos almirantes que dirigiam a força; no entretanto, sabia da posição difficil de meus companheiros no Rio e achava absurdo o almirante Saldanha dar outro destino ao *Aquidaban*. Cumpri a ordem e o resultado foi fatal. Quanto ao topico em que se allude a «signaes que foram feitos ao *Aquidaban* ao passar a barra e solicitações que lhe eram dirigidas » a inverdade se torna flagrante e evidente, porquanto não só não passei a barra como não foram feitos signaes pelo mesmo motivo do *Aquidaban* não poder ter sido visto na distancia em que me achava, entre a Redonda e a Raza de 1 ás 4 horas da madrugada do dia 2 de março — Rio de Janeiro, 6 de dezembro de 1901 — *Alexandrino Faria de Alencar*.

P. S. — Amanhã vos entregarei a carta do commandante Costa Mendes que elucida perfeitamente os factos ».

*
*
*

No dia seguinte replicavamos nós:

«Snr. redactor — No preambulo, com que apresentámos ao publico este nosso despretencioso trabalho, dissemos que «não era uma narrativa historica o que iamos fazer, mas uma documentação de factos.» E accrescentámos; «Para a historia é cedo ainda, Nem a revolução fe-

deralista do Rio Grande do Sul, nem a revolta de 6 de setembro, nem o período agudo e agitado em que ambas se fundiram em uma mesma reacção contra a ordem de coisas estabelecida, permite por ora senão simples chronistas».

Mui acertadamente andou assim essa illustrada redacção, não só fidalgamente acolhendo a missiva do nobre e valoroso commandante Alexandrino, como procedendo-a da generosa declaração, em que franqueou gentilmente, estas honrosas columnas a todas as reclamações que, no curso destas publicações, forem apparecendo.

E, com effeito, todas as contestações que nos fizerem, os esclarecimentos todos que forem vindo á luz, nas affirmações de uns e nos protestos de outros, serão novos contingentes para que a verdade historica vá crystallizando os episodios em factos, de modo que o investigador futuro encontre um dia, em solidas bases, os elementos seguros com que possa sem receios narrar toda essa primeira phase, accidentada e lutuosa, dos primeiros dias da Republica.

Quanto á delicada e valiosa reclamação do capitão de mar e guerra Alexandrino de Alencar, para justificarmos as nossas asserções, bastaria appellarmos para uma das cartas de Saldanha da Gama a Silveira Martins, carta que, por uma feliz coincidência, constitue hoje o capitulo do nosso trabalho, acima reproduzido, e sobre que, principalmente, nos fundámos ao recordar o episodio, que deu ensejo á epistola que se dignou dirigir-nos o bravo official.

E' assim que o almirante, recapitulando os acontecimentos que precederam a sua proposta de capitulação ao marechal Floriano e simultaneo pedido de asylo aos navios portuguezes, e queixando-se indirectamente do abandono em que o atiraram sem meios de defesa e de resistencia no porto do Rio de Janeiro, accentúa a sua extranheza e conta a Silveira Martins que «deixando de ir á Bahia a esquadra de fóra virou para o sul e, não sómente não deu mais signal de si, mas até ficou surda aos seus reiteirados avisos». E accrescenta que não lhe «era possivel forçar a barra sem o *Aquidaban*», porquanto «o material da esquadra do Rio, que dentro do porto conseguira embora manter-se durante tres mezes e meio, não podia por si só tentar semelhante operação».

Ora, diante destas palavras de Saldanha da Gama, tudo levava a crêr que, desistindo a esquadra, de que fazia parte, como capitanea, o *Aquidaban*, de ir encontrar-se no norte com os navios do almirante

Gonçalves, ao passar a barra, desattendera aos reiterados pedidos dos seus camaradas pára vir accudil-os, e tomara rumo de Santa Catharina, onde, de facto, se foi reunir de novo.

Entretanto, do confronto da carta do commandante Alexandrino com a narrativa do almirante Saldanha, o que parece resaltar é que houve alguém que, abusando do nome deste e interceptando-lhe a correspondencia, forgicou um telegramma que, sem duvida, foi causa de tão grandes desastres.

E este ponto é que bem merecia ser elucidado, se o proprio commandante Alexandrino pudesse fazel-o com a alta autoridade do seu valioso testemunho ou se mais alguém, talvez melhor informado, se dignasse tambem fornecer o seu precioso contingente ao restabelecimento da verdade historica de tão importante episodio dos ultimos dias da Revolta.

Temos, todavia, a mais intima satisfação em rectificar por completo o que tão cavalheirosamente nos solicitou o distincto official, sem duvida um dos mais illustres ornamentos da nossa marinha de guerra e hoje a sua maior e mais legitima esperança para o futuro.»

* * *

Eis a carta do tenente Costa Mendes, á qual se referia o commandante Alexandrino:

«Rio, 9 de março de de 1896 — Ao meu bravo companheiro, o distincto capitão de fragata Alexandrino — Em resposta á vossa carta a mim dirigida, pedindo-me a verdade dos factos da revolta de 6 de setembro, quando commandante do *Iris*, em commissão á ilha dos Porcos Grandes em fins de fevereiro de 1894, tenho a responder-vos o seguinte:

Que, tendo o almirante Saldanha telegraphado ao governo proviso-rio que a esquadra do marechal havia saído da Bahia em direção ao sul, o mesmo governo telegraphou por sua vez ao almirante Mello, que se achava então em Curitiba, Estado do Paraná, pedindo para dar ordens, ou, se achasse conveniente, mandar o *Iris*, por ser de maior marcha á ilha dos Porcos prevenir ao *Aquidaban* e ao mesmo tempo ordenar ao commandante que viesse para o Sul, isto é, para a barra de Paranaguá, receber ordens.

Segundo informações, o mesmo almirante respondeu que achava conveniente que se fizesse seguir o *Iris* com a maior presteza.

Não tendo então o *Iris* commandante, fui convidado pelo mesmo governo para fazer a comissão que acceitei para que o governo não tivesse embaraços na sua administração, que foi fatal para todos nós, porque não queria de fórma alguma deixar de commandar o *Urano*.

A ordem que recebi, verbal e depois por escripto, para vos transmittir foi a que se segue: dizer-vos que a esquadra do marechal havia saído da Bahia na quinta-feira, ás 4 horas da tarde, e que, sem perda de tempo, vos dirigisseydes para o sul, isto é, á barra de Paranaguá, para receber ordens, as quaes sempre pensei que eram no sentido de para vos reunirdes aos outros navios, afim de offerecer combate á tal esquadra, caso ella se apresentasse n'aquella zona.

Sobre os outros pontos de vossa carta, affirmo, debaixo da mesma franqueza, como ao primeiro, dizendo que houve de vossa parte relutancia em obedecer á ordem por mim transmittida, declarando-me que ieis á barra do Rio de Janeiro, afim de communicar-vos com o almirante Saldanha para saber se ereis preciso para alguma coisa de maior.

E só vos resolvestes a seguir para o sul, depois de uma conferencia que tivemos a bordo do *Aquidaban* a 10 milhas do pharol da Raza, com os considerandos que vos apresentei sobre o estado em que se achavam os demais navios de nossa esquadra no porto de Paranaguá.

Creio nada mais ter que vos esclarecer, afim de que por vossa vez, possais esclarecer a verdade e fazel-a calar no espirito dos nossos concidadãos.

De vosso camarada, amigo, admirador e grato -- *Francisco Cesar da Costa Mendes*».

A proposito ainda da carta acima do commandante Alexandrino, dirigiu-se ao *Paiz* o almirante Custodio de Mello nos seguintes termos:

Aproveitando o ensejo, pedimos venia ao Snr. capitão de mar e guerra Alexandrino de Alencar para completar as informações que prestou em sua carta, hoje dada á estampa tambem neste jornal.

Em um dos periodos desta carta diz S. S. que a expedição á Bahia abortou em consequencia do máo estado do cruzador *Republica*.

E' isto uma verdade; este navio achava-se em condições de não poder proseguir viagem e, muito menos, entrar em combate, por isso que tanto suas caldeiras, como seu condensador, vasavam a ponto de subir agua até acima dos estrados da machina, apezar de funcționarem

as bombas de esgoto; precisava, pois, de grandes reparos, razão pela qual nelle seguimos para Paranaguá com o intuito de realizar estes reparos, ficando o *Aquidaban* na ilha dos Porcos, afim de ahi concertar suas machinas, que tambem se achavam em máo estado, conforme informou-nos o respectivo chefe de machinas, o habil e bravo machinista Snr. Ernestino Moura.

Para a referida expedição, devemos dizer que pretendemos seguir só com o *Republica*, e que se achando tudo prompto, faltando apenas levantar ancora, como podem attestar o capitão de fragata Candido dos Santos Lara, commandante do navio, nosso secretario, o capitão-tenente Belfort Guimarães, e os officiaes do mesmo cruzador, 1^{os} tenentes Pacheco e Honório de Barros, minutos antes de nossa partida, estes mesmos bravos officiaes, reunidos a bordo do navio, foram unanimemente de opinião que a empresa tornava-se demasiado arriscada, não indo o *Republica* acompanhado do *Aquidaban* que então se achava na bahia de Guanabara.

Louvando-nos na opinião dos referidos companheiros, cuja bravura não se póde pôr em duvida, telegraphamos ao almirante Saldanha, pedindo que mandasse aquelle couraçado esperar-nos 60 milhas E-O de Cabo Frio. Infelizmente este telegramma, de que tiveram sciencia aquelles dignos officiaes e o capitão-tenente Mourão dos Santos, que fazia parte do governo revolucionario, ficou sem resposta.

Devemos dizer mais: á vista do silencio da parte do nosso fallecido collega, tomamos a deliberação de seguir para a Bahia no *Republica* acompanhado do paquete *Meteoro*, que, para este fim, foi convenientemente preparado, assim como que navegamos neste paquete do ancoradouro da cidade de Santa Catharina para Santa Cruz, onde se achava o *Republica*, afim de, passando-nos para este navio, seguirmos com destino á Bahia, quando, mandado de terra pelo sempre pranteado capitão de mar e guerra Lorena, recebemos um telegramma do almirante Saldanha, suggerindo a idéa de irmos até a ilha Rasa, afim de, juntando-nos ali ao *Aquidaban*, que estava na bahia do Rio de Janeiro, seguirmos para a Bahia a atacar a esquadra de Floriano, ataque que se não realizou tão sómente á vista das sérias avarias que, como já dissemos, soffreu o cruzador *Republica*.

Igualmente, é verdade que alguns dias depois de havermos chegado com aquelle cruzador a Paranaguá, mandou o governo revolucionario, de accôrdo commigo, chamar o *Aquidaban*, por isso que, sabendo nós, por telegramma, da vinda da esquadra do marechal Floriano para o sul,

seria um erro deixar o *Aquidaban* só, não podendo o *Republica*, pelos motivos já sabidos, ir em seu auxilio. E que, realmente era isto um erro, reconheceu o proprio commandante deste couraçado no telegramma que, de Santa Catharina, onde chegou de volta da ilha dos Porcos, expediu-nos nos seguintes termos:

«24 de março de 1894 — Desterro — Almirante Mello—Reunidos aqui podemos alcançar uma victoria sobre inimigos que compensará desastre Rio. Separados podemos soffrer outro choque como Saldanha. Infelizmente não tenho sido ouvido, no entanto os factos têm provado que eu tinha razão. *Aquidaban mal armado e pouca marcha podendo bater-se até ir ao fundo porém é erro pôl-o só para supportar choque sete torpedeiras*». (*O grypho é nosso*).

Diz mais o commandante Alexandrino que, quando ia em busca da barra do Rio de Janeiro para entrar neste porto, afim de prestar auxilio ao almirante Saldanha, recebeu ordem de regressar a Santa Catharina.

Acreditamos fielmente no que relata S. S.; mas ha de lembrar-se de que, ao chegar em frente á barra de Paranaguá, ordenamos-lhe, por telegramma, que lhe foi entregue pelo 1º tenente Costa Mendes, fundeasse nas ilhas das Graças para receber material e gente (300 homens), e, após, seguir para o Rio resolução que tomámos á vista da noticia de estar ainda fundeada no porto da Bahia a esquadra de Floriano. Do mesmo modo, ha de lembrar-se de que, daquelle lugar, em que se achava, em frente á barra de Paranaguá, respondeu-nos, por carta datada de 8 de março, cinco dias antes da rendição do almirante Saldanha, que seguia para Santa Catharina, afim de proceder aos reparos de que carecia o seu navio.

Eis a carta transcripta *ipsis literis*:

«8 março — 94 Almirante — Sem carvão, sem azeite e sem mantimentos, precisando concertar as caldeiras que estão em *petição de miséria* (o grypho é nosso) além disto com um pessoal fraco e com doentes de beri-beri, além dos dezoito que já mandei para Curitiba, resolvi, de harmonia com seu telegramma, ir para Santa Catharina, preferindo as ilhas das Graças — Peço-lhe encarecidamente de obter operarios aqui para concertar *Aquidaban* (suas caldeiras); assim o maior numero de caldeireiros de ferro. Estou sem mantimentos; e a carne secca de bordo está completamente estragada. Peço-lhe de obter um mez de vencimentos para a guarnição, que está falando nisto quando reunida em grupos á noite. Está sem fumo e sem coisa alguma. E' preciso cuidarmos de nossos bravos que bem merecem da Patria. Consta-me que vai tambem para Santa Catharina, por isso vou-lhe esperar lá — Do amigo velho — *Alencar*».

Providenciámos immediatamente sobre os pedidos constantes da carta supra, telegraphando ao Dr. Abdon, então em Joinville, afim de fazer seguir, com urgencia, para Santa Catharina o maior numero que pudessem conseguir de caldeireiros de ferro e cobre e ainda obtendo do governador do Paraná, Dr. Doria, 10:000\$, que passámos ás mãos do commandante Alexandrino por intermedio do 1º tenente Costa Mendes.

O *Aquidaban*, infelizmente, não pôde ficar prompto a tempo de ir em auxilio do almirante Saldanha, conforme se constata pelo telegramma do commandante Alexandrino, datado de 11 de março, dois dias após a rendição deste almirante, o qual, em seguida transcrevemos:

«Desterro, 11 de março de 1894 — Almirante Mello — Venha quanto antes almirante para resolver sobre certas noticias do Rio; é necessario *Aquidaban* ficar prompto quanto antes bem como *Republica*. Ainda não pude decifrar seu telegramma — *Alencar*, commandante».

Com a transcripção deste telegramma finalizamos aqui o que tinhamos de acrescentar ás informações prestadas pelo Sr. Capitão de mar e guerra Alexandrino de Alencar em sua já alludida carta, cumprindo, por ultimo, declarar que as obras effectuadas no cruzador *Republica* foram fiscalizadas pelo digno e intelligente machinista Arantes e pelo nosso leal e bravo secretario, capitão-tenente Belfort Guimarães, que se mostraram incansaveis na execução desta incumbencia.

CUSTODIO DE MELLO

Entrementes, fornecia-nos o mesmo illustre almirante mais estes interessantes documentos, em additamento á sua carta anterior:

«Sr. redactor d' *O Paiz* — Para que tenhaes a bondade de inseril-as em vosso jornal, com a presente envio-vos duas cartas que, por esquecimento, deixamos de additar ao nosso artigo de hontem, e cuja publicidade é indispensavel para completar as informações por nós prestadas no mesmo artigo.

Por mais esta fineza, confessa-se grato, vosso attento venerador e criado *Custodio de Mello*».

«Capital Federal, 5 de agosto de 1897 — Camarada e amigo Sr. Mourão dos Santos — E' meu fim, dirigindô-vos a presente carta, pedir-vos o favor de responderdes, ao pé desta, ás seguintes perguntas:

1ª Não é verdade que do Paraná vos telegraphiei, logo depois da rendição de Ambrosios, pedindo-vos que, em meu nome, endereçasseis

um telegramma ao inditoso almirante Saldanha, aconselhando-o a deixar, com os navios de seu commando, o porto do Rio de Janeiro, afim de atacarmos a esquadra inimiga?

2ª Não é tambem verdade ter eu telegraphado a esse collega, quando resolvi atacar no porto da Bahia a mesma esquadra, pedindo-lhe que mandasse o *Aquidaban* esperar-me 60 milhas E O de Cabo Frio, assim como que esse telegramma ficou sem resposta?

3ª Não é, finalmente, verdade que, antes da rendição da Lapa, nunca prometti mandar força ao mesmo almirante?

Com a repostas, que vos peço e espero não deixareis de dar, muito me obrigareis e ainda mais se me permittirdes fazer della uso publico — Vosso camarada e amigo grato — *Custodio de Mello*».

«Exm. amigo Sr. almirante Custodio de Mello — Satisfazendo ao desejo de V. Ex., expresso na carta junta, passo a dar às perguntas nella formuladas as competentes respostas, das quaes V. Ex. poderá fazer o uso que julgar conveniente. »

1ª Sim — Revendo os meus papeis, encontrei entre elles o telegramma a que V. Ex. se refere, e que foi expedido de Paranaguá em 26 de janeiro de 1894. E' elle concebido nos seguintes termos: «De um telegraphista de Santos recebemos a noticia de ter chegado á Bahia a esquadra do Floriano para dahi vir a Santos e daquella cidade seguir para Montevidéo. Não convindo por ora effectuar desembarque no Rio, por estar ainda no territorio de Santa Catharina forte columna Pinheiro Machado, penso que os navios nossos que se acham no porto do Rio de Janeiro devem deixal-o logo, afim de batermos inimigo por partes. Peço-vos nesse sentido telegraphardes urgente almirante, lembrando-lhe que Floriano tem torpedeiras e que estas podem impedir saida dos navios».

2ª Sim.

3ª Sim — Antes da Expedição ao Paraná, o almirante Saldanha telegraphou-nos pedindo de 1.500 a 2.000 homens para desembarque; diante, porém, da impossibilidade manifesta de distrair-se qualquer parcella da pequena força de que dispunhamos então, sob pena de perda do Estado de Santa Catharina, ameaçado por duas columnas florianistas, além de outros motivos, tudo bem ponderado por V. Ex. e pelo governo provisório, foi dada a S. Ex. a resposta de que nem um só homem era possível mandar-se-lhe. O almirante Saldanha retorquiu, dizendo não poder em tal caso manter-se mais no porto do Rio de Janeiro,

Este novo telegramma teve como resposta o alvitre da retirada de S. Ex. com todos os navios, alvitre que S. Ex. aceitou pedindo o *Aquidaban* para proteger sua saída, no que foi promptamente satisfeito — De V. Ex., venerador e amigo obrigado — *João Carlos Mourão dos Santos*».

. . .

Por seu turno, o commandante Alexandrino achou-se na obrigação de explicar as referencias, que lhe haviam sido feitas, enviando-nos as seguintes linhas.

«Ao Sr. A. Z. na redacção d' *O Paiz* — Muitos cumprimentos — Agradecendo-vos a alta gentileza e o cavalherismo com que vos tendes referido a meu respeito, peço venia para apresentar-vos uma pequena explicação sobre a ordem de vir para o Rio com 300 homens, expedida em 8 de março de 1894, quando estava fundeado fóra da barra de Paranaguá, depois de DEZESEIS dias da minha partida do Rio com a machina funcionando ou prompta a mover-se á primeira voz.

Quando parti de Santa Catharina para o Rio em Janeiro de 1894, afim de salvar os meus denodados companheiros que estavam alli, foram-me negados homens, mantimentos e todos os recursos destinados áquelles, e, por isso, cheguei ao porto e apresentei-me ao almirante Saldanha nas precarias condições que sabeis.

Em 8 de março de 1894, não tendo carvão, nem azeite, nem mantimentos, mandaram-me para a ilha das Graças, *para lamentar a graça de não ter encontrado a esquadra inimiga*, abandonando aquelles que mais precisavam do *Aquidaban*, e em soccorro dos quaes eu, de *motu proprio*, já havia seguido da ilha dos Porcos, quando fui alcançado pelo *Iris* a 10 milhas da Raza, com uma ordem terminante dada *em nome* do proprio Saldanha, para correr em auxilio e defesa do Sul.

Fizeram-me, é verdade, a promessa de 300 homens; mas, de que me serviriam elles, se não tinha mantimentos nem para a propria guarnição do navio, nem carvão para poder proseguir a commissão ?

Era-me preciso combustivel a todo transe, e fui buscal-o onde existia.

Quanto aos dez contos de réis, é verdade que os recebi, tendo sido elles distribuidos á guarnição mediante folha, conforme póde attestar o meu bravo immediato nessa época, o Sr. 1º tenente Pedro Velloso Rebello.

Sou com a mais alta consideração servidor attento — *Alexandrino Faria de Alencar*».

Logo em seguida, um official de marinha, que occultou o seu nome, escrevia-nos : (*)

«Ao Snr. A. Z. — Redacção d'O Paiz — O anonymato para nós não é coisa que se deva estranhar, mórmente quando facilmente sujeitos ás perseguições e seus processos, apesar de que procuramos, na verdade dos factos, esclerecer a historia e nunca servir a interesses de campanario ou a desejos de classe ou de partido. Odiando a politica e seus instrumentos, só vimos procurar fazer a luz quanto ao incidente do *Aquidaban*, resultando a sua volta á Santa Catharina e, como consequência, os tristissimos acontecimentos do dia 13 de março de 1894.

Não negamos o que o commandante Alexandrino referiu em sua carta; antes, affirmamos que realmente o *Iris*, em nome do *governo fatal*, de Santa Catharina veio ao encontro do *Aquidaban* transmitir a ordem não menos fatal de regresso ao sul. Porém, o que sempre nos admirou extraordinariamente, foi justamente aquelle regresso, porque o commandante Alencar não só deveria recusar o cumprimento daquella ordem absurda, como jámais deveria tel-a executado.

Expliquemos os factos.

Chegara o *Aquidaban* a este porto, e não houve quem não visse nessa chegada a columna Salgado ou a brigada de marinha por entre as couraças do navio, conforme havia solicitado a nossa cara victima, o almirante Saldanha! Fundeara o *Aquidaban* e, qual a surpresa, o desespero, quando se soube que havia entrado sem recursos de especie alguma, e até de 300 carabinas que levava, apenas voltaram 11! Emfim, assistiu elle ao 9 de fevereiro, quando depois de alguns dias se começou a preparar-o para desempenhar a commissão da Bahia, em companhia do *Republica* e *Meteoro*, os quaes deveriam vir esperal-o defronte da barra desta capital. Apenas iniciados os preparativos de viagem, propalou-se na ilha das Enxadas que se dizia á bocca cheia no *Aquidaban*, que, se saíssem a barra, jámais voltariam ao Rio! E até o Dr. Galdino Cicero de Magalhães, medico do então hospital, asseverou o facto que pouco depois estava nos ouvidos do almirante. Houve até lembrança de se mandar o fallecido almirante Eliezer Tavares, com o seu pessoal da 2ª divisão, ficando o commandante Alexandrino com o commando da que pertencia áquelle. Falou-se mesmo, como certo, que se verificaria essa mudança de commandos. Porém o almirante, sempre animado de santa boa fé, não quiz acreditar no que se dizia e preparou o

(*) Foi de balde o esforço que empregamos depois para que o subscriptor desta carta nos autorizasse a publicar o seu nome, o que prova que não procedera de boa fé nas suas informações. (Nota do autor).

Aquidaban. Durante certo dia que não nos recordámos, chegaram á barra o *Republica* e o *Meleoro*, saindo durante a noite desse mesmo dia o *Aquidaban*.

Antes, porém, da saída, constou-nos que o almirante narrou ao commandante Alexandrino o que se propalava, negando então o facto o mesmo commandante e jurando pela honra de sua brava espada que, *quer fosse ou não batida a esquadra do governo na Bahia, elle estaria de volta com o Aquidaban até o dia 1º de março*.

Outros dizem que o almirante Saldanha, diante do que se murmurava, exigiu a palavra de honra de que voltaria ao Rio o *Aquidaban*. Emfim, do modo pelo qual aquella palavra de honra foi empenhada, não temos certeza, mas que houve compromisso sério e isso até juramos, se preciso fôr. Pois bem, Sr. A. Z., tal era esse compromisso, que levou o almirante a acreditar firmemente no regresso da *Aquidaban*, e tanto que mandou os seus navios receberem mantimento, carvão e munições para 15 dias de viagem, pois, caso não fosse batida a esquadra do almirante Gonçalves, ao chegar o *Aquidaban*, elle immediatamente forçaria a barra, conforme se vê mesmo de sua carta ao conselheiro Silveira Martins.

Sem commentarios, terminamos dizendo que a palavra do commandante Alexandrino ficou sem effeito ou pela força das circumstancias ou por qualquer outro motivo. O facto é que o *Aquidaban* voltou rumo sul acompanhado pelo *Iris*, e nós, do Rio de Janeiro, impossibilitados de resistir ao bloqueio da esquadra, sem munições de guerra, sem a esperança de nos batermos com a esquadra florianista, porque, enquanto no porto estivessemos, ella não entraria, e sem poder forçar a barra, ou resistir ao circulo de fogo das baterias da cidade, fomos obrigados pela dura sorte a que nos atiraram as dissensões e a falta de orientação strategica de uma parte dos companheiros, a capitular diante do inimigo, que não teve outro valor tactico, senão o de esperar que nós mesmos nos aniquillassemos.

Eis a verdade triste de dizer-se, mas já que quizeram, ahí fica...»

. .

A esta carta não tardou a responder o commandante Alexandrino, nos seguintes termos:

«E' realmente ingrata a tarefa de responder a anonymos; affirmo, entretanto, sob a minha palavra, que é pura fantasia o que acaba de informar o vosso missivista com relação aos compromissos de honra

entre o almirante Saldanha e o commandante do *Aquidaban*. No afan de historiar á força, o vosso informante fantasiou factos que nunca se deram, nem se poderiam ter dado, porque o almirante Saldanha conhecia o commandante do *Aquidaban*, e este o terreno em que pisava.

Como seria possivel o compromisso de voltar no dia 1º de março, se o almirante sabia que o *Aquidaban* só podia desenvolver tres milhas de marcha; e nessa época, reinando os ventos de NE, ainda menor seria a marcha do navio contra o mar por elle levantado e no estado deploravel em que se achavam as suas caldeiras? Sahindo, pois, a 21 de fevereiro, como poderia dar a minha palavra de honra de me achar no Rio a 1º de março? O então 1º machinista, o bravo Sr. Ernestino de Moura, poderá descrever o estado das caldeiras e machinas do *Aquidaban*, e o Dr. Galdino Cicero de Magalhães, que conhece bem o articulista, não poderia fazer o mesmo juizo que faz o anonymo do commandante do *Aquidaban*.

Quando o commandante do *Aquidaban* veio de Santa Catharina para salvar os seus companheiros do Rio, orientou o almirante sobre o estado da revolução, dizendo-lhe: «que era preciso sair do Rio quanto antes, porque do governo revolucionario elle não obteria a menor concessão, e a prova mais evidente era a minha chegada sem um homem a mais, nem um sacco de feijão ou farinha como recurso. E accrescentei: «Vim, Saldanha para te salvar e aos teus companheiros—é necessario sair d'aqui quanto antes e aproveitarmos este elemento poderoso que está debaixo de tuas ordens. Lutei em Santa Catharina para se executar o teu plano de voltar o mais tardar em 15 dias com as forças de desembarque, afim de o levar a effeito na ponta de Itaipú, emquanto que, avisado por signaes, darias o assalto á Armação e o *Aquidaban* forçaria a barra. O governo de Santa Catharina adoptou outro plano, o de tomar o Paraná, e ficarás abandonado se não saíres».

Saldanha resolveu preparar tudo para sair do Rio de Janeiro e metteu mãos á obra, preparando os navios com os taes 15 dias de viagem de que fala o anonymo.

Deu-se isto em Janeiro, logo depois da minha chegada aqui. Novas noticias de triumphos ephemeris chegaram ao conhecimento do heroico almirante abalando a sua resolução de deixar o Rio, e, dias depois de 9 de fevereiro, elle veio ao *Aquidaban* e disse-me: «Alexandrino, recebi um telegramma de toda a confiança annunciando-me que Gumercindo invadiu S. Paulo com 5.000 homens. Assim vou pedir ao governo de Santa Catharina que me mande o *Republica* até á barra, e tu, no *Aqui-*

daban sairá e te reunirás a elle para irem á Bahia bater a esquadra do governo federal, porque, se eu sair agora, o marechal Floriano em uma noite fará seguir todo o exercito que elle tem aqui para se antepor á marcha victoriosa de Gumerindo. No entretanto, permanecendo eu no porto, elle não retirará um só homem e poderemos ter a victoria completa na propria capital.»

Duvidei da cousa e fiz as minhas considerações como marinheiro e mais conhecedor do pessoal com que lidava. O almirante estava enthiasmado com o novo plano e acreditara fielmente no telegramma dando a invasão de S. Paulo como certa e victoriosa.

Eis ahi o ponto capital do desastre de 13 de março. Tudo o mais foram incidentes proprios da luta em que estavamos empenhados.

Não tinha compromissos de vir aqui ou ali. Eu é que resolvi voltar ao Rio desde que tinha fracassado a expedição á Bahia; e, como já expuz a razão por que voltei ao Sul, creio assim ter destruido as fantasias do tal anonymo que hontem surgiu das trevas do medo das perseguições. Fui um combatente e não um politico—*Alexandrino Faria de Alencar.*»

* * *

Tambem se achou no dever de intervir no debate o capitão tenente Mourão dos Santos, que exercera no governo revolucionario de Santa Catharina o cargo de ministro da marinha, enviando-nos as seguintes linhas :

«Ao Snr. A. Z. — Redacção d'O Paiz — A publicação, que encetastes ha dias, nas columnas desse jornal, sob o titulo — A revolta da esquadra e a revolução rio-grandense — deu logar a uma controversia ácerca da retirada, nos primeiros dias de março de 1894, do *Aquidaban*, da ilha dos Porcos para a barra de Paranaguá, deixando em abandono no porto do Rio de Janeiro o almirante Saldanha da Gama e seus companheiros.

Membro do governo revolucionario que, com a denominação de governo provisorio, *constituído para a defesa da Constituição e leis da Republica*, funcçãoou em Santa Catharina, de outubro de 1893 a 5 de março de 1894, e responsavel immediato pela ordem de retirada em questão, cumpre-me agora concorrer tambem para a elucidação do assumpto.

Do insuccesso da expedição á Bahia do *Republica* e *Aquidaban*, insuccesso este relatado pelo almirante Custodio de Mello em carta hontem publicada n'O Paiz, teve o governo provisorio sciencia pelo seguinte telegramma, que recebi de Paranaguá na madrugada de 23 de Fevereiro

daquelle anno: «Ministro da marinha — *Aquidaban* forçou a barra dia vinte um pela manhã sem maior novidade. Seguimos juntos até norte de Cabo Frio, de onde regressamos por motivos avarias machina do *Republica*, que aqui chegou hoje, ficando *Aquidaban* ilha dos Porcos aguardando seguintes objectos: duzentos e cincoenta toneladas de carvão, mil litros de azeite e mantimentos de viagem para duzentas praças durante trinta dias, que podem ser tomados aqui, tocando *Iris* na passagem este porto ou *Meteoro*, caso esteja sua machina funcionando bem, o que prefiro. Toda urgencia nesta remessa assim como na encomenda para Montevidéo de mil e duzentos tubos de latão. No navio que trazer estes objectos para *Aquidaban*, peço fazer seguir apresentarem-se-me primeiro machinista *Esperança* Jeck e dois caldeiros de ferro. Que noticias tem Rio? Que ha sobre gente possa seguir para lá? — *Custodio de Mello*».

Providenciava o governo para satisfazer com a maxima presteza a a requisição do almirante Mello, quando, no dia seguinte, 1º de março, recebeu do almirante Saldanha a communicação da saida, da Bahia para o sul, da esquadra do governo do Rio de Janeiro.

Que resolução tomar diante desta noticia, ignorantes como estavamos do verdadeiro objectivo dessa esquadra, e, quando tres pontos, igualmente importantes para a revolução, se lhe offerciam: Rio de Janeiro, Paranaguá, onde estava o *Republica*, unico navio de guerra, além do *Aquidaban*, que de facto possuíamos, e impossibilitado então de mover-se, sendo que no territorio do Estado, de que é este porto a chave, tinhamos a quasi totalidade das forças de terra em preparativos para a invasão de S. Paulo, e, finalmente, Santa Catharina, séde do governo, onde se encontravam na occasião os vapores, armados em guerra, *Meteoro*, *Iris* e *Urano*? Que o almirante Saldanha ignorava tambem o verdadeiro destino da esquadra *legalista* era de presumir do laconismo do seu recado. Da necessidade de protecção para a sua saida do Rio, nada nos dizia o almirante desde principios de janeiro, quando combinada tal operação lhe fôra mandado o *Aquidaban* por elle reclamado para este fim.

Se algo havia de concertado directamente entre o almirante Saldanha e o capitão de mar e guerra Alexandrino de Alencar, o governo não era sabedor. O que o almirante Saldanha pediu com insistencia, dias antes da expedição á Bahia, foi a remessa de um reforço de 300 a 500 homens, remessa em via de realização.

Abstraindo, entretanto, de quaesquer considerações, um dever urgente se impunha: o de não deixar sem proveito algum e desprevenido, na ilha dos Porcos, o *Aquidaban*.

De tudo isto resultou o alvitre, que de *commun accord*, o illustre e pranteado chefe do governo, o capitão de mar e guerra Frederico Guilherme de Lorena e eu tomamos, de fazer recolher aquelle encouraçado á barra de Paranaguá, ponto intermedio dos tres acima citados e em comunicação mais ou menos prompta com os dois outros, o que permittia-lhe attender com os demais navios ao que fosse porventura ameaçado. Militava ainda em pról desta medida a circumstancia de maior facilidade de abastecimento do *Aquidaban*.

Informado por mim da resolução assentada, o almirante Mello manifestou-se francamente em seu apoio.

Nas instrucções verbaes e nas escriptas, por mim assignadas, transumpto succinto do que acabo de expender, confiadas ao 1º tenente Costa Mendes, nada havia, asseguro, sobre a junção deste encouraçado ao *Republica* «*para seguirem para Santa Catharina e dar combate á esquadra do governo federal que já tinha seguido para Santa Catharina, conforme telegramma do almirante Saldanha que instava por esse novo plano*». A veracidade desta minha asserção encontra-se na propria carta do 1º tenente Costa Mendes, dada á estampa n' *O Paiz* de 9 do corrente, e da qual transcrevo o seguinte topico: «a ordem que recebi verbal e depois por escripto, para vos transmittir, foi a que se segue: dizer-vos que a esquadra do marechal havia saído da Bahia na quinta-feira, ás 4 horas da tarde, e que sem perda de tempo vos dirigissem para o sul, isto é, á barra de Paranaguá, para receber ordens, as quaes sempre *pensei* ser para vos reunirdes aos outros navios, afim de offerecer combate á tal esquadra, *caso* ella se apresentasse naquella zona.»

Para terminar a narrativa da malfadada commissão do *Iris*, resta apenas dizer que, momentos antes de sua partida do Desterro, que teve logar ás 2 horas da madrugada de 2 de março, isto é, horas após o recebimento do aviso do almirante Saldanha, eu mandei comunicar ao commandante Costa Mendes que, caso não encontrasse o *Aquidaban* na ilha dos Porcos, procurasse-o nas extremidades da barra do Rio de Janeiro. Motivou esta comunicação o telegramma que acabava de chegar-me ás mãos, do almirante Mello, concebido nestes termos: «Ministro da Marinha — Se não estiver ilha dos P., estará proximidade barra Rio.» (O telegramma estava redigido desta fôrma porque o almirante, segundo explicações posteriores, não tinha na occasião o codigo telegraphico usado entre nós). O facto de não ser encontrado o *Aquidaban* na ilha dos Porcos, e, sim, entre a Rasa e a Redonda, estava previsto e não podia, portanto, ser estranhado pelo commandante do *Iris*.

Rematando as presentes linhas, escriptas bem a contragosto, e unicamente com o intuito de resalvar a responsabilidade do malsinado governo revolucionario, e, sobretudo, a do seu magnanimo e desditoso chefe, appello para a imparcialidade da historia que, na pbrase de Lamartine, não é a do espelho, que só reproduz os objectos, é a do juiz, que vê, ouve e sentencian.— Capital Federal, 11 de Dezembro de 1901 — João Carlos Mourão dos Santos.»

*
* *

Ainda a respeito da debatida questão de não haver o commandante do *Aquidaban* corrido em soccorro dos seus companheiros, nas vespersas do 13 de março, escreveu-nos esta carta o 1º tenente Souza e Silva, que naquella época commandava o vapor *Gil Blas*, no porto desta capital :

« Exm. Snr. A. Z., na redacção d'O Paiz — Tendo lido com bastante attenção a brilhante série de artigos referentes á revolta de Setembro que, com tanto criterio e tanta imparcialidade, ora publicaes nas columnas deste conceituado jornal, bem como as diversas cartas e communicados que, em relação aos mesmos, têm sido publicados, vi hoje profundamente deturpada a verdade em uma carta que vos foi dirigida e cujo autor, infelizmente, não se quiz declarar.

No intuito de restabelecer por completo e destruir as fantasias nella contidas á respeito dos projectos do nosso saudoso e malogrado mestre, o heroico almirante Saldanha da Gama, julgo necessario endereçar-vos as seguintes notas em cuja leitura, de certo, não deixareis de encontrar interesse.

O almirante Saldanha assistira á ultima saída do *Aquidaban* de bordo do *Gil Blas*, navio que tive a honra de commandar durante todo o periodo das operações na bahia do Rio de Janeiro, sob suas ordens directas.

Achava-se o *Gil Blas*, como de costume, á noite, amarrado a uma das boias entre a ilha Fiscal e Villegaignon; era esse o seu posto de vigia, á noite, afim de impedir um ataque a Villegaignon ou a ilha das Cobras.

O almirante, que me havia prevenido de que viria a bordo naquella noite, effectivamente atracou ao *Gil Blas*, depois de 1 hora. Afim de melhor poderdes formar o vosso juizo, passo a relatar-vos os trechos da conversação que tivemos e o que se passou em seguida.

Assim que saltou a bordo, saudou-nos o almirante com a sua phrase habitual, a que sabia imprimir um cunho de inexprimivel benevolencia, «boa noite, rapazes», e virando-se para mim, perguntou-me: «Seu navio está prompto?» ao que lhe respondi: «Sim, almirante».

Em seguida, dirigindo-se para a tolda que cobria a machina, continuou elle: «Bem, quero bastante pressão e o cabo prompto a largar da boia; o *Aquidaban* vai forçar a passagem da barra e, se lhe advier algum desastre, iremos em seu auxilio.»

Habituação como estavamos a obedecer-lhe sem discutir, apenas lhe respondi: «Estou prompto e com a gente a postos».

Retorquiu-me o almirante: «Está bem; podem ir descansar, porque estou muito fatigado; você fique vigiando, e assim que o *bicho metter o focinho pela ilha das Cobras* (textual), avise-me logo».

«Sim, senhor», lhe respondi.

E o almirante, tendo subido á tolda, procurava um logar para deitar-se sobre a sua capa. O orvalho cahia abundante e a tolda se achava muito humida. Então, indicando-lhe uma pequena trincheira que rodeava uma metralhadora de 11 m/m, disse-lhe:

«V. Ex., ali estava melhor, porque o convez não está molhado e pôde encostar-se aos fardos de algodão» (o meu intuito era collocar-o em um logar, em que estivesse abrigado dos tiros isolados que, de vez em quando, as sentinellas do caes disparavam contra o *Gil Blás*).

Aceitou o almirante o meu alvitre; e, dirigindo-se para a trincheira, lançou a capa pelo convez deitando-se sobre ella; e, ligeiramente recostado sobre os fardos, poz-se a scismar.

Offereci-lhe matte quente, ou café; elle preferiu o matte. Tendo sorvido a chavena, de novo reclinou-se para adormecer profundamente. Retirei-me para a prôa, á espreita do *Aquidaban*. Era já de madrugada, quando divisei o seu vulto vindo do fundo da bahia. Corri a despertar o almirante a quem communiquei: «Ahi vem elle».

Levantou-se e, encaminhado-se para a casinhola do leme, ordenou-me: «Prepare para largar o cabo da boia; machina prompta».

— «Está tudo prompto», respondi-lhe.

Então, começou elle a acompanhar os movimentos do navio. O *Aquidaban* avançava vagarosamente; mas, apezar de toda a cautela, já tinha sido descoberto pelas forças do littoral. Dentro em pouco, da Saúde, morro do Castello e das fortalezas da barra, subiam aos ares foguetões verdes e vermelhos, que supponho, era o signal combinado pelas forças de terra.

O navio, apenas se achava na altura da ilha Fiscal, e, contra elle, já haviam rompido fogo cerrado as baterias da Armação e Gra-goatá; um dos projectis desta ultima, errando o *Aquidaban*, passou justamente por cima do *Gil-Blas*, o que provocou da parte do almirante um comprimento ironico ao artilheiro, accrescentando: «elles alvejam o *Aquidaban* e são capazes de accertar no Itamaraty», porque, de facto, o projectil foi cair em terra e nessa direcção.

Em breve o navio attingiu a barra, sob um fogo tremendo que de todos os lados lhe era dirigido e que elle garbosa e valorosamente affrontara.

Ao transpor Santa Cruz rompeu o encouraçado um fogo nutrido de metralhadoras que durou muito tempo; o almirante, violentamente excitado pelo espectáculo grandioso daquella scena, disse-me muito apprehensivo:

«Por que será esse fogo de metralhadoras? Tenho receio de um ataque de torpedeiras, ellas estão fóra da barra, e a occasião não pôde ser mais favoravel».

E o seu olhar não deixava um só instante o vulto do *Aquidaban*, sobre cujo costado de aço brilhava a luz dos holophotes. Seu entusiasmo era tão grande, que a todo o momento se lhe escapavam exclamações de animação para com o valente navio que tão bem se batia sob suas vistas.

A cada tiro dos seus canhões, elle respondia com um «bravo!» «Ahi rapazes!» Houve um momento em que um projectil pareceu chocar a popa do *colosso*; o fogo das metralhadoras redobrou, e o almirante, ardendo para partilhar dos perigos em que via os seus, ancioso pela sorte do navio, e cada vez mais receioso de um ataque de torpedeiras, deu-me a ordem de largar o cabo da boia e approximar-me da barra.

La em meio a execução da ordem, quando o fogo esmoreceu, dividindo-se ao longe o vulto do navio que cada vez mais se afastava.

«Bem, disse o almirante, está safo; vamos esperar que elle queime as duas tijelinhas para ver se houve novidade».

Sob o entusiasmo que a todos nós avassallou naquella occasião, virei-me para o almirante e disse-lhe: «almirante, nós é que devíamos todos ter sahida com o *Aquidaban* para deixarmos este inferno do Rio». Elle respondeu logo: «Menino, você é impaciente; pois você não vê que eu aqui no Rio retenho cerca de 10.000 homens do Floriano, e que se eu saísse para o mar, elles seriam logo mandados para São Paulo a repellir o Gumerindo, que vem victorioso? Não, senhor, aqui é a cabeça,

aqui é que é preciso estar; e uma vez que aqui estamos, devemos ficar. O *Aquidaban* e o *Republica* muito podem fazer lá fóra». Tendo eu perguntado: «Mas o *Aquidaban* não volta?» retorquiu-me elle: «Você pensa que é muito commodo estar a entrar e a sahir barra, hein? E' preciso não abusar (textual) *tantas vezes lá vai, que, afinal, uma fica*».

Nesse momento, viram-se dois foguetões soltados fóra da barra, mostrei-os ao almirante, que exclamou: «mas o signal combinado não são dois foguetões, mas sim duas tijelinhas». — Eu disse-lhe: «naturalmente não puderam accender as tijelinhas e por isso soltaram os foguetões; o que não ha duvida, é que parece não haver novidade», Elle concordou dizendo: «E' isto, eu queria era um signal; você está bem certo de que elles soltaram dois foguetões?» Respondi-lhe affirmativamente e chamei o testemunho do mestre, que estava proximo, que tambem confirmou — «Está bem, disse o almirante, cuja physionomia revelava a maior satisfação, agora vamos vêr o que elles fazem; dentro de seis dias, o mais tardar, teremos boas noticias».

Pouco depois retirava-se o almirante de bordo deixando no coração de todos nós aquelle sentimento de profundo carinho que sua convivencia despertava irresistivelmente.

Como vêdes, o almirante Saldanha em nenhuma de suas palavras deixou transparecer nada do que se affirma na carta a que alludi; ao contrario, o que é evidente, é que nenhuma combinação havia naquelle momento para a volta do *Aquidaban*.

No topico referente á pretendida nomeação do meu saudoso amigo e denodado chefe Eliezer Tavares para commandar o *Aquidaban*, a verdade é completa e tão manifesta que duvido haja um unico dos que estiveram connosco naquella época que o affirme.

O almirante Saldanha, entre todos os outros, possuia o dom innato de conhecer e saber julgar os homens; por esse motivo, conhecendo a bravura e a lealdade a toda a prova do commandante do *Aquidaban*, e o enthusiasmo fanatico que sua guarnição tinha por elle nunca aceitaria sequer a simples idéa de dar-lhe outro commandante. Nessa occasião, o chefe Eliezer andava bastante adoentado, e o almirante Saldanha não poderia pensar em dar o commando de um navio a um chefe que até então tinha commandado uma divisão da esquadra, com galhardia e denodo, e que era o seu auxiliar directo e seu logar-tenente, dentro da bahia.

De resto, eu vos affirmo que semelhante boato não foi conhecido nos navios da esquadra; duvido que o digno e illustre cirurgião Exmo.

Snr. capitão de mar e guerra Dr. Galdino Cicero de Magalhães, que gozava da privança e de toda a confiança e amizade do almirante Saldanha, possa afirmar sua veracidade como afirma o vosso missivista anonymo que, aliás, varre de si a responsabilidade, usando commodamente da phrase vaga — «outros dizem» — Se elle existiu, acredito que não transpoz os corredores do Hospital de Sangue, como, aliás, muitos outros que corriam sobre as operações de guerra — Como sabeis, «em tempo de guerra, mentira como terra». Rio 11 de dezembro de 1911 — *Augusto C. de Souza e Silva*, commandante do *Gil Blas* durante a revolta».

*
*
*

Ainda sobre este assumpto, insistia em suas afirmações o capitão-tenente Mourão dos Santos na seguinte carta: «Ao Snr. A. Z. — Redactor d'*O Paiz* — «Quando parti de Santa Catharina para o Rio, em Janeiro de 1894, afim de salvar os meus denodados companheiros que estavam no Rio, foram-me negados homens, mantimentos e todos os recursos destinados áquelles, e por isso cheguei ao Rio e apresentei-me ao almirante Saldanha nas precarias condições que sabeis.»; «Quando o commandante do *Aquidaban* veio de Santa Catharina para salvar os seus denodados companheiros do Rio, orientou o almirante sobre o estado da revolução dizendo: que era preciso sahir do Rio quanto antes, porque do governo revolucionario não obteria a menor concessão, e a prova mais evidente era a minha chegada sem um homem a mais sem um sacco de feijão ou farinha como recurso. Vim, Saldanha, para te salvar e aos teus companheiros — é necessario sair d'aqui quanto antes, aproveitarmos este elemento poderoso que está debaixo de tuas ordens.»; «Saldanha resolveu preparar tudo para sair do Rio de Janeiro e metteu mãos á obra...»

Estes trechos são extrahidos das cartas publicadas n'*O Paiz* de 13 do corrente pelo illustre commandante do *Aquidaban* durante o periodo revolucionario. Delles poder-se-ha inferir: 1º, que o *Aquidaban*, em principios de janeiro de 1894, partira de Santa Catharina para o Rio de Janeiro para salvar o almirante Saldanha e seus companheiros por livre e espontanea vontade de seu commandante: 2º que o referido commandante, convencido de que, do governo revolucionario, o almirante Saldanha não obteria a menor concessão, aconselhara-lhe com insistencia a retirada do Rio quanto antes, pelo que o mesmo almirante resolvera fazer os necessarios preparativos; 3º, que o governo revolucionario não

remettera, quer em homens, quer em viveres, recurso algum para a esquadra do Rio, e até mesmo, negara o indispensavel ao *Aquidaban*.

Semelhantes conclusões, duas das quaes já correm ha muito impresas, impunemente, em um volume intitulado — *Notas de um revoltoso (Diario de bordo) — Documentos authenticos publicados pelo Commercio de S. Paulo* — carecem ser tomadas em consideração agora, quando pode parecer que lhes empresta sua valiosa autoridade o commandante do *Aquidaban* na revolta de 6 de setembro.

Ora, Snr. A. Z., na carta que vos enderecei em data de 14 do corrente, está incidentemente consignada a combinação feita, em principios de 1894, da retirada do almirante Saldanha sob a protecção do *Aquidaban*, e por uma feliz coincidência no mesmo numero d'O Paiz (o de 13) e logo abaixo das cartas do commandante Alexandrino vem publicadas pelo almirante Mello as respostas que, em 1897, dei aos quesitos por S. Ex. então formulados, das quaes constata tambem a mesma combinação e a partida daquelle encouraçado para o Rio por esse motivo. Muitas provas poderiam ser apresentadas para corroborar esta minha affirmativa e demonstrar, portanto, a improcedencia da 1ª conclusão acima; basta uma, porém, que illustra a mesma conclusão e igualmente a 2ª. Consiste ella no telegramma seguinte, que me foi dirigido pelo almirante Mello, de São Francisco, onde se achava em preparativos para a expedição a Paranaguá, em resposta a um outro por mim a elle transmittido, communicando estar o *Aquidaban* prompto a seguir para o Rio e perguntando se alguma coisa desejava para o almirante Saldanha: «Ministro da marinha — *Aquidaban* pôde sair recommendando commandante diga a Saldanha ser conveniente não demorar a saída Rio — *Mello*.

Em carta dirigida ao commandante do *Aquidaban*, determinando em nome do governo, a sua partida para o Rio de Janeiro, ás ordens do almirante Saldanha, recorde-me haver reproduzido a recommendação do almirante Mello, mesmo porque era ella de interesse commun ao nosso ponto de vista. Se, após a chegada do *Aquidaban*, o illustre e mallogrado almirante desistiu do assentado proposito, como com effeito succedeu, diante da noticia veridica enviada pelo governo provisório da tomada do Estado do Paraná, á excepção da Lapa, que responsabilidade pode caber nisto ao mesmo governo!? Se a insistencia do proprio commandante do *Aquidaban*, não baseada na recommendação do governo, e sim em apreciação pessoal e pessimista acerca delle, deixou de produzir o resultado almejado, em que foi este culpado!?

Vejamos agora a 3ª e ultima conclusão. E' certo que o *Aquidaban* recurso algum trouxe para a esquadra do Rio, e isto pela razão obvia de que vinha unica e exclusivamente para proteger-lhe a saída e taes recursos eram, portanto, desnecessarios.

Quanto ao proprio *Aquidaban*, porém, tudo lhe foi facilitado pelo governo na medida do possivel durante a sua permanencia no Desterro, inclusive o abono de dois mezes de vencimentos á sua guarnição ; e bem assim o necessario para o desempenho da commissão.

Capital Federal, 15 de dezembro de 1901 — *João Carlos Mourão dos Santos*.

*
* *

Finalmente, nessa mesma data, fechava à questão o proprio commandante Alexandrino com as seguintes palavras.

«Ao illustre Sr. A. Z.

«Ainda uma vez volto á imprensa para responder a dois topicos da carta que vos dirigiu em 11 do corrente o ex-ministro da marinha do governo provisorio da revolução de 93. Ainda que este documento em nada tenha contrariado as minhas asseverações, cumpre-me dissecar o caso do *Aquidaban* para mais esclarecel-o, se é possivel, e definir as responsabilidades desse factó historico.

Diz o signatario da carta : «Abstrahindo, entretanto, de quaesquer considerações, um dever urgente se impunha : o de não deixar sem proveito e desprevenido, na ilha dos Porcos, o *Aquidaban*.»

Desprevenido, de facto, estava o *Aquidaban* quanto á saída da esquadra do governo do marechal, da Bahia, do que só teve conhecimento mais tarde pelo commandante do *Iris* ; mas não se conclua que o navio não estivesse inteiramente preparado para combate, tanto quanto o permittiam as suas condições precarias. Se, porém, julgou o ex-membro do governo provisorio improductiva a presença do navio na ilha dos Porcos, é isso uma questão de apreciação.

Fracassando a expedição á Bahia por avarias no *Republica*, foi não só o pensamento do commandante do *Aquidaban*, como tambem o do almirante que tinha o seu pavilhão no *Republica*, seguir este para Paranaгуá afim de soffrer os reparos de que precisava, emquanto que o *Aquidaban* o aguardaria nesta ilha para de novo seguirem ao encontro da esquadra inimiga que se reunia ao norte.

Para que o *Aquidaban* estivesse em condições de desempenhar qualquer commissão longa esupprir o já despendido, pediram-se os objectos constantes do telegramma já dado a publico, o que em nada prejudicava o combinado.

A ilha dos Porcos foi a escolhida, porque, ficando no caminho do *Republica*, estava ao mesmo tempo ás portas do Rio, que poderia soccorrer, prestando mão forte aos companheiros que ahi se batiam, caso isso se tornasse necessario durante a ausencia do *Republica*, tendo para isso feito diversas communicações ao almirante Saldanha, de Ubatuba.

A execução daquelle plano assentado ao separarem-se os dois navios e cujo exito dependia do concurso do *Aquidaban*, era a unica coisa que me prendia a esta posição, e tanto não se coadunava com o pensar e sentir do commandante do *Aquidaban* essa inactividade forçada por muito tempo, que, prolongando-se as obras do *Republica*, resolveu de motu-proprio vir ao Rio para insistir no proposito de arrancar d'aqui o almirante Saldanha e seus companheiros.

Na apreciação desses factos são, portanto, profundas as nossas divergencias. Admittirei os actos do ex-membro do governo provisorio revolucionario como solução que ao seu ver parecesse melhor, sem acceitar, entretanto, como bem poderosas as razões que o moveram. Neste caso está a permanencia prolongada em Santa Catharina do *Republica*, de setembro a janeiro, o melhor navio de que dispunha a esquadra naquella occasião e guarnecido por uma officialidade brilhante e intrepida, immobilizado no porfo durante mezes, tendo feito apenas uma commissão a Montevidéo, até que a deficiencia do seu pessoal de machinas deu causa a que se deteriorassem.

Por que razão ainda, esforçando-se o commandante do *Aquidaban* pela execução do plano de Saldanha, não lhe eram fornecidos elementos de que precisava para isso e conservaram este navio desde 3 ou 4 de dezembro de 1893 até 8 ou 9 de Janeiro de 1894 sem nada fazer em Santa Catharina?

Admira-me, pois, que o ex-ministro da marinha da revolução não tivesse conhecimento de outro pedido de gente do que o que foi feito pelo almirante Saldanha dias antes da expedição á Bahia.

O outro topico da carta refere-se ás informações do governo com relação á esquadra da Bahia, e ahi, reproduzindo as palavras do commandante Costa Mendes, conclue não ter emanado do governo de Santa Catharina qualquer transmissão de ordens em nome do almirante Saldanha.

Recebendo a ordem de seguir para o sul por escripto, trazida por um escaler, mandei dizer ao commandante Costa Mendes que não a cumpriria sem communicar-me com o almirante Saldanha. Conhecida esta resolução a bordo do *Iris*, regressou o escaler com o commandante Costa Mendes em pessoa e entre outras considerações que apresentou disse-me: querer o governo revolucionario reunir os navios para bater a esquadra da Bahia no sul e que esta resolução fôra tomada em virtude de um telegramma do almirante Saldanha. Este é o ponto capital da questão.

Eu recebi esta ordem. Se partiu de facto ou não do governo de Santa Catharina, já não está na minha alçada resolver. Não me era dado por um momento pensar, como faz crer o ex-membro do governo revolucionario, que se tratasse de uma má interpretação das ordens que me transmittiu o intrepido e bravo camarada que tão ousadamente affrontara o risco de cair nas mãos do inimigo, se encontrasse uma parcella mesmo da sua esquadra nestas paragens. O commandante Costa Mendes *pensou* ser aquella a vontade do governo, em vista do novo plano do almirante Saldanha, expresso em telegramma, e como tal ma, communicou:

Só assim deixei de entrar a barra.

Pesando bem as consequencias e suppondo que Saldanha tinha boas noticias sobre a invasão de Gumerindo, e que só o incommodava a esquadra inimiga, como elle muitas vezes m'o disse, resolvi então ir para o sul sem perda de tempo, na idéa de ahi encontrar a esquadra que tinha partido da Bahia.

Agora que julgo bem ventilada esta questão, resta-me notar um facto curioso. A origem da maior parte dos dissabores por que passei quando fôra do Rio o *Aquidaban*, foi a preocupação constante de soccorrer os bravos companheiros que sustentavam aqui uma luta prolongada.

Circumstancias imperiosas e que não podia razoavelmente modificar, desviaram o meu navio desse objectivo por duas vezes.

E é precisamente por isto que hoje, *invertendo-se* os papeis, querem a mim attribuir a responsabilidade do 13 de março de 94—Rio de Janeiro, 15 de dezembro de 1901 — *Alexandrino Faria de Alencar*.

NOTA G

A fuga dos asylados

São do relatorio do bravo e magnanimo Augusto de Castilho, que, como commandante da divisão portugueza, tantas vidas salvou de brasileiros no memoravel dia 13 de Março de 1894, os seguintes periodos sobre a escapada em Buenos Aires e Montevidéo dos refugiados da esquadra chefiada por Saldanha da Gama:

«Durante o dia 13 de Março desde as 8 horas a. m. até ás 2 ou 3 p. m. pouco mais ou menos, foi a corveta «Mindello» invadida pelos refugiados, o que foi perfeitamente presenciado de bordo de todos os navios surtos no porto, e de todas as alturas da cidade. Sabia, portanto o Governo brasileiro com certeza que as ilhas rebeldes e os navios que haviam obedecido ao almirante Saldanha do Gama não podiam oppor-lhe qualquer resistencia. Não obstante essa certeza, porém como era necessario dar-se uma publica, bem notoria, e bem arrogante demonstração de força, rompeu pouco depois das 3 horas p. m. um vivissimo canhoneio de todas as alturas da cidade e das fortalezas da barra e baterias de Nictheroy contra aquellas abandonadas ilhas e contra os navios, que nada responderam nem podiam responder!

Entendia eu que era inconveniente, depois da attitude que então tinha assumido, permanecer mais tempo na bahia do Rio de Janeiro ; e, como o Ex.^{mo} ministro da Marinha impediu que eu expedisse os asylados no vapor «Cidade do Porto» como lh'o propuz, fiz os preparativos afim de seguir para o Rio da Prata a esperar instrucções do governo, d'accôrdo com o encarregado de negocios.

Tencionava partir em 16 á tarde, mas não, tendo sido isso possivel pelos motivos apontados, resolvi sahir em 17 de manhã. Nessa noite, porém, recebi telegramma do encarregado de negocios, dizendo-me que não sahisse sem conferenciar com elle e por isso tive que ficar mais tempo.

Em 17, veio novo telegramma do ministerio dos Estrangeiros para o encarregado de negocios. Dizia-me o mesmo encarregado de negocios n'essa mesma data, e por escripto, saber particularmente pelo governo brasileiro que, no dia seguinte, era esperada de Lisbôa respostas á re-

clamação diplomatica, e accrescentava que, se até ás 4 horas p. m. d'esse dia 18 eu não tivesse recebido contra-ordem, podia então seguir viagem para o meu destino, *ficando eu sempre responsavel pela entrega dos refugiados nos termos em que fosse decidida a questão diplomatica.*

Nesses dias de anciedade e espera na bahia do Rio de Janeiro, correram varios boatos mais ou menos aterradores, os quaes me eram communicados em cartas particulares de amigos meus e de anonymos. Diziam que o governo brasileiro ia mandar arrancar á força os asylados brasileiros de bordo dos navios portuguezes; que estes iam ser atacados por torpedeiros, e que, finalmente, as fortalezas da barra se opporiam pela força da sua artilharia á nossa sahida do porto. Não dei credito a esses boatos tetricos; vi que os dois primeiros se não tinham realizado, e esperava que o governo brasileiro pensaria melhor, e que o ultimo se não verificaria tambem.

Em 18 ás 4 horas h. p. m., não tendo recebido qualquer nova comunicação do encarregado de negocios, levei ancora e segui para a barra, com as portinholas todas abertas, as peças em baterias, e andando vagarosamente acompanhado á curta distancia pela corveta «Affonso d'Albuquerque». As fortalezas da barra ficaram mudas como era natural, vendo-se comtudo varias pessoas sobre as muralhas de Santa Cruz, olhando curiosamente.

.....

Em 26, ás 7 h. p. m., largámos ancora na rada exterior de Buenos Ayres tendo nós andado 53 horas unicamente á vella, para poupar carvão. A «Affonso chegou na vespera ás 2 h. p. m. Sempre direi entretanto que o serviço a bordo da «Mindello» era feito mal. O immediato do navio, capitão-tenente Thomaz Diniz dos Santos Pereira, que tinha chegado de Lisbôa a 21 de Fevereiro e que já estivera dispensado do serviço, e de cama com um ataque de rheumatismo gottoso agudo durante alguns dias, deu novamente parte de doente em 20 de Março para nunca mais fazer serviço, até que eu larguei o navio a 8 de Maio. O segundo tenente Vizetto tinha morrido a 3 de Março de febre amarella no Rio de Janeiro; os segundos tenentes Gago Coutinho e Metzener tinham ficado no hospital portuguez de Beneficencia com febre amarella, d'onde mais tarde seguiram para Lisbôa; restava, portanto, para todo o serviço de bordo, incluindo o de immediato em circumstancias tão difficeis e excepçionaes, encarregado de pilotagem, etc., unicamente o segundo tenente Vieira da Fonseca! O commissario prestou-se de bôa vontade a fazer um quarto. Praças do estado menor, machina e marinagem, fal-

tava tambem uma grande porção, das quaes umas tinham morrido, outras tinham ido pela junta de saude para Lisbôa, não fallando em 25, dispensadas de todo o serviço no dia em que largámos do Rio de Janeiro, e 5 doentes no hospital.

Accrescente-se a isto a aglomeração de passageiros por toda a parte empachando e atravancando as manobras, e far-se-ha uma ligeira idéa das grandissimas difficuldades que complicaram esta nossa viagem, a mais penosa que em minha vida tenho feito. Se tivesse havido mau tempo, como era possível e provavel que acontecesse, visto estarmos no equinoxio, nos principios do inverno no hemispherio austral, e na região dos violentissimos pampeiros, que por ali desabam, não sei realmente o que nos poderia ter succedido.

.....

Durante os dias que estivemos fundeados no ancoradouro exterior de Buenos-Ayres, os asylados brasileiros mostraram-se sempre inquietos. Cançados pela longa permanencia a bordo de navios que não eram seus, sem alojamento conveniente, com uma alimentação inevitavelmente irregular, ouvindo o echo dos clamores que a imprensa argentina, movida por amigos d'elles, levantava em seu favor, sendo alvo de donativos generosos de damas da sociedade da Cruz Vermelha, que os consideravam como victimas da tyrannia portugueza, e, finalmente, tendo já indignamente esquecido o grandissimo serviço que lhes haviamos prestado salvando-lhes as vidas no Rio de Janeiro, não cessavam de procurar por todos os meios libertar-se d'aquella situação angustiosa.

Além d'isso, como o governo portuguez ainda não tinha dito qual seria o destino dos asylados depois que tivessem chegado á Ascensão, e como convinha aos intuitos dos nossos inimigos attribuir-nos um papel odioso de connivencia com o governo do Brazil, para infligir aos asylados o castigo do degredo em Africa á falta da evitada pena de morte, especulando-se com a ignorancia geographica da maior parte do publico, e com o nome do transporte que devia ir á Ascensão encontrar-se com o «Pedro III», affirmava-se abertamente que elles iam para Angola degradados e ali seriam victimados pelas febres!

Varios amigos dos asylados, taes como Samuel Benchimol, Machado, ambos portuguezes, uns officiaes de marinha brasileiros, Brito e Graça, o dr. Dermeval da Fonseca, etc. viajavam constantemente da cidade de Buenos Ayres para o ancoradouro das corvetas, nos vapores fretados pelo encarregado de negocios de Portugal para virem conferenciar commigo, e vinham conversar com os asylados, trocar correspondencias,

ministrar-lhes indicações, e (sem que aliás o pudessemos suspeitar) excital-os a conspirar por todos os modos e feitiços contra nós e contra o governo portuguez. Se o nosso encarregado de negocios não tivesse sido tão condescendente n'esta faculdade que a estes sujeitos dava de viajarem de graça, para nos intrigarem sem reboço nem pêjo, é possível que elles tivessem encontrado outros meios de intelligencia com os altanados asylados brasileiros, mas certamente taes meios teriam sido mais arriscados e mais dispendiosos. Não censuro o honrado Visconde de Faria pela sua condescendencia, mas não posso deixar de consignar aqui o meu protesto contra a má fé e abuso de confiança dos seus desleaes e pouco serios passageiros.

Em 8 dirigiu-me o almirante Saldanha da Gama uma nota de agradecimento pela maneira como elle e os companheiros tinham sempre sido tratados a bordo das corvetas, e enviando-me um protesto contra o governo de Sua Magestade dirigido ao encarregado de negocios Visconde de Faria, pela maneira como, no seu entender, o asylo tinha sido convertido em prisão. Terminava dizendo que *sendo elle responsavel pela solicitação do asylo, se conservaria á mercê do governo de Sua Magestade Fidelissima enquanto este assim o entendesse conveniente, mas que entretanto, a partir d'aquelle momento, declarava não mais pôder responder por quaesquer actos que os seus companheiros de exilio intentassem dever praticar no interesse da sua propria existencia e situação.* Vimos todos mais tarde como o almirante cumpriu a primeira parte da sua promessa!

N'esse mesmo dia 8 atracou um lanchão grande, armado a hyate, com 40 toneladas de carvão que eu tinha requisitado, e começou-se a ingrata faina de as metter dentro. Pelas 5 horas p. m., ou pouco mais, quando umas 25 toneladas apenas haviam sido recebidas, e quando eu estava na camara jantando, um numeroso grupo de Brasileiros saltou inesperadamente dentro do batellão pelas portas da bateria, pelo portaló, e pelas mesas de enxarcia, cortou-lhe a boça, e como estava vento fresco de prôa, o lanchão abriu rapidamente para fóra, e afastou-se já com uma vella de prôa e o traquete largos. A sanefa do carvão estava collocada de bombordo a estibordo junto ao mastro grande; o contra-mestre de serviço estava a ré vigiando um pequeno vapor que se approximava com mantimentos, e não poudé presenciar esta scena escandalosa senão quando a não poudé já evitar. Veio porém immediatamente avisar-me, ao brado da sentinella da ponte, e acto continuo o capitão-tenente Santos Pereira, que estava no camarote sem fazer serviço sahiu e começou a distribuir armamento á guarnição, subindo eu immidia-

tamente á tolda com o tenente Vieira e o commissario, e indo á ponte no meio de uma grande confusão e aos gritos de *viva a marinha portu-queza e viva a republica argentina!* proferidos pelos fugitivos. (1)

Poderia eu talvez intimidar-os com alguns tiros, ou mandar uma embarcação em sua perseguição; mas pareceu-me que, fóra das amuradas do meu navio, nenhum direito me assistia para proceder assim. Mandeí portanto serenar a celeuma, repôr as armas nos seus logares, fazer a chamada da guarnição, verificando que ninguém faltava. No momento de largar o batelão, um fugitivo brasileiro, certamente em agradecimento de lhe termos salvado a vida, arremeçou uma pedra de carvão para bordo, a qual feriu na cabeça um marinheiro nosso!

Quasi na mesma occasião; quatro asylados da «Affonso» lançavam-se ao mar e nadavam para um pequeno vapor argentino que pairava proximo; dois alcançaram-n'o e não foram restituídos quando reclamados, e o terceiro morreu afogado. Um quarto ainda, que pouco sabia nadar, quando viu que não podia alcançar o vapor virou-se outra vez para a corveta pedindo soccorro; foi-lhe mandada uma embarcação, e quando elle entrou a bordo escorrendo agua e tranzido de frio, declarou que estava assim lavrado o seu protesto!

A corveta «Affonso de Albuquerque», que, na manhã de 9, não tinha acabado de receber o carvão, só poudé largar mais tarde para o ancoradouro da bocca do Estuario. Antes, porém, de largar houve a seu bordo uma outra tentativa de evasão, servindo-se os asylados tambem do barco de carvão. O commandante da «Affonso» porém, — pensando de modo diverso, e tendo aprendido com a alheia experiencia, — entendeu e acho hoje que entendeu muito bem, que, devendo cingir-se á letra do telegramma do Sr. ministro da Marinha que dizia *não haver hypothese alguma em que fosse permitido o desembarque dos asylados*, tinha que empregar a força para os mandar voltar para bordo, e conseguiu reembarcá-los.

Pouco depois de estarmos no ancoradouro da ponta Indio, houve noticia de terem desembarcado da esquadra revoltada do almirante Custodio de Mello, na ponta de Castillos á entrada do Rio da Prata, em territorio oriental, mil e tantos homens de tropas revolucionarias com o general Salgado. Essas tropas e essa esquadra acabavam de ser batidas no ataque que haviam feito á cidade do Rio Grande do Sul, e aban-

(1) Foram elles em numero de 122 — Nota do autor.

donavam a lucta, como Saldanha da Gama o havia feito na bahia do Rio de Janeiro. As tropas foram depois conduzidas pelo governo de Montevidéo de Castillos para a ilha das Flôres para fazerem quarentena, e depois disso desembarcavam em Montevidéo, onde eram optimamente recebidas pelos seus amigos e por uma parte da população.

A esquadra, que passou perto de nós na noite de 15 para 16, seguiu para Buenos-Ayrès em força de cinco navios, «Republica», «Urano», «Iris», «Esperança», e «Meteoro», onde o almirante Mello a entregou ao governo argentino. Elle e os tripulantes da esquadra ao todo uns 950 homens, foram mandados para o lazareto de Martin Garcia, e d'alli, depois de fazerem a competente quarentena, desembarcaram na cidade de Buenos-Ayres, onde tiveram recepção amigavel.

A situação assim creada inesperadamente a estes 2.000 Brasileiros—tão revoltosos como os nossos asylados, mas recebidos de braços abertos pelas duas republicas, ao passo que Portugal conservava os seus em rigorosa reclusão — ainda mais exacerbou o espirito d'estes, que quasi ficaram em um estado de verdadeiro desespero, aggravado com os intermittentes rigores das intemperies atmosfericas que por vezes eram bem agudas. Os já mencionados conspiradores, amigos d'elles, que de Buenos-Ayres se haviam transportado a Montevidéo, e que quasi diariamente, por condescendencia do consul de Portugal, viajavam d'alli para a ponta do Indio, continuavam no seu incessante trabalho de intriga e exitação, levando-lhes os jornaes cheios de calorosas descrições das recepções feitas aos seus companheiros de lucta, onde bem se accentuava o confronto com o procedimento dos Portuguezes.

Em 24 de Abril, annunciava-me o commandante do transporte «Pedro III», que tinha a seu bordo alguns homens suspeitos que queriam amotinar a guarnição, e, entre elles, um irmão do fornecedor, que estava especialmente encarregado disso pelo dono do navio, e um italiano que tinha sido asylado nosso. Ambos esses homens foram immediatamente desembarcados.

No dia 25, dizia-me o consul por escripto que, por noticias recebidas do encarregado de negocios, sabia que o destino dos asylados seria Lisboa, podendo eu portanto assegurar isso categoricamente ao almirante para o tranquillisar sobre esse ponto. Quanto ao destino dos asylados que haviam tentado evadir-se da corveta «Affonso de Albuquerque» no barco de carvão «Pepito Donato»,—os quaes se assegurava desembarcariam em Buenos-Ayres como satisfação dada pelo nosso governo ao argentino, o que constituiria para esses uma vantajosa excepção,

dobradamente odiosa para os que permaneceram nos navios, — fundando-me ainda nas informações escriptas do consul, affirmei em toda a boa fé que iriam tambem para Portugal, e que já se achavam a bordo do «Pedro III», o que era rigorosamente verdade.

Durante a tarde e principio da noite de 26 foram passados nos esca-leres da «Mindello» para o transporte «Pedro III», os nossos asylados, havendo no principio d'essa operação ainda bastante mar. A «Affonso» possou as bagagens dos seus, e começou n'esse dia a receber carvão e mantimentos com bastante difficuldade.

Depois da meia noite d'esse dia veio á falla o consul de Portugal e entregou-me o seu officio n. 5 datado d'esse momento, isso é, já no dia 27. Continha um telegramma do sr. ministro da marinha, ordenando-me que os *refugiados em litigio ficassem na «Mindello», seguindo os restantes no «Pedro III». comboiados pela corveta «Affonso d'Abuquerque» até fóra de risco, regressando a Montevidéo essa corveta passando para elle os refu- giados da «Mindello»*. Dizia mais o encarregado de negocios, ao tran- smittir-me esse telegramma por intermedio do consul, que, *na sua opinião, o risco a que se referia o sr. ministro da marinha existiria até que na ilha da Ascenção fossem entregues os refugiados ao transporte de guerra por- tuguez.*

Esta inesperada resolução, quando pouco antes o consul me havia as- segurado, em mais de uma carta, que todos os asylados, sem excepção iriam para Ascenção; esta inesperada resolução que vinha desmentir a segurança formal que eu entendera poder dar ao almirante Saldanha para o socegar, e que me collocava em pouco boa posição aos meus proprios olhos, causou-me, como é natural suppôr-se, um profundissimo des- gosto! E' certo que a ordem não dizia que os oito asylados desembar- cavam para Buenos-Ayres; mas dizia em todo o caso que elles não iam para Ascenção, que passavam do «Pedro III» para a «Mindello», e mais tarde (não sei quando isso seria) da «Mindello» para a «Affonso». E por pouco que o governo argentino insistisse nas suas exigencias, é eviden- tissimo que o nosso governo viria a ceder, e que os oito asylados seriam inevitavelmente entregues!

Ponderei ao Consul que a execução de uma tal ordem, no meio da noite, em um agrupamento de gente descontente e desesperada, ia pro- duzir um alvoroço extraordinario, e talvez uma revolta horrorosa, e scenas de sangue e de violencias lamentaveis. Que eu bem sabia que nenhum militar podia discutir ordens de superiores seus, mas que, no caso pre- sente, eu ignorava de todo como havia de cumprir á risca, e sem graves consequencias, a que elle me dava em nome do sr. Ministro da Mirinha.

Discutimos o assumpto durante muito tempo, elle do seu ponto de vista e eu do meu, e, depois de mais duas horas de exposição a um frio intenso, elle na prôa do vaporzito «Uruguay» e eu na grinalda da «Mindello», resolvi pôr á disposição do consul o meu aspirante de fazenda com um escaler. O aspirante iria a reboque do vapor do consul, receberia deste as ordens que entendesse dever dar-lhe, e transmittil-as-hia ao commandante do transporte, ficando eu assim isento e desligado da responsabilidade do que pudesse vir a acontecer.

Quando tudo estava assim combinado e em começo de execução, ouvimos tres tiros de canhão de tiro rapido dados pela canhoneira oriental «Artigas», a qual immediatamente suspendeu e seguiu em perseguição de um pequeno vapor que levava um lanchão a roboque para os lados do Cerro. Essas embarcações haviam pouco antes sido vistas por nós de bordo da «Mindello» pensando eu que fosse uma lancha de carvão que ia, depois de já descarregada, da corveta «Affonso d'Albuquerque» para a terra levada por um rebocador. N'esse momento, tendo o vapor do consul e o meu escaler largado á toda a pressa para o transporte, verificaram ali que uma grande porção de asylados brasileiros se havia evadido d'elle no lanchão a vapor em circumstancias verdadeiramente extraordinarias, mysteriosas e incomprehensíveis !!!

Nas instrucções que, ao commandante do transporte, haviam por mim sido dadas, dizia-lhe eu claramente que, depois de ter a seu bordo os asylados, não poderia elle, por motivo algum e sob qualquer pretexto, consentir que ao mesmo transporte atracasse outra embarcação que não fossem as propriamente das duas corvetas portuguezas. Para isso tinha elle a bordo praças de marinhagem para fazerem sentinella em cima do tombadilho ou na ponte de commando, logares d'onde perfeitamente se dominava o horizonte em todas as direcções. Não obstante essas recommendações, a evazão de mais de 200 pessoas tinha sido realisada, sem que das corvetas pudesse ter sido observada, o que é muito para lamentar, e sem que do proprio transporte pudesse ter sido evitada, o que mais lamentavel é ainda. O proprio almirante Saldanha da Gama, apezar das solemnes declarações que havia feito por escripto e na imprensa, de que por sua parte se sujeitaria ás determinações do governo de Sua Magestade, estava no numero dos fugitivos ! Os oito fugitivos da reclamação do «Pepito Donato», tinham desaparecido tambem ! (1)

(1) Esses oito fugitivos eram os primeiros tenentes Augusto Vinhaes, Gentil Meira, Victor Paulino e Paula Barros, o tenente Antonio Valentim, e os civis João Vianna, Placido Meirelles e Ferreira Marques — *Nota do autor.*

No decurso do dia voltou o consul com ordem para que os navios partissem sem mais demora com os asylados que restavam no »Pedro III». Preparou-se tudo às 4 horas p. m. d'esse mesmo dia 27, mas n'essa occasião sobreveio uma avaria na machina do transporte, a qual exigia longas horas para ser reparada. Parecia de proposito! e parecia que algum mal intencionado houvesse propositadamente causado tal avaria! Seja como for, tratou-se da reparação, que correu sem outra novidade; e de madrugada estariam os dois navios promptos para partir se não tivesse surgido novo contratempo.

Pela 1 hora da madrugada, recebi aviso do novo commandante do transporte, informando-me de que varias das nossas praças de marinhagem, embriagando-se por suborno dos proprios asylados, haviam insultado o capitão mercante do navio, o qual muito naturalmente se recusava a seguir viagem com ellas e pedia o desembarque. Achei que o homem tinha razão, tive que transigir para evitar um novo e mais perigoso conflicto em logar onde não tivesse sido possivel remedial-o, e mandei recolher aquellas praças á «Mindello» substituindo-as por outras. Estas mudanças levaram algumas horas, por causa do pagamento, guias, folhas de registro e outras formalidades, de modo que só ás 3 horas da tarde finalmente estava tudo concluido.

A's 3 h. p. m. de 28, pois, largava do ancoradouro exterior da bahia de Montevidéo em direcção á Ascenção, o transporte portuguez «Pedro III» com 170 asylados brasileiros, comboiado pela corveta «Affonso d'Albuquerque». Os asylados, fugidos com o almirante Saldanha da Gama, tinham sido pelo governo oriental mandados para o lazareto da ilha das Flores na canhoneira «Artigas», n'um pequeno vapor e n'um lanchão.

Tendo as negociações diplomaticas entre os governos argentino e portuguez tomado por vezes aspectos bastante desagradaveis para nós, chegou-se mesmo a dizer que alguns navios de guerra argentinos iriam embargar o passo aos navios portuguezes, para evitar que elles partissem com os asylados que faziam assumpto da reclamação, antes que a questão tivesse sido terminada. A corveta argentina «Argentina», navio de madeira parecido com a «Mindello» mas um pouco maior que ella, tinha dias antes vindo de Buenos Ayres, passou entre os navios surtos em Montevidéo e seguiu para Leste sem ter fundeado. Dizia-se mais que outros navios de guerra mais poderosos estavam de prevenção. Em vista do exposto, não admira que eu andasse um pouco apprehensivo, e que exigisse que o consul obtivesse do encarregado de negocios ordem posi-

tiva para a sahida, a despeito de tão graves boatos cujas possiveis con-sequencias lhe fiz ver. Felizmente, nada de desagradavel occorreu, e os navios seguiram sem mais novidade digna de menção »

* *

Lista dos refugiados na corveta «Mindello»

Contra-almirante Luiz Phelippe de Saldanha da Gama, capitão de mar e guerra Eliezer Coutinho Tavares, capitães-tenentes Emilio Carvalhaes Gomes e João Vellozo de Oliveira.

Primeiros Tenentes Thomaz de Medeiros Pontes, João Prudencio da Costa Lima, João da Silva Retumba, José Liduino Castello Branco, Alberto Carlos da Cunha, João Huet Bacellar Pinto Guedes e segundo tenente, Carlos Alberto Witte.

Guardas marinha: Raphael Brusque, Augusto Carlos de Souza e Silva, Alberto Durão Coelho, Antonio Dias de Pinna Junior, Armando Cesar Burlamaqui, Mario Cesar Bormammo de Borges, Arthur Torres, Ignacio Ribeiro, Joaquim Ribeiro Sobrinho, Antonio Candido de Carvalho, Heraclito Beffort G. de Souza, José Joaquim Brandão dos Santos Junior.

Capitão de fragata, engenheiro naval, Benjamin Ribeiro de Mello.

Contra-almirante, medico, dr. José Pereira Guimarães.

Capitão de fragata, medico, dr. Galdino Cicero de Magalhães.

Primeiro Tenente, medico, dr. Augusto Graça da Silva Lima.

Guarda marinha, pharmaceutico, Guilherme Hoffman Filho.

Primeiro tenente honorario, Luiz Lemelle.

Segundo tenente honorario, Narciso José Vieira.

Machinista capitão-tenente, Targino José dos Anjos.

Machinista segundo tenente, Clemente Lopes d'Almeida.

Machinistas guardas marinha: Seraphim José Soares, Antonio Gonçalves Cruz, Ismael Dias Braga, Antonio José Lopes, Miguel Moreira, André Correia Codillo.

Commissario segundo tenente, Marcionilio Olegario Rodrigues Vaz.

Commissarios guardas marinha: José Luiz de Lima Junior, Juvenal Jardim, Manuel Marques de Faria, Jorge Marques Dubouchez, Francisco Roberto Barreto.

Aspirantes de 1ª classe: Herman Carlos Palmeira, Octavio Perry, Ernesto Felipe da Cunha Sobrinho, Theophilo Oswaldo Pereira e Souza, Alexandre Coelho Messeder Junior, João Antonio da Silva Ribeiro, Mario Cesar de Castro Menezes, Othon de Noronha Torrezão, Augusto Cesar Burlamaqui, Alvaro Nunes de Carvalho, Luiz Augusto Diniz Junqueira, Roque Dias Ribeiro, Emanuel Dias Braga, Manuel C. de G. Coutinho, Damasio Pereira de Novaes, Oscar Gomes Braga, Theodureto H. de Faria Souto, Priamo Muniz Telles, Luiz Perdigão, Francisco José P. das Neves, Arthur de Brito Pereira, Braulio de Araujo Braga, Joaquim Buarque de Lima, Angenor Monteiro de Sousa, Hormisdas M. de Albuquerque, Luiz Cyrillo Fernandes Pinheiro, Damião Pinto da Silva, Theodoro Jardim, José de Lima Campêllo, Torquato Diniz Junqueira, Augusto D. Costa Guimarães, Oscar de Assis Pacheco, Octavio de Lima e Silva, Henrique de Santa Rita, Roberto de Barros, Manoel Nogueira da Gama, Candido de Andrade Dantas, Trajano Augusto de Carvalho, Arthur da Costa Pinto.

Medicos civis: Dr. Daniel de Almeida, Dr. Sebastião José de Saldanha da Gama.

Pharmaceuticos: Arthur de Souza Martins, Julio Martins, Manuel da Silva Castro, José Maria Paes Leme, Alberto Neves.-

Officiaes marinheiros mercantes: José Augusto Ribeiro, Chrispim José Marques, Manoel José da Silva. Thadeu da S. Castro, José do Carmo Madeira, Francisco da Silva, Carlos Antão Duarte, Frederico Raulino, Domingos de Souza Cardia, Porfirio Primo da Costa, Domingos A. A. Ribeiro Filho e Pedro Pereira da Silva,

Alferes do batalhão naval: João Barbosa da Silva.

Officiaes da Guarda Nacional: Antenor Pompeu da Silveira, Camillo de Sousa Guimarães, João de Castro Noval, Rozendo Machado Zacharias e Julio Cesar Carvalho Lobo.

Official honorario: Francisco José de Araujo Gomes.

Machinistas mercantes: Manuel de Azevedo Martins, Joaquim da Costa Freitas, Arthur Smoll, Alberto Dias. Victor Leandro Rodrigues, Pedro Olympio dos Santos, Americo Mariz da Silva, Alfredo Carneiro Borges, Joaquim de Gaia. Manuel de Oliveira, Dias Correia, José Joaquim de Abreu, Maximiano Rubens, Luiz Antonio da Silva, Pedro José, Francisco José Alves e Antonio Madeira.

Aspirantes voluntarios: Antonio Francisco, Leonardo Ferreira da Costa e Sousa, Virgilio Nogueira, José Ferreira Marques, Alvaro d'Oliveira, José Vicente Martins, José Mariano da Silva. Alvaro Colás, Carlos

de Saldanha da Gama, Mário de Saldanha da Gama, Alvaro de Carvalho Lima, Luiz Victor Vargea, Carlos Pereira da Fonseca, Pedro da Fonseca, Eliezer Gerson Tavares, Ildefonso Lopes, Frederico de Gouveia Coutinho, Antonio Esteves d'Oliveira, Guilherme Lopes Angelo, Manuel Magalhães, Alvaro d'Oliveira, Carlos Clement, Joaquim F. de O. Maggioli, Francisco Rodrigues Cordeiro, Delphim Moreira, João da Silva Cardoso, Manuel A. de Miranda Carvalho, Luiz Vaury, Dr. Aquilino do Amaral Filho, Manuel Pereira de Carvalho, Henrique Luder, Antonio da Costa Borlido, Bandeira de Mello, Candido Lacerda Corry, Antonio Ferreira Lopes, Joaquim José da Rocha, Manuel Pereira Duarte, Joaquim Francisco da Silveira, Vicente Horacio Pinheiro Domingos, Arthur Ferreira de Alvarenga, José Soares e Dr. Henrique Schutel.

Contra-mestres: Casimiro Hermenegildo, Eusebio da Silva, Francisco Mendes Lopes e Francisco Pimenta dos Santos.

Patrões Antonio Pereira dos Santos e Paulino Lopes, Bernardino de Senna Lopes, Antonio da Silva Valente, Domingos Vieira da Rosa e mestre José Francisco dos Santos Paes.

Escreventes: Octaviano d'Alcantara e Jeomilicio Eduardo d'Oliveira.

Fieis: Ulysses d'Oliveira Cezar, José dos Santos Carneiro e Eduardo Emygdio Gomes.

Enfermeiros: Irineu do Amaral, Francisco Maquieira e calafate Luiz Paulino de Carvalho.

Serralheiros: Manoel Pereira de Sá e João Forno.

Carpinteiro: José d'Oliveira Ornellas.

Sargento-Ajudante: Belmiro Ferreira dos Santos.

Primeiros-Sargentos: Salustio de Mello, Nelson E. de Alfavaca e guarda do arsenal, Sebastião Ferreira do Nascimento.

Operarios: Antonio José Lopes, Firmino D. Nascimento, Candido Senna Martins e José Pereira.

Marinheiros: Vicente Rodrigues da Silva, José Pereira de Souza, Antonio da Silva, Baptista d'Oliveira, José Nobre, Joaquim Medeiros, João Paulo e Luiz Francisco.

Marinheiros mercantes: Augusto Nolasco da F. Pereira da Cunha, João Sabino de Mello, Felizardo Guerra, Pedro Alves, Carvalho de Andrade, Casimiro de Abreu, Eduardo Ferreira, Joaquim de S. Paulo, João Soares, Domingos Alves de Jesus, Adriano Gomes, Antonio Gomes, Antonio José da Silva, Francisco Rozendo, José da Silva, Francisco Rodrigues, Joaquim dos Santos, Luiz Soares, José Maria, Leonardo Ferreira

da Silva, Antonio dos Santos, Manoel Felix, Thadeu Joaquim Ribeiro, Claudio José da Silva, e marinheiro nacional, (invalido) João Capistrano.

Foguistas : José Theodoro dos Santos, Frederico Teixeira, Americo Vieira, Luiz Filippe, José Machado de Souza, João Valerio de Lima, Roberto Leite Ferraz, Francisco Luiz de Queiroz, Francisco Rodrigues, Ramon Vidal, Miguel Hypolito de Araujo, Egydio José Marques, Manoel Pereira, Pedro Miguel, José Gomes da Silva C. d'Araujo, Armando Candido Ferreira, José Maria Tavola, Fernando Pulcherio da Silva e Alberto Pinheiro.

Carvoeiros: Ayres Teixeira Sarmento, Manoel Hippolyto, Antonio Paulo das Neves, Francisco Pereira da Cunha, Felicio Roldini, João Isaías, Mariano Cardoso Moura.

Cosinheiros : Jacintho Nunes dos Santos, Epiphanio Francisco de Assis e João Pedro Hegonet.

Serventes e creados : José Santo, Luiz de Araujo, Antonio Ferreira de Albuquerque, Cezario Pinto, José Alipio Goulart, José Gondel, Antonio Ribeiro dos Santos, José Rodrigues da Silva, Severo da Silva Gomes, Santiago Fernandes, Augusto José Mendes, Bento Solha, Monoel Joaquim de Barros, Manoel Ramires, Valentim Games, Innocencio Gomes. Total — 276.

A proposito deste capitulo em que nos occupamos da fuga dos asylados das corvetas portuguezas, mandaram-nos as seguintes informações:

«Montevidéo, 20 de dezembro de 1901 — A' redacção d'O Paiz— Todos os que tomaram parte, directa ou indirectamente, na revolta da armada e na revolução federalista, têm lido com maximo interesse a narrativa que o illustre collaborador d'O Paiz, A. Z., está publicando, como apontamentos para a historia que algum dia se fará desse periodo agitado do inicio da vida republicana do Brazil.

Nesse intuito, e sem pretensões de nenhuma especie, ha de permittirme o Sr. A. Z. que lhe forneça alguns esclarecimentos veridicos e incontestaveis, relativos á fuga dos emigrados politicos brasileiros de bordo dos navios de guerra portuguezes.

Quando as duas corvetas fundearam na *radde* exterior de Buenos-Aires, já a legação portugueza a cargo do Exmo. Sr. visconde de Faria, tinha recebido instrucções sobre os emigrados brasileiros, isto é, que não permittisse o seu desembarque sem novas communicações. Estás mesmas ordens recebeu o commandante da *Mindello*, o Sr. conselheiro Augusto de Castilho.

Isto fez com que, dias depois, se desse em Buenos Aires a primeira fuga dos asylados promovida pelos mesmos homens, que depois actuaram em Montevidéo.

Mas não adiantemos os factos.

Recebendo a legação e o conselheiro Castilho instrucções para que os emigrados fossem transportados da ilha de Ascensão, tratou a primeira de fretar um vapor que os conduzisse á Africa.

Tendo o abastado armador Pedro Gartland conhecimento de que o visconde de Faria precisava de uma embarcação para o fim indicado, offereceu-lhe o *Pedro III*, antigo *Conde de Vilana*, vapor hespanhol, que viera ao Rio da Prata com uma exposição de productos de seu paiz e que esteve fundeado no porto desta cidade mais de tres annos, até que foi vendido em leilão e comprado por aquelle millionario, que o baptizou com o nome de *Pedro III*.

Não entramos a informar ao Sr. A. Z. dos muitos incidentes que occorreram durante a estadia do *Pedro III* em Buenos Aires, porque seria tarefa superior ás nossas forças.

Assignado o contracto entre a legação e o armador, tratou este de ver o meio e modo de que seu vapor não fosse á Africa, — *depois de ter recebido* a importancia do fretamento, que andou por uns 52:000\$ portuguezes.

Qual era o meio de conseguir os seus fins?

Promover a fuga dos emigrados. Assim succedeu.

Sendo, porém, difficil a operação em Buenos Ayres, porque o lado exterior offerecia difficuldades, como provará á evidencia o fracasso do *Pepito Donato*, tratou o Sr. Gartland, de *accôrdo* com o Sr. visconde de Faria, homem de grande bôa fé, de promover a sahida das corvetas de Buenos-Aires para Montividéo.

A manobra corria ás mil maravilhas; e, para não perder tempo, o Sr. Gartland mandou logo instrucções á capital oriental para que a fuga dos emigrados fosse immediata, o que não succedeu pelo que vamos expor:

No Hotel Oriental, tiveram diversas conferencias os encarregados do Sr. Gartland com um membro da Maçonaria Uruguaya, assentando maduramente em um plano seguro para a realização de tão arriscado commettimento.

Entrementes, o Snr. Antonio de Faria, filho do visconde do mesmo nome, encarregado de negocios em Buenos Aires, contractara o rebocador *Uruguay*, onde desenrolara a bandeira portugueza, e com dezenas de visitantes ia á fala das corvetas, porque estavam em quarentena, e, sob pretexto de transmittir ordens ao conselheiro Castilho, deixava que os seus companheiros de viagem, todos amigos do almirante Saldanha, se communicassem livremente com este, pondo-o ao par de todos os projectos architectados para libertar os seus ex-commandados daquela triste situação. Combinados assim todos os trabalhos, faltavam sómente os meios para pôr em acção o plano. Entretanto, as viagens do rebocador *Uruguay*, com o consul Antonio de Faria a bordo, continuaram sem interrupção, trocando-se a mais activa correspondencia entre os asylados e os outros emigrados de terra.

Foi então que os agentes do Snr. Pedro Gartland, conjuntamente com o representante do Grande Oriente Uruguay, resolveram chamar ao Snr. Caetano Pino, famoso desde o tempo do dictador Rosas em empresas maritimas arriscadas, para que elle se encarregasse de obter as embarcações necessarias para a fuga dos emigrados.

Pino se promptificou logo a acceitar a commissão mediante mil libras depositadas no Banco de Londres, somma que lhe seria entregue depois da operação realizada, e mais o compromisso de libs. 10.000 se, por acaso, as embarcações fossem aprezadas pelas autoridades maritimas do porto.

Consultado Gartland, fez elle o deposito no banco, satisfazendo as imposições de Caetano Pino.

Estando tudo prompto para levar a effeito a projectada fuga, era preciso ainda ter a certeza de que a canhoneira *Artigas*, que *vigiava* as duas corvetas portuguezas, não se oppuzesse ao plano da fuga; e foi necessario que recebesse ordens terminantes do presidente uruguayo para que *não visse* nada do que ia succeder a bordo das corvetas. Idiarti Borda tinha sido falado pelo illustre Snr. Prudencio Ellauri, grande dignatario da maçonaria e amigo e admirador do immortal Saldanha da Gama.

Tudo combinado, ao romper do dia 27 de abril, as embarcações de Caetano Pino atracaram a bordo do *Pedro III* e receberam sem difficuldade os que quizeram abandonal-o. A canhoneira *Artigas* *nada viu...*

Eram 5 horas da madrugada. E o consul Antonio de Faria andava já na rua, elle que sómente se levantava ás 10 horas! Todo afflicto, contava o novo successo das corvetas, que, no consulado de Portugal, eram apellidadas ironicamente de *Presidio de homens livres*, mostrando-se verdadeiramente sorprendido pelo que acontecera, quando, desde a vespera, um empregado do consulado, de nome Manoel Souto, em um café das immediações do porto, tudo annunciava imprudentemente, apostando em como os asylados não iriam para a costa d'Africa.

Effectuada a fuga e, feita a desinfecção regulamentar na ilha das Flores, vieram para terra os emigrados, que foram recebidos por comissões nomeadas pela maçonaria e levados para o Grande Oriente, alguns e outros aboletados convenientemente em casas particulares.

Não foi, porém, só a maçonaria que prestou grandes serviços a esses brasileiros expatriados, foi a sociedade uruguaya inteira, foram os estrangeiros, foram as damas.

O Sr. capitão de fragata Benjamin de Mello, que deve ter sciencia de tudo, está vivo e bem pôde confirmar o que expomos. Elle poderá dizer com o cavalheirismo, de que sempre deu provas, que esses asylados, como se tem infelizmente espalhado, não passaram misérias em Montevidéo, onde foram acolhidos gentilmente por uma multidão enorme, que os recebeu com os braços abertos.

Não foram, pois, Sr. A. Z., os revolucionarios que residiam em Buenos Aires e Montevidéo os que promoveram a fuga dos nossos companheiros; o principal autor foi Pedro Gartland, o avaro armador que desejava fazer um negocio *redondo*, ficando com o frete do *Pedro III* e com as carvoeiras cheias e repletas as despensas de provisões para uma viagem de 30 dias, com cerca de 600 pessoas.

Mas... nem tudo lhe saiu ao seu paladar, porque alguns emigrados, conhecedores da palavra de honra, empenhada pelo almirante Saldanha com o conselheiro Castilho, preferiram ficar a bordo e não desembarcar.

Destacado depois um pequeno contingente de praças portuguezas para bordo do *Pedro III*, ainda apellou o Sr. Gartland para um ultimo recurso, e mandou de novo para ali 30 homens dos marinheiros nacionais que tinham acompanhado Saldanha da Gama para terra, afim de que, disfarçados em tripulantes engajados, se apoderassem da escassa força portugueza que guarnecia o navio, já com bandeira de sua nação, e libertassem o resto dos emigrados.

Ainda desta vez não conseguiu o seu intento o famoso armador, porque o vapor seguiu com os emigrados, que ficaram espontaneamente a bordo, o que não o impediu de tirar grandes proventos no que diz respeito a mantimentos, dos quaes sómente gastou uma minima parte.

Devemos dizer ainda, Sr. A. Z., antes de concluir, que os homens dirigentes da revolução riograndense não se entendiam. Cuidavam mais de passar bem, de desfructar as commodidades da cidade, do que ir para as cochilas, onde pellejavam os seus intrepidos amigos. A intriga lavrava entre *Gasparistas*, *Comtistas*, *Melistas* e *Saldanhistas*, e não era de estranhar que o legendario almirante, a figura mais proeminente da armada, soffresse tantos dissabores e tantos desganhos como soffreu.

Quando elle regressou da Europa, já a causa federalista estava morta. O general Lima com o general Pinheiro Machado lhe tinham dado o golpe fatal. Derrotado e morto Gumercindo Saraiva, com este formidavel caudilho tinha concluido a revolução.

Gumercindo era a alma do movimento. Elle *limpiava la sala*, como dizia em sua pittoresca linguagem de fronteiriço, para que *los otros bailasen*.

Queria dizer com isto o intrepido *guerrilheiro da Cochilha Negra* e da *Cochilha Brava*, quando Timotheo Aparicio era chefe da revolução blanca em 1872, que elle sempre ia adiante, que desbravava o caminho para os outros passarem.

Porém, estou *saltando fuera de la baina*.

E, voltando ao assumpto desta carta, só direi para terminar que, diante dos tristes successos que acabo de narrar, o que mais doia entre os brasileiros emigrados, era verem o conselheiro Augusto de Castilho destituido bruscamente do commando da *Mindello* e vilipendiado pelos que não conheciam a sua nobreza de alma, o seu character impolluto e a sua tempera de marinheiro, elle que, diante de tudo aquillo, apenas lastimava a falta commettida pelo almirante Saldanha, por quem teria dado a vida, mas a quem não perdoava ter faltado á sua palavra de honra».

NOTA H

As violencias soffridas pelos asylados a bordo da corveta « Affonso de Albuquerque » -- Protesto de Saldanha.

Bordo da corveta *Mindello*, em Montevidéo, 21 de Abril de 1894 — Exmo. Snr. capitão de fragata conselheiro Augusto de Castilho, commandante da corveta *Mindello* e superior da força naval portugueza na costa oriental da America do Sul.

Desde que a corveta *Affonso d'Albuquerque* veio reunir-se á *Mindello*, no ancoradouro da Punta del Indio, ao meu conhecimento chegou, ainda que vagamente, que alguma cousa de grave se havia passado a seu bordo, quando ancorada no porto de Quilmes, entre o respectivo pessoal tripulante e os meus companheiros d'exilio ali reunidos. Naturalmente inquieto, fiz com que no primeiro ensejo de communicação entre os dois navios, o meu secretario snr. capitão de fragata Benjamin de Mello escrevesse ao official mais graduado entre os recolhidos a bordo da *Affonso d'Albuquerque*, capitão-tenente Joaquim Franco, pedindo informações ácerca do occorrido. Devido á difficuldade de nossas communicações, sómente hoje recebi a resposta, e devo dizer que, longe de acalmar os meus receios, ao contrario veio trazer-me a crua certeza dos vexames impostos aos meus companheiros. E' certo que alguns d'entre elles procuraram retirar-se de bordo (9 de Abril) aproveitando a circumstancia de se acharem atracadas ao costado do navio, duas embarcações argentinas, porém não é menos certo tambem que o fizeram sem violencia, e antes com leal aviso prévio á segunda auctoridade de bordo. Se foi isso uma falta, tambem foi por outro lado um recurso extremo de que lançaram mão, para se libertarem de um asylo que já se transformou em prisão de guerra. Facto identico, em maior escala, se passára um dia antes (8 de Abril) a bordo d'esta corveta, e no emtanto nem V. Ex., nem seu digno immediato auctorizou actos violentos, como meio de repressão. Na *Affonso d'Albuquerque*, o proprio official immediato, acompanhado de praças armadas, foi arrancar á força do palhabote argentino *Pepito Donato* já então afastado do costado da corveta, os asylados que n'elle haviam embar-

cado ; e, enquanto isto se passava fóra do navio, como a bordo os outros asylados que tinham permanecido quêdos levantassem protestos contra os meios violentos empregados contra seus companheiros, o official de quarto niandou que as praças arremettessem contra elles á mão armada.

Que não houve sequer tentativa de resistencia prova o mesmo resultado do conflicto, sobretudo attendendo-se ao crescido numero dos asylados. Não houve pessoa a bordo physicamente offendida, ao passo que varios dos asylados ficaram contusos ou feridos. Essas mesmas medidas repressivas postas em pratica a bordo da *Affonso d'Albuquerque*, sobre contrastarem com a hospitaleira complacencia de V. Ex. e do digno official immediato da *Mindello*, revestem-se de um tom premeditado, aggressivo e insolito, que não era licito esperar certamente das cavalheirosas tradições da nobilissima armada portugueza. O commandante, o immediato, os officiaes e demais tripulantes da *Affonso d'Albuquerque* não podiam, e não podem mostrar-se esquecidos de que seus asylados eram, e são na mór parte officiaes de patente de uma marinha de guerra regular, condição que até agora ainda não perderam no seu proprio paiz, apesar de classificados ali como revoltosos.

V. Ex. que já deve ter tido communicação d'essa grave occurrencia por conducto official, não ha de por certo estranhar que eu venha cumprir o ingrato, mas ineluctavel dever de protestar perante V. Ex. contra tão insolito vexame, inflingido áquelles meus companheiros de infortunio. Para justificar o que deixo dito, apresento a V. Ex. por copia a parte que me foi dada pelo official acima referido. Não acredito dever voltar ás condições novissimas e excepcionalmente vexatorias do nosso asylo. V. Ex. é testemunha de visu dos nossos padecimentos n'uma situação, que já perdura ha mais de mez, e que ameaça prolongar-se com a triste perspectiva de uma longa viagem por mar. Seja-me licito accrescentar apenas que, se o governo de S. M. Fidelissima tem taes compromissos internacionaes tomados a nosso respeito com o governo reconhecido do Brazil a ponto de solicitar publicamente pelo orgam do seu representante diplomatico o auxilio do governo argentino para poder cumpril-os, tambem as tem explicitas e implicitas para comnosco em face do mundo civilisado e para honra da mesma reputação cavalheirosa da nobre nação portugueza.

Prevaleço-me do ensejo para reiterar a V. Ex. a segurança de minha mais distincta estima e pessoal gratidão. — *Luiz Phelippe de Saldanha da Gama*.

Narração das occurrencias por um dos asylados

Ao Exmo. Sr. almirante Luiz Phelippe de Saldanha da Gama.— Cumpro o dever de levar ao conhecimento de V. Ex. em parte official os graves successos occorridos com os nossos camaradas no dia 9 do corrente.

A's dez horas da manhã d'esse dia, tendo findado a descarga de carvão que fazia para a corveta portugueza *Affonso d'Albuquerque*. onde nos achamos, a golêta argentina *Pepito Donato*, para ella se atiraram muitos dos nossos camaradas, que, por esta fôrma, procuravam abrigo em territorio argentino, afim de salvarem-se de uma vez para sempre das contrariedades que aqui soffremos. Logo que os nossos infelizes camaradas pisaram a golêta argentina, de dentro do porão d'esta surgiram marinheiros portuguezes, anticipadamente ali occultos, armados de reflex, fâcas e cacetes, e aggrederam nossos camaradas, enquanto outros marinheiros, igualmente armados como os primeiros, invadiram a referida embarcação argentina, espancando aquelles. Em seguida á primeira aggressão, o immediato d'este navio, capitão-tenente Henrique de Brion, depois de haver retirado á força alguns dos nossos camaradas que se achavam suspensos da enxarcia da golêta argentina, saltou para o convez d'esta e em pessoa mandou cortar as espias e impellindo para o largo a golêta enquanto de cima do passadiço o official de quarto, 2º tenente Bernardo de Mello e Castro Moreira dava a seus marinheiros a seguinte voz: «mettam o terçado nesta canalha», sendo ouvidas estas palavras pelos officiaes seguintes: 1º tenente Lessa Bastos, guardas-marinha Peixoto e Lemos Bastos, 2º tenente Delamare, 1º tenente Carvalho, e o aspirante Heitor Marques. e ainda mais pelo immediato de bordo que se achava presente na occasião.

Emquanto isto se passava em um navio argentino e em aguas argentinas, dentro da corveta portugueza novas scenas eram praticadas nas pessoas dos nossos camaradas, que ali ficaram, contra os quaes se mandou uma carga de bayoneta que foi feita, repellindo-se assim aquelles dos compatriotas que procuravam correr ás bordas e portinholas do navio lusitano para protestar contra tão inopinada quão surprehendente aggressão, de que estavam sendo victimas aquelles que procuravam abrigo, amparo e liberdade em territorio e aguas argentinas. (Eu mesmo, snr. Almirante, apesar dos meus cabellos brancos, tambem fui victima de uma coronhada). O conflicto n'esse momento tomava proporções tão assustadoras, que, se não fôra a immediata intervenção do

commandante d'este navio, teríamos hoje de lastimar a perda de alguns dos nossos camaradas, pois os marinheiros portuguezes usavam do espancamento mais horroroso que se pôde imaginar!

Feita ao largo a embarcação argentina, o sr. immediato Henrique de Brion intimou os camaradas que n'ella se achavam a desembarcar em escaleres e passarem-se todos novamente para bordo da corveta portugueza. A essa intimação responderam os camaradas, alguns dos quaes já feridos, que só deixariam a golêta argentina em que se achavam, a viva força, á força de armas, e n'esse caso protestariam perante as autoridades argentinas contra a violencia de que tinham sido victimas e praticada por estrangeiro em seu territorio. A' vista da tenaz resolução dos nossos camaradas, o sr. immediato de Brion mandou buscar um novo contingente de praças, que, de bayonetas-caladas, inteiramente armados e embalados, saíram da corveta para a golêta argentina, onde auxiliaram a arrancar os nossos camaradas, que com risco de vida, tinham chegado a alcançar o abrigo de um pavilhão generoso; logo que chegaram a bordo da corveta portugueza, escoltados pelos referidos marinheiros, os nossos camaradas, eu, em nome dos nossos compatriotas feridos, pedi instantemente que se fizesse o competente corpo de delicto. Accedendo em parte ao nosso justo desejo, o medico d'este navio examinou e descreveu os ferimentos dos nossos companheiros infelizes.

Os nossos camaradas aggreddidos pelos portuguezes a bordo da golêta argentina estavam todos, á excepção do tenente Paula Barros, que levava uma velha navalha de marinheiro para cortar as boças que prendiam a golêta argentina á corveta portugueza, completamente desarmados. Um cidadão argentino, tripulante da golêta «Pepito Donato», revoltado com a aggressão brutal de que eram victimas os brasileiros que se encontravam a seu lado em aguas da sua patria, chamou a attenção do nosso valente camarada João Vianna para uma pequena faca de cosinha que se achava a um canto da golêta e com a qual se armou fazendo recuar oito alentados marinheiros portuguezes, que até então o esbordoaram desapidadamente. Em meio d'esta scena terrivel, um triste episodio se destacou de todos os outros: estando o nosso digno camarada o 1º tenente Gentil de Paiva Meira a lutar com a correntada impetuosa para alcançar a golêta argentina, todas as vezes que chegava a alcançar o leme da referida embarcação era espancado na cabeça por um marinheiro portuguez armado de um pau! Felizmente, foi ainda a tempo repellido esse perverso marinheiro e o bravo official logrou subir á golêta argentina, auxiliado por seus camaradas que faziam de seus corpos trincheiras para

salvar um companheiro da morte certa que o esperava. O nosso camarada dr. J. Botelho foi igualmente retirado das aguas já a grande distancia do navio portuguez.

Eis, Senhor Almirante, a descripção succinta dos factos passados com os nossos camaradas, asylados a bordo da corveta portugueza «Affonso de Albuquerque»!!! por ella verá V. Ex.^a quão caro nos tem custado este asylo transformado em dura e ingrata prisão.

Utiliso-me do ensejo para apresentar a V. Ex.^a em meu nome e em nome de todos os meus camaradas, respeitos e saudações muito affectuosas.

Bordo da corveta «Affonso de Albuquerque», ancorada em frente á Punta d'el Indio, na embocadura do Prata, 14 de abril de 1894. *Joaquim Franco.*

NOTA I

A revolta da Armada e a Restauração

UMA CARTA DO GENERAL ARTHUR OSCAR

«Rio, 8 de dezembro de 1901 — Snr. redactor d'*O Paiz* — Cumprimento-vos -- Desde amanhã deve estar na redacção d'*O Paiz*, á curiosidade dos que a desejarem apreciar, a carta do almirante Saldanha da Gama em que declara ao conselheiro Silveira Martins que as columnas de Gumerindo e de Salgado, reunidas ás forças da esquadra, conseguiram expellir de Santa Catharina os exercitos de Arthur Oscar ao sul e de Pinheiro Machado ao norte.

E' justo, pois, que acceiteis a rectificação :

O almirante errou naturalmente levado pela exageração das noticias que lhe chegaram.

O general de divisão Luiz Alves Leite de Oliveira Salgado, que despiu a farda do exercito e que é hoje coronel-commandante do 9º de infantaria do exercito, nunca me expelliu de parte alguma.

Ao chegar ás Torres, com a divisão do centro, então do meu commando, tive noticia de que um pequeno navio da esquadra revoltosa, *Itapemirim*, armado em guerra, occupara a foz do Araranguá, havendo ainda forças de infantaria inimiga que procuravam sustar a minha marcha para o Tubarão, Estado de Santa Catharina.

Atravessei o Mampituba e ao chegar a 6 de novembro ao Araranguá acceitei o combate que me offereceu o *Itapemirim*, ás 11 horas da noite, em frente ao morro dos Conventos, sendo este navio auxiliado por uma força de infantaria que me hostilizava da margem e que obedecia a um maior Corpes. O navio foi repellido e subiu o rio e a força de infantaria inimiga calou-se.

No dia seguinte, descendo o navio, sustentou pequeno combate com uma força collocada na barra do Rio Negro, sob o commando do coronel Portugal, hoje general honorario, e bombardeou-nos, talvez uma hora, sendo esse bombardeio respondido sem vantagens.

Pelas duas horas da tarde, o navio conseguiu forçar a barra, debaixo de uma tremenda saraivada de balas, que affrontou galbardamente e que faz honra a seu commandante, que pôde dizer os prejuizos que teve.

Pela minha parte, por muito inverosimil que seja, garanto que nessas jornadas não tive perdas.

Nesse mesmo dia 7, comecei a preparar-me para passar a força para a margem opposta, sendo obrigado a fazer uma balsa com duas canôas imprestáveis.

As condições desse rio naquella quadra, conhecidas de todos os maritimos, demoraram a passagem que só terminou a 12, em que marchei.

A 17, occupei á viva força a estiva do Cubiculo, posição tremenda, se soubessem aproveitá-la, e, a 18 á tarde, tomava conta do Tubarão, evacuado naquella occasião e um pouco apressadamente pelo general Salgado, que deixou seu jantar na meza, o qual foi aproveitado pela minha vanguarda.

Occupada a cidade de Tubarão e em quanto esperava ordens e reforços, fiz occupar Nova Veneza e obstruir uma ponte da serra do Oratorio, não tendo sido incommodado pelo general Salgado a não ser para impedir dois reconhecimentos seus, um pelo rio e outro pela estrada de ferro, nada tendo aliás reconhecido.

A 6 de dezembro, quando esperava reforços, recebi ordem para retirar ~~para~~ Torres.

Respeitosamente fiz ver ao ministro que me achava bem ali, apenas precisando de algum reforço para proseguir; mas a ordem foi reiterada e tive que obedecer. Chegando, porém, ao Araranguá, montei a minha machina telegraphica e ponderei ao benemerito marechal Francisco Antonio de Moura, então ministro da guerra, que d'ali podia fazer muito mal a Salgado, além de conseguir outras vantagens e que, portanto, ali me deixasse e mandasse algum recurso de gente e de boca; a resposta foi terminante, no sentido de ir guarnecer a villa de Torres, no Rio Grande, e, portanto, só me restava obedecer. E o fiz, trazendo todo o grande numero dos meus doentes.

Retirando-me do Tubarão a 8, só a 11 o inimigo percebeu isso; e, se é assim, como é que se escreve que fui expellido por Salgado ? !

O almirante fala tambem no seu exercito, como se vê de uma carta escripta por mim, das Torres, ao Exmo. marechal Julio Frota, senador da Republica, a quem peço venia para, da cópia da dita carta, transcrever o seguinte topico: «Sou o unico general de linha que actualmente está em campanha aqui, no Rio Grande; ainda não fui batido e o não quero nem o devo ser; Salgado está na Laguna com 2 ou 3.000 homens,

além da força inimiga que existe na serra ; tenho pedido dez vezes para marchar desde que me dêem algum auxilio, no entanto nada me dão e fico reduzido a commandar 900 homens de linha, meio cansados e 100 homens de guarda nacional desarmados e sem instrução».

Eis ahi o meu exercito !

Agora, Snr. redactor, como estais publicando, como subsidio para a historia, documentos sobre a revolta da armada e a revolução rio-grandense, permiti-me dizer-vos o seguinte, que faço pesando bem cada uma das minhas palavras e sem odio : Para mim, nunca tive duvidas sobre os intuitos da revolução do Rio Grande e da revolta da armada : eram monarchistas.

A revolução estalou a 6 de fevereiro de 1893. Como coronel commandante da 7ª brigada da divisão do norte, em maio, e a proposito da batalha de Inhanduhy, baixei uma ordem do dia, sob numero 6, de 3 do mesmo mez, na qual se encontra o seguinte topico : «Lutastes com um inimigo que nas divisas do seu chapée trazia a seguinte inscripção : «Viva o imperio, salve a monarchia, abaixo a anarchia e morram os republicanos; mas vós sois os soldados da lei e filhos queridos da Republica».

Os portadores dessas divisas foram mortos na frente do trinta de infantaria e essas divisas apresentadas ao glorioso general Francisco Rodrigues Lima, commandante da divisão. Este resolveu mandal-as para o presidente do Estado afim de expol-as na *Federação* de Porto Alegre. Eu pedi-lhe que as mandasse para um jornal da Capital Federal, afim de serem mais publicas; mas, contra a minha opinião, havia as de Pinheiro Machado, João e Fernando Abbott, Apparicio Mariense e outros, e as divisas foram expostas na *Federação* e só a gente de Porto Alegre soube disso, mas eu consignei o facto na minha ordem do dia numero 6 e até hoje ninguém contestou.

Outro episodio : Ao atravessar o Araranguá depois dos combates desse nome, em uma casa de negocio da margem, especie de quartel-general dos revoltosos, foi encontrada sobre uma mesa de marmore, cuidadosamente dobrada uma grande bandeira da monarchia. Mandeí desdobral-a e collocar no chão em frente á guarda da divisão, para que fosse vista por todos. Viram-na, pois, o 4º, 11º e 25º de infantaria de linha a toda a brigada Portugal. Appello para esses batalhões.

O que não comprehenderei nunca, é para que os republicanos têm divisas com vivas á monarchia e bandeiras de monarchia.

Sempre vosso, general Arthur Oscar — Rua Joaquim Meyer n. 20».

Em resposta a esta carta, assim se exprimio o capitão de fragata Benjamin de Mello, que, durante a revolução, exercera o cargo de secretario de Saldanha da Gama :

Em villegiatura pela heroica terra dos Andradas, deparou-se-me no *O Paiz* de ante-hontem a carta do bravo general Arthur Oscar, na qual se lê uma affirmação positiva sobre os intuitos monarchicos da revolta da armada.

Não só o alto valor, que tem a palavra de S. Ex. como tambem o papel que as circumstancias me fizeram representar junto ao grande e saudoso almirante Saldanha da Gama, de quem fui secretario na phase mais importante do movimento da esquadra libertadora, obrigam-me a trazer meu testemunho sobre factos que se passaram na intimidade.

O bravo general, depois de historiar suas evoluções nos Estados do sul — contestando as apreciações de uma carta de Saldanha, anteriormente publicada, diz que o almirante errou naturalmente levado pela exageração das noticias que lhe chegavam.

A outros compete a elucidación de tudo quanto se refere á campanha terrestre; o humilde autor destas linhas não tomaria da penna sem as seguintes considerações finaes da carta :

Diz o bravo general: «Agora, Snr. redactor, como estaes publicando, como subsidio para a historia, documentos sobre a revolta da armada e a revolução rio-grandense, permitti-me dizer-vos o seguinte, que faço pesando bem cada uma de minhas palavras e sem odio: Para mim nunca tive duvida sobre os intuitos da revolução do Rio Grande e da revolta da armada : eram monarchistas.»

Para justificar tão categorica e positiva affirmação, passa S. Ex. a fornecer os *subsidios historicos* que possue :

São os seguintes :

PRIMEIRO — A transcripção de um trecho de sua propria ordem do dia n. 6 de 3 de maio de 1893, ainda fumegante do sangue fraticida na qual diz :

«Lutastes com um inimigo que nas divisas de seu chapéo trazia a seguinte inscripção : Viva o imperador, salve a monarchia, abaixo a anarchia e morram os republicanos».

SEGUNDO — Que, ao atravessar o Araranguá em 6 de novembro de 1893, encontrou em uma casa de negocio, sobre uma mesa de marmore, cuidadosamente guardada, uma grande bandeira da monarchia.

São esses, só esses, textualmente esses, os dois *subsídios históricos* fornecidos na carta publicada pelo bravo general, na qual S. Ex., *pesando bem cada uma de suas palavras e sem odio*, faz a seguinte profissão de fé :— Para mim, diz S. Ex., nunca tive duvidas, sobre os intuitos da revolução rio-grandense e da revolta da armada : eram monarchistas.

Já dissemos que a outros compete elucidar o que se passou nas campinas do sul; quando, porém, inclue a revolta da armada, o bravo general não fez mais do que afirmar a sua crença, mas nenhum subsídio trouxe capaz de confirmal-a.

Senão vejamos:

Cita S. Ex., no primeiro *subsídio histórico* que enumeramos, sua ordem do dia de 3 de maio de 1893, escripta, portanto, quatro mezes antes da revolta, que, como todos sabem, teve seu inicio em 6 de setembro desse anno ; nada prova, portanto, quanto a ella, que *non natus erat*.

Resta, pois, o segundo subsídio fornecido por S. Ex., aquelle que citamos textualmente, de se encontrar, «sobre a mesa de marmore, cuidadosamente guardada uma bandeira monarchista», facto que, aliás, teria explicação facil para qualquer espirito desprevinido, mas que passou-se tambem muito longe da esquadra, que operava no Rio, em 6 de novembro, ao passo que a manifestação de Saldanha, se deu mais de um mez depois, isto é, em 7 de dezembro desse mesmo anno de 1893, e, antes della, não se attribuia ao almirante Custodio de Mello intuitos monarchicos.

Fica, pois, estabelecido que a carta do bravo general nenhum subsídio histórico forneceu para provar que a revolta da armada era monarchista.

Com o que fica exposto, estaria terminada a nossa missão, caso não sentissemos a necessidade de um respeitoso appello ao bravo general, que fulgura entre as mais elevadas patentes do nosso glorioso exercito; e, pessoalmente, posso fazel-o, lembrando o saudoso nome de um amigo, o tenente coronel Senna Madureira, de cuja communhão de vistas e idéas tive a honra de participar, no intuito de conservar sempre unida as duas maiores forças nacionaes: o exercito e a marinha.

Foi, ao lado do mallogrado Senna Madureira, aquelle que com os mais nobres intuitos mais alto levantou a agitação em defesa dos brios militares, que eram os brios nacionaes, ainda antes de 15 de novembro de 1899 e aproximando-se de Benjamin Constant e Deodoro, para só

falar nos mortos illustres, que tomou lugar o signatario destas linhas, então 1º tenente da armada. Disso pódem dar testemunho muitos dos mais gloriosos officiaes do nosso exercito, que hoje merecidamente occupam as mais altas posições na Republica.

Quem escreve estas linhas tomou parte na revolução contra a dictadura do marechal Floriano Peixoto, quando se convenceu de que essa autoridade usurpava os mais sagrados direitos de seus concidadãos.

Militar e cidadão, não podia dar o seu apoio a um poder tyrannico; a sua consciencia ordenava-lhe o sacrificio completo, que não hesitou em fazer; bem ou mal, procurou cumprir o seu dever; combateu a dictadura e não a Republica—seu ideal desde a mocidade, e que é o governo do respeito á lei, e não da obediencia aos caprichos de um homem.

Esteve na esquadra revolucionaria e traz o seu testemunho.

Não é possivel que, da culminancia do generalato brasileiro, parta o alarma das desconfianças contra os marinheiros da nação.

Exercito e marinha formam o grande nucleo do povo, a congregação do saber e da previsão de tudo quanto se refere aos serviços da defeza e grandeza nacionaes.

Essa deve ser a nobre missão do militar na Republica, principalmente em um paiz cuja nacionalidade em formação precisa contrariar tantos interesses apparelhados para impedirem o seu desenvolvimento e afim de que a actividade de seus compatriotas encontre segurança na estabilidade das instituições e, á sombra de todas as garantias de cidadão, possa contribuir para a evolução e grandeza da patria, tornando-a digna do respeito que se tributa aos povos organizados e capazes de contribuir para o progresso da humanidade, influindo no concerto universal das nações civilizadas.

Sejamos todos unidos; não alimentemos vans desconfianças nem perseguições, e já ninguém conspirará contra a Republica, á cuja sombra podemos colher tamanhos beneficios — *Benjamin de Mello.*»

Os asylados em Portugal

A parte, em que tratamos dos incidentes havidos em Portugal com os asylados da *Mindello* e da *Affonso de Albuquerque*, mereceu os seguintes reparos de Ruy Barbosa:

«Exmo. Sr. Redactor d'O Paiz — Creio poder afirmar que está em erro o seu collaborador A. Z. na autoria, que me imputa, do protesto por elle attribuido ao meu amigo o Sr. Benjamin de Mello. Cuido que esse illustre official nenhum protesto formulou perante o governo portuguez. Mas, se acaso neste ponto me falta a memoria, não pôde enganar-me no testemunho, que me presta, de que nem esse nem outro qualquer papel escrevi, naquella conjunctura, para esse official. Provavelmente a informação quereria alludir (ahi o equivoco) ao memorial de representação, que, para ser apresentada ao governo portuguez, elaborei a pedido dos officiaes brasileiros presos a bordo da *Mindello*, quando este navio chegou ás aguas do Tejo, e ali os visitei. Procurei, nesse escripto, mostrar, com os principios, os factos e as autoridades do direito internacional, que o gabinete de Lisboa exorbitava dos seus direitos, convertendo o asylo em prisão de guerra. Mas, desse trabalho escripto a correr, da noite para o dia, asim de ser entregue aos nossos conterraneos, antes de recolhidos ás praças militares que os aguardavam, não deixei rascunho. Entreguei-o ás partes como costume com os meus trabalhos forenses, tal qual e no mesmo papel, em que me saiu da penna. Se alguém extrahiui cópia, não sei. Ouvi que fôra transcripto numa folha portugueza. Mas ignoro se realmente o foi. Delle, o que posso dizer é que não tinha o mais leve character politico: era o arazoado meramente juridico da questão, com a insufficiencia e os defeitos naturaes a um improviso alinhavado num quarto de hotel, sem o subsidio dos livros. Os nossos patricios não podiam curtir sem defesa a violencia que soffreram. Ainda que mal, em falta de outrem, era força que eu o fizesse. Cumpri o meu dever, como pude. — De V. Ex. patricio attento e affectuoso, *Ruy Barbosa*».

Publicada esta carta, achou-se no dever de vir tambem a imprensa o capitão de fragata Benjamin de Mello. Eis as suas observações:

«S. Vicente, 24 de dezembro de 1901 — Snr. redactor — Aqui, onde estou, chegou-me hoje *O Paiz* de 19 do corrente e apresso-me em pedir junto ao vosso collaborador, que, sob as iniciaes A. Z., trata com tanta perspicacia da revolta da armada, a gentileza de explicar dois pontos de sua exposição.

Um delles refere-se a 400 libras que me foram entregues por um amigo de Saldanha, em Lisbôa; não foram 400 libras, mas 400\$, dinheiro portuguez, recebendo o espontaneo doador, que felizmente ainda ali vive, os agradecimentos em carta do proprio almirante de quem não quiz acccitar pagamento.

Outro ponto é a confirmação da carta, que tive o prazer de encontrar nessa mesma secção. do nosso eminente compatriota Dr. Ruy Barbosa, de cuja amizade me honro e desvaneço pela immensa admiração e respeito que tributo aos talentos e virtudes do grande brasileiro; carta na qual, com prodigiosa clareza de memoria, lembra as verdadeiras circumstancias em que redigiu as razões de direito endereçadas ao governo portuguez pelos officiaes ainda presos em um navio de guerra no porto de Lisbôa e antes de serem remettidos para Elvas e Peniche.

Não sei si esse trabalho, que tive a honra de ler, e, autorizado, delle mandei cópia ao almirante Saldanha, que nessa occasião chegava a Hespanha, foi ou não até hoje publicado; sei, porém, que foi entregue ao governo portuguez, o qual guardou sobre elle o mais completo sigillo pelo menos nessa occasião.

Pena será que não mais se encontre documento de tão alto valor juridico, emanado do generoso publicista que, pressuroso, como sempre, acudiu aos patricios com a luz brilhante de seu saber, em prol da justiça e do direito, que nesta terra não encontram mais abnegado apostolo — De vosso patricio affectuoso, obrigado e grato — *Berthamin de Mello.*»

NOTA K

Ruy Barboza e o Governo Portuguez

«Rio, 13 de dezembro de 1901 — Exmo. Snr. redactor d'*O Paiz* — Não quero demorar-me em contestar a V. Ex. o direito, que o proprio almirante Saldanha da Gama não teria. ante as nossas leis e os principios universaes no assumpto, de expor á publicidade a minha confidencial estampada hoje nas columnas da sua folha. Consummado o facto, pouco me adiantaria, para o caso, discutir-lhe a legitimidade.

Desde que veio, porém, a lume esse documento, escripto na confiança de relações inviolaveis, convem dar aos seus leitores idéas das circumstancias, que o inspiraram.

Já *O Paiz* descreveu a scena da expulsão de Benjamin de Mello, intimado, ás 7 horas da manhã, para deixar o territorio portuguez ás 7 horas, pelo expresso, e deu, nos excerptos publicados, a amostra da brutalidade, com que eramos tratados ali por certos jornaes. cujo proceder evidentemente não consultava os sentimentos de seus compatriotas. Mas isso não é tudo.

Deixando Buenos-Aires em março de 1894 com destino á Europa, meu intuito era ir aguardar em Londres a volta ao Brazil. Mas o nosso encontro em Lisbôa com uma irmã de minha mulher (então ali residente), e um accesso de gripe que a prostrou por mais de um mez, seguido de longa convalescença, durante a qual os medicos lhe prohibiram a viagem, detiveram-me forçadamente naquella capital. Nesse meio tempo, tambem adoeci de uma enfermidade que reuniu em conferencia tres das summidades medicas lisbonenses: O Dr. Tavares, o Dr. Serrano e o sabio Souza Martins. Quando a presença de Benjamin de Mello assanhou contra mim a incivilidade de certos jornalistas, estava eu em termos de soffrer uma operação, ajustada com o primeiro desses tres illustres facultativos.

Vivia, pois, exclusivamente para os meus deveres domesticos e as poucas relações contraidas naquella terra, pela qual todos os que comigo privam, bem conhecem as minhas sympathias, sem me occupar absolutamente, nem com a revolução, que sempre considerei morta desde a rendição de Saldanha da Gama, nem com a politica brasileira,

em cujo campo eu bem via não haver nada que oppor á dictadura vencedora.

Mas ninguem, entretanto, poderia suppor que eu houvesse renunciado ao meu coração de brasileiro, ao amor da minha. Patria, á solidariiedade com a sua honra. Esses affectos não se obliteram com o desterro; magoam-se e sangram. D'ahi os espinhos da minha situação em Portugal e a vehemencia do meu desafoço naquella expansão intima, agora divulgada sem connivencia minha.

Quando os commandados de Saldanha da Gama romperam, da maneira que se sabe, nas aguas do Prata, o sequestro militar, em que indevidamente se converteraço asylo da *Mindello*, pagina inolvidavel da fidalguia portugueza, jornalistas houve, naquelle torrão de tradições tão grandes, que não hesitaram em frechar os nossos heroicos e cavalleirescos officiaes de marinha com a vilta de *cobardes e desleaes*. Na injuria evidentemente se envolvia o brío da nossa armada, o lustre da sua farda, o justo orgulho de seu paiz. Brasileiro, publicista, senador da Republica, devia eu, podia emudecer? Entendendo que não, corri á imprensa, cujas portas, havia muito, me abrira o *Correio da Manhã*, a folha de Pinheiro Chagas, onde, no dia seguinte, o 1º de maio de 1894, sahia a publico, sob a epigraphie de *Justiça aos vencidos*, com a reinvidicação da verdade, a defesa dos ultrajados. Eu puzera nesse escripto a reflexão, a serenidade e a cortezia de um papel diplomatico. Rendera, com effusão sincera, todas as homenagens á nação portugueza. Levantara bem alto a sua bandeira. Guardara todas as attensões devidas ao seu governo. Mas, discutindo juridicamente a especie, mostrara o erro deste perante o direito das gentes e a justiça do recurso contra elle empregado. Que outra impressão devia despertar a minha attitude, se não a da sympathia, ou a do respeito?

Outra estou certo de que não causou na sociedade portugueza. Mas, na mesma tarde, o jornal apontado como orgão do ministro do reino me advertia de que «refugiado politico», eu devia abster-me de me occupar de *questões de politica portugueza*. Não me respondiam: applicavam-me a mordaça. E, ao passo que, com essa intimação, reduzião ao silencio a defesa, na manhã immediata os prelos da aggressão reiteravam contra os nossos officiaes, a affronta da *cobardia e deslealdade*.

Entrementes, annunciaram os telegrammas da America do Sul a resolução tomada por Saldanha da Gama, com aquella gentileza que tão singularmente lhe esmaltava a bravura, de levar á presença do soberano portuguez os seus agradecimentos e as suas explicações pelo incidente de Montevideo. Para logo, porém, se soube, se affirmou e,

creio, se imprimiu que o monarcha portuguez o não receberia, que os seus ministros se não avistariam com elle e que o seu governo o não toleraria em terra lusitana. Parece-me que não estavamos no caso de pagar por desaire tamanho, como o de ver o mais popular, senão o maior, dos nossos almirantes, expulso vilipendiosamente daquellas fronteiras, como pouco depois, o seu secretario veio a ser; e então, sem relações de especie alguma com elle, ousei telegraphar-lhe aconselhando-lhe desistisse da sua excursão a Lisboa. Creio foi essa minha intervenção, recebida por elle á ultima hora, o que desviou d'ahi para a Hespanha o curso da sua viagem.

Pouco depois, chegava áquella cidade Benjamin de Mello. Só uma incumbencia ali o levava: substituir a Saldanha da Gama na projectada visita ao governo portuguez. Já *O Paiz* narrou como o acolheram e trataram. Eramos dois expatriados, que se encontravam. Relações assim contrahidas não custam a passar da camaradagem á amizade. Mas outro espirito não tinham as que não fiz com aquelle digno official. Comtudo, não tardou que fôssemos apontados como dois perigosos machinadores contra as boas relações entre dois povos, como dois criminosos ligados em artificiosa conspirata para a evasão dos officiaes brasileiros postos a bom recato nas praças militares de Sagres e Peniche. Isso de Lisboa, e sósinhos! contra o governo, a policia e o exercito portuguez. Então começou a guerra quotidiana de picuinhas, de acintes, de offensas, de mentiras ao hospede amordaçado. Não lhe poz termo a expulsão de Benjamin de Mello. Foi preciso que eu despejasse da minha odiosa presença aquelle torrão amigo e generoso.

Não o fiz, todavia, sem me despedir da sociedade portugueza, que eu sabia estranha a essas miserias, levando a um dos seus mais eminentes homens de Estado, o conselheiro Dias Ferreira, com quem me coubera a honra de travar relações, o meu magoado adeus. Tranquilisou-me S. Ex., disse-me que ficasse, assegurou-me que as vespas republicanas, empenhadas em me ferroar, não interpretavam os sentimentos do povo, e que o governo me não incommodaria. Agradei, e fui-me, como me cumpria.

Ahi tem V. explicação o amargor das impressões, que dictaram a minha missiva a Saldanha da Gama. Não; não me senti jamais (como parece insinuar A. Z.) de que nem o mundo politico, nem o mundo intellectual, entre os nossos irmãos de ultramar, dessem fê da minha passagem,

Os obsequios da notoriedade no estrangeiro não compensam os seus encargos. Dos prazeres que nos grangeia o viajar, não conheço nenhum mais suave que o de atravessar desconhecido o borborinho do mundo. Nunca experimentei mais exquisita satisfação que a da minha obscuridade absoluta, nos doze mezes em que respirei, solitario e ignorado, na Inglaterra, o ambiente da vida ingleza. Avesso por indole a manifestações e cortejos, a solemnidades e exhibições, que evito sempre em minha própria terra, não me era difficil conformar-me ao vazio do desterro. Sensivel á delicadeza e ás reservas da minha posição de foragido, observei-as, em toda parte, com cuidado, buscando nas compensações da vida interior, atravez da sua melancolia, a fortaleza e a esperança.

Lisbôa favorecia-me com o seu céu, com o seu Tejo, com a sua paizagem, com a cultura do seu povo, com o seu horizonte da civilização européa. Que mais ali poderia eu ambicionar? Nada, senão o respeito ao infortunio de um expatriado, que soffria o exilio com dignidade, e ao socego de um hospede, que não violava as leis do paiz, onde se abrigara.

Isso nunca me faltou da parte da sociedade lisbonense, bem alheia á politica assustadiça dos seus ministros e ao exotico florianismo dos seus republicanos — De V. admirador attento e obrigado—*Ruy Barbosa*».

Fim do primeiro volume

INDICE



PREAMBULO.....	3
CAPITULO I — <i>Adhesão de Saldanha da Gama á revolta de 6 de Setembro — O manifesto de 7 Dezembro e a carta circular aos corpos da guarnição — Relações do Almirante com o exercito — Uma rememoração historica — O gabinete Sinimbú e a Armada — Saldanha suspeito ao imperio — Perseguições do visconde de Ouro Preto e de Laffayette — A questão militar — As conspirações na Republica — Deodoro e a marinha — uma moção.....</i>	9
CAPITULO II — <i>Situação moral da esquadra — Dez dias de vacillações e de incertezas — Explorações dos jornaes — Difficuldades de communicação — Projecto de um manifesto — Em mãos de Silveira Martins — Um autographo curioso — O secretario do almirante — Carta aberta ao general Cesario Alvim — O Dr. Americo Luz e a imprensa mineira — Documentos enterrados — Mallogro da publicação.....</i>	17
CAPITULO III — <i>Missão secreta ao Rio da Prata — Primeira carta de Saldanha da Gama a Silveira Martins — O guarda-marinha Burlamaqui — Novo plano estrategico — Aquisição de forças de terra — Os federalistas em Nictheroy — Complicações com as esquadras estrangeiras — Dois episodios ignorados — Conflicto com a Divisão Americana.....</i>	23
CAPITULO IV — <i>Posição desesperada — Os monarchistas e os auxilios á revolta — Propostas de recursos — Emissão de duzentos mil contos — Recusa de Saldanha — O combate da Armação — O almirante Custodio — Accentuação de divergencias — A esquadra de fóra e a esquadra do porto — Fracasso da expedição á Bahia — Signaes desattendidos — Rumo do Sul.</i>	29

CAPITULO V — *O dia 11 de março — Rendição imminente—
Offertas officiosas— Reunião de officiaes brasileiros— Saldanha
da Gama e Benjamin de Mello— Os navios francezes e inglezes
— Preferencia aos portuguezes — Pedido official de asylo —
Uma proposta de capitulação — Um desmentido historico — A
acta do asylo — Abandono das posições — Para os mares do
Prata.....*

35

CAPITULO VI — *Chegada ao Rio da Prata — Horrores a
bordo — Mortos e moribundos — Reclamações dos medicos
— Telegramma de Saldanha da Gama — Resposta do Go-
verno Portuguez— Fuga de asylados— A sabre e a bayoneta
— Os emigrados de terra—Dissenções intestinas—Os grupos—
Uma carta curiosa — O deputado Seabra — Estado moral
do almirante — Retrahimento manifesto — Uma carta de
Silveira Martins.....*

41

CAPITULO VII — *De bordo da «Mindello»—Resposta de Sal-
danha da Gama a Silveira Martins— Suas opiniões sobre os
vasos portuguezes — Historico da viagem — Recusa do desem-
barque dos doentes e feridos — Máos tratos na «Affonso de
Albuquerque — Fome, sede e frio — A fuga — Repressão a mão
armada — Barbaridades inauditas — Procedimento correcto
da guarnição da «Mindello» — A rendição no Rio de Janeiro
— Explicação do desastre — Illusão de Silveira Martins — Dois
erros fundamentaes — Apoio de Saldanha da Gama aos federa-
listas — Condições preliminares — O conflicto argentino-lusi-
tano — O «Pedro III» — Novo embuste do governo portuguez
— Revelações finaes.....*

47

CAPITULO VIII — *A esquadra do almirante Mello—Entrada
em Buenos Ayres — Grandes festas e acclamações — Impressão
entre os asylados — Seu transporte para além-mar — Inde-
cisões do governo portuguez — Situação aguda — Um tele-
gramma inedito — O marquez do Rio Maior e o gabinete de
Lisbôa — Preparativos de fuga — Terceiro protesto do almi-
rante Saldanha ao commandante da «Mindello — Ameaça in-
directa — No «Pedro III» — Retirada a peito descoberto.....*

55

CAPITULO IX — *No lazareto da ilha das Flores — Carta de Saldanha da Gama ao commandante Castilho — Motivos da evasão — Um telegramma ao governo portuguez — Os ultimos asylados — Nova tentativa de fuga — A tripulação do Pedro III — Marinheiros suspeitos — Embriaguez e suborno — Revolta a bordo — Um telegramma falso — Descoberta da cilada — A partida.....* 61

CAPITULO X — *Em terras platinas — Situação precaria dos officiaes e alumnos — Escassez de recursos — As finanças da revolução — As familias dos aspirantes — Recusas de auxilios — Carta de Silveira Martins — Offerta de fundos — Despezas imprevistas — Novos desastres — Em Santa Catharina e no Paraná — A revolução rio-grandense — Gumerindo e Pinheiro Machado.....* 67

CAPITULO XI — *Vesania revolucionaria — Um episodio curioso — Conspiração de generaes uruguayos — Um exercito de quatro mil homens — Convite a Saldanha da Gama — O commando em chefe — Recusa do almirante — Sua attitude ante a nova phase da revolução federalista — Uma divisa.....* 71

CAPITULO XII — *Reunião solemne dos caudilhos federalistas — A direcção das forças — Convite de Silveira Martins a Saldanha da Gama — Terceira carta do almirante — Aceitação da proposta — Condições — Um dever de honra — Viagem a Portugal — Resgate dos ultimos asylados — Nova phase da revolução — Um unico plano — Indiscreções e levandades perigosas — Um artigo do Siglo — Reservas necessarias — A partida de Saldanha.....* 75

CAPITULO XIII — *A perda do Paraná — Um documento curioso — Publica-fórma do termo de verificação e inhumação dos fuzilados do Pico do Diabo — Autographos de Silveira Martins — Uma publicação mallograda.....* 81

CAPITULO XIV — *Em Portugal — Chegada do secretario de Saldanha — Os ultimos asylados — Nas prisões de Elvas e Peniche — Violencias e perseguições — Um manifesto — Estado dos espiritos — Attitude aggressiva da imprensa — Benjamin de Mello e o presidente do conselho — Declarações importantes — O governo portuguez e o marechal Floriano — Desenganos e desillusões.....* 87

CAPITULO XV—*No hotel Matta—Encontro com Ruy Barbosa — Um documento notavel — Novo protesto ao governo portuguez — Vigilancia da policia — Ataques da imprensa — Insultos a Saldanha da Gama — Benjamin de Mello e o redactor d'A Vanguarda — Carta inedita — Um desafio — A honra da marinha brasileira.....* 93

CAPITULO XVI—*Ainda em Portugal—Expulsão de Benjamin de Mello — Partida para a Hespanha — Ameaças a Ruy Barbosa — Carta deste ao almirante Saldanha — Sua opinião sobre a imprensa e o governo de Portugal — Specimens de jornaes —Notas á margem — Retirada de Ruy Barbosa de Lisboa.....* 99

CAPITULO XVII—*O almirante Saldanha da Gama na Europa —Chegada a Barcelona—Cartas de aviso—Telegrammas de Ruy Barbosa — Alarmas da imprensa — Medidas do governo portuguez — Expulsão preparada— Queixas dos asylos— Estado dos feridos — A familia portugueza — Um coração magnanimo — A colonia brasileira e os emigrados — Vacillação do almirante — Desistencia da viagem a Lisboa — Um documento importante — Para Paris.....* 105

CAPITULO XVIII—*De Madrid— Ultimo protesto de Saldanha da Gama ao governo portuguez—Recapitulação de factos—O direito de asylo e o gabinete de Lisboa — O conflicto luso-brazilero — As ameaças do marechal Floriano — Transviamento da opinião — Os apodos da imprensa — Medidas vexatorias — A volta da razão e da justiça — Considerações finaes.....* 109

APPENDICE

Nota A	— O Almirante Custodio de Mello.....	117
Nota B	— Adhesão de Willegaignon á Revolta.....	125
Nota C	— Saldanha da Gama e os alumnos da Escola Naval..	127
Nota D	— O pronunciamento de Saldanha.....	131
Nota E	— Conflictos com o Almirante norte-americano.....	135
Nota F	— O Commandante Alexandrino.....	141
Nota G	— A fuga dos Asylados.....	167
Nota H	— As violencias soffridas pelos asylados a bordo da corveta <i>Affonso de Albuquerque</i> — Protesto de Saldanha.....	185
Nota I	— A revolta da Armada e a Restauração.....	191
Nota J	— Os Asylados em Portugal.....	197
Nota K	— Ruy Barbosa e o Governo Portuguez.....	199

